Lya Luft

Em outras palavras

CRÔNICAS

da autora de Perdas & Ganhos



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Lya Luft | *Em outras palavras*

3ª edição

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2006

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L975o Luft, Lya, 1938-
Em outras palavras [recurso eletrônico] / Lya Luft. – 3ª ed.– Rio de Janeiro: Record, 2011.
Recurso digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-09372-1 (recurso eletrônico)

1. Crônica brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

11-0194 *CDD: 869.98*
CDU: 821.134.3(81)-8

Copyright © Lya Luft, 2006

Projeto de capa: Evelyn Grumach
Preparação de capa: Tatiana Podlubny
Projeto gráfico da versão impressa: Evelyn Grumach e Carolina Ferman
Ilustração de capa: Pintura de Lena Bergstein

Todos os direitos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09372-1



Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e recebe informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Para Sergio Bermudes,
meu irmão

Sumário

a) *Abertura*
b) *Cavalo-marinho*

1 Em outras palavras
2 Nossas muitas fomes
3 Família: conflito e transformação
4 Por sermos imperfeitos
5 Anjos montando porcos
6 A República dos Rabos Presos
7 Baleias sim, mas eu prefiro gente
8 Homem, mulher ou pessoa?
9 Por um pouco de limites
10 Casacas para virar
11 “Música para camaleões”

12 Honrar o pai
13 Pena sem pena
14 Senhores das palavras
15 As paixões humanas
16 Violência: quem nos protegerá?
17 Faxinando mitos
18 Mais sobre mitos
19 Transgressões positivas
20 Passagem
21 Coleira nas crianças
22 Fênix
23 Alegria ou aflição de espírito?
24 Abaixo da margem inferior
25 O feio vício
26 Esses meninos são nossos
27 Tão jovem, a morte
28 Rotular para descartar
29 Macho & fêmea
30 Mistério ou realidade?
31 Pecado mais-do-que-capital
32 O privilégio de ser humano
33 O gato comeu
34 Versões e inversões: filhos agressivos

35 A feira das bondades
36 Caio F. (como ele gostava)
37 Tirem as crianças da sala
38 Sobre a amizade
39 Para onde vamos, feito cegos?
40 “O menino é pai do homem”
41 Na República dos Alucinados
42 Uma trégua para a alegria
43 Alguém sabe
44 Quanto merecemos
45 Incômodo e belo
46 A conquista da velhice
47 Nós, os índios
48 Álcool & Cia.
49 Mãe ignorância
50 Quem ama, cuida
51 O meu boné
52 A morte da velha dama
53 Onde somos reis
54 Podemos ser Picasso

Abertura

Convidada para escrever na revista *Veja,* indaguei, sem muito pensar na resposta, quantos leitores ela teria: descobri que assinantes fixos são mais ou menos um milhão, além de quase trezentos mil compradores avulsos.

No primeiro momento fiquei paralisada.

Impossível escrever pensando nesse número, pois cada assinante teria possivelmente em sua casa ou círculo de relações mais outros dois, ou quatro com quem haveria de dividir a leitura.

Como tantas vezes, meu impulso foi recusar. Estava tão tranqüila a minha vida, pra que botar a cara na janela tanto assim?

Telefonei a meus filhos, e a resposta dos três foi mais ou menos parecida:

> “Mamãe, só há dois motivos para recusar um convite desses: preguiça ou covardia. Preguiçosa você é, um pouco (risos). Covarde, nunca. Você adora um desafio, portanto vai em frente.”

A palavra de quem me conhece tanto foi decisiva.

Agora, aqui reúno 54 textos baseados nos que publiquei na coluna Ponto de Vista da *Veja*, com algumas alterações. Pois faz parte de meus vícios burilar meus textos enquanto for possível: pelo prazer, e pelo respeito a mim mesma e ao meu leitor — não importa se é em romance ou ensaio, poema ou crônica.

Os artigos são muitas vezes auto-referentes: o que aproxima o leitor, e o faz pensar, acertadamente, o quanto somos, embora diversos, tão parecidos.

As velhas paixões humanas não devem diferir muito das que nos animaram ou devastaram séculos atrás, até milênios: medo e prazer, instinto de morte ou de sobrevivência, afeto e aversão. Desejo de poder, vontade de sumir ou de ser o centro do mundo: tão carentes e às vezes tão plenos.

Não sou uma colunista política, mas tendo acesso a uma revista de tal circulação e prestígio, devo, e posso, dividir com os leitores minhas preocupações ou receios com relação à coisa pública, pois ela me atinge como parte deste país em crise.

Em nenhum de meus romances, poesias, crônicas e ensaios, escrevi especialmente para homens, para mulheres, jovens ou velhos: meu interlocutor é simplesmente um ser humano desejoso, como eu, de questionar o mundo, e disso todos somos capazes.

Em outras palavras: novamente peço que venham pensar comigo sobre temas que me inquietam, me assustam ou me apaixonam — o que é afinal quase a mesma coisa.

Lya Luft, 2006

Cavalo-marinho

O mar do pensamento
é turvo de desencanto
e claro de paixão.
Não é azul nem verde:
é fatal.

Ilhas de utopia,
praias de naufrágio,
e o cavalo do mar
entre escolhas e espantos:
tanto e tão fundo,
tão bem e tão mal.

1 | *Em outras palavras*

Para organizar este volume interrompi a feitura de um livro na linha de *O rio do meio* e *Perdas & ganhos*: um ensaio sobre palavras e silêncio, complementares como bons amantes, e adiei o projeto de um livro de contos, sempre seduzida pela ficção.

Brinco e trabalho, sonho e me exercito com frases e entrelinhas desde que recordo: são material de minha profissão, de meu encantamento e de minha perplexidade. Pois o que pode separar também liga, o que deveria significar harmonia pode maltratar.

Como nós humanos, palavras se transformam feito pedras roladas em fundo

de rio: o vulgar torna-se belo, o comum cai na lata de lixo dos palavrões de mau gosto, o necessário é esquecido e o raro vem para a mesa como a manteiga e o pão.

Silêncios por sua vez promovem contatos amorosos ou erguem barreiras como lanças espetadas. O silêncio pode ser bom de curtir gente, arte ou natureza, ou de fazer descobertas transformadoras em nós mesmos; mas pode ser o silêncio do suicida que queria dizer: venha me socorrer... mas não havia ninguém.

Conheço o silêncio positivo dos casais que não precisam de muitas palavras, porque se entendem pelo olhar, e são felizes simplesmente estando lado a lado. Escutei o silêncio mau das famílias onde não se respeita o outro, dos casais ligados apenas pelo acomodamento; o silêncio humilhante dos locais de trabalho onde a competitividade é cruel; o silêncio perverso da mentira pública, quando culpados enveredam pela trilha da negação do mais-que-evidente e até confessado, que lesou nosso bolso e nossa dignidade.

Mulheres traídas, homens pouco amados, pais arrogantes e brutais ou eternamente críticos (também se bate com palavras), mães amargas ou obsessivamente controladoras, patrões gananciosos, funcionários insatisfeitos... todas as formas de desrespeito expresso ou subliminar tendem a reproduzir atitudes semelhantes. E os conceitos, coração das palavras, vão-se transformando nesse campo de batalha: o dito, o não-dito, o jamais comunicado.

Lançar uma palavra aos quatro ventos, como se entendêssemos do que se trata, não quer dizer que a gente viva segundo ela. A ética, por exemplo, nestes dias há de estar nos contemplando consternada, pobre senhora: não do Olimpo dos deuses inatingíveis, mas nas esquinas da nossa tresloucada humanidade, onde a abandonamos em troca de comportamentos perversos.

Temos dificuldade em lidar com o silêncio: ele ressoa mal no vazio do nosso interior. Embora seja difícil de curtir (ah, a música ao vivo, a praia com alto-falantes, a ginástica dirigida, os brinquedos comandados, a diversão atordoante em casa, no clube, no mar...), é nele que nos humanizamos — pela palavra certa, a palavra boa, a palavra respeitosa mas firme.

O medo de errar muitas vezes nos leva ao erro, e o desejo excessivo de acertar nos rouba a naturalidade: calamos quando seria melhor falar, falamos quando teria sido melhor dizer alguma coisa, qualquer coisa.

Mas nem sempre sabemos a hora, a palavra, a pessoa certa.

Assim como solidão não precisa significar isolamento, silêncio não precisa ser um corte: pode ser nossa melhor maneira de falar, naquele momento, com aquele interlocutor. Aí ele não compreende, e, mais uma vez, somos incomunicáveis.

Calar pode ser um bom exercício para nossa mente aflita de tantas informações, paralisada entre tantas escolhas, dilacerada em transformações vertiginosas como as deste tempo nosso.

Pensar sobre nós e nossa vida é um exercício: o que eu realmente desejaria ser, e o que posso fazer? Como chegar perto de mim, eu mesmo, esse que está sempre por ser descoberto?

Pode ser um bom começo ouvir a chuva no telhado, a pessoa amada vindo pelo corredor, e a consciência que fala ao nosso coração — quando ele está atento.

2 | *Nossas muitas fomes*

Do meu cômodo posto de observadora — e o duro posto de cidadã, onerada de altíssimos impostos, contas a pagar, perplexidade e insegurança, e otimismo anêmico —, quero expandir o conceito de fome.

A fome, as fomes: de dignidade, a essencial. De casa, saúde e educação, as básicas. Mas — não menos importantes — a fome de conhecimento, de possibilidades de escolha. Fome de confiança, ah, essa não dá para esquecer. Poder confiar no guarda, nas autoridades, nos pais e no país, e também nos filhos. Em nós mesmos, se nos acharmos merecedores.

Confiar em quem votei, e em quem não recebeu meu voto: ser digno não é

vantagem, é obrigação básica. Andamos tão desencantados, que ser decente parece virtude, ser honesto ganha medalha, e ser mais ou menos coerente merece aplausos.

Fome de conhecimento: não é alfabetizado quem apenas assina o nome, mas quem assina o que leu e compreendeu. De outro modo, perigo à vista. Não cursa uma verdadeira escola quem dela sai para a vida sem saber pensar, argumentar e discernir.

A primeira condição para viver melhor é conhecer mais coisas, inclusive sobre a própria situação e as possibilidades de mudar. Não tomando, invadindo e assaltando, mas crescendo enquanto ser humano e membro produtivo da comunidade: família, trabalho, cidade, país.

Informar-se faz parte disso, de ser integrado, de integrar-se. É tomar contato com a realidade diretamente, não apenas com o que os outros relatam ou inventam. É assistir ou escutar notícias não como quem tateia no escuro, mas com ouvidos de quem deseja entender.

Informar-se é também ler: ler como se come o pão cotidiano, ainda que seja o jornal esquecido no banco da praça.

Não creio que a violência que assola este país e nos transforma em ratos assustados seja simplesmente fruto da fome de comida, mas da fome de auto-estima. A violência internacional, emblematizada no terrorismo, nasce entre outras coisas da combinação de ideologia torta e fanatismo. A ideologia nem sempre comanda a morte, nem sempre desconserta o intelecto: sendo positiva, ilumina e estimula, assim como a outra degola inocentes, explode crianças e se orgulha disso.

Andamos acuados pela brutalidade que transcende os limites urbanos, atingindo lugares bucólicos que antes pareciam paraísos intocáveis: você pensa em comprar um sítio? Inclua nesse pacote o caseiro, os cães, alarmes e quem sabe cerca eletrificada. Se for uma fazenda, cave trincheiras e contrate guardas. De preferência, more na cidade mais próxima, rodeado de toda uma parafernália de segurança, ou lançando-se na vida (isto é, saindo à rua) com audácia de guerreiro medieval.

Teremos paz, essa nossa grande fome?

Neste momento estou descrente, embora batalhe por isso do jeito que posso. É dos deveres básicos de qualquer pessoa, tentar a paz em si mesmo e ao seu redor, sem necessariamente desfraldar bandeiras, mas existindo e agindo como um ser pacífico (não confundam com pusilânime!). Se posso ser agregadora — iniciando pela família e amigos —, não devo espalhar ressentimento; se quero a paz, não posso transmitir rancor.

Tudo começa, como dizem, em casa: desde quando ela era uma primitiva caverna, e nós uns trogloditas um pouco menos disfarçados do que hoje, com fomes bem mais simples de satisfazer.

3 | *Família: conflito e transformação*

Em nossas opções se revela o que pensamos merecer: relação amorosa, trabalho, prazer, tipo de vida, família que constituímos, como nos cuidamos ou como nos destruímos.

Em fases diversas faríamos escolhas diferentes: alguns valores mudam junto conosco.

A família, esse chão sobre o qual caminharemos pelo resto da vida, mais esburacado ou mais sólido, mais ensolarado ou mais sombrio, não é uma escolha nossa.

Nascemos nesse grupo, com o qual eventualmente nem gostaríamos de conviver. Por ele somos parcialmente moldados, condenados ou salvos. Dele nos

ficarão memórias ternas, o necessário otimismo e segurança, ou auto-estima baixa e processos destrutivos.

Esse pequeno território é nosso campo de treinamento como seres humanos, num misto de amor e guerra: embora sendo do mesmo sangue, pais, irmãos e filhos não são necessariamente da mesma raça espiritual.

Para indagar o que seria uma família positiva (não gosto dos termos “normal” nem “saudável”), deixemos de lado os estereótipos da família sem conflito. Vamos esquecer a mãe vitimizada que gera culpa e raiva, o pai provedor tantas vezes sem espaço para ter, ele próprio, carinho e escuta, e os filhos talentosos, gentis e equilibrados.

Mesmo sem nada disso, a boa família é possível.

Como a definir? Como aquela que, mesmo se não nos compreende e até desaprova alguma escolha nossa, nos faz sentir: lá sou aceito e respeitado, lá me querem, lá tenho um lugar.

Idealização? Não creio. Fantasia é esperar que pais, irmãos e também filhos nos amem sem condições, nos aprovem integralmente, cuidem de nós a qualquer preço e queiram antes de tudo o nosso bem. A mãe não é invariavelmente uma santa, o pai um varão exemplar, o filho um cidadão estabelecido e sempre a postos quando os adultos esperam respeito ou precisam de carinho.

Pai e mãe são apenas humanos. Filhos são apenas humanos.

Crescendo saudavelmente, os filhos serão menos centrados nos pais do que em sua própria vida, e isso é bom: não é desamor, é amadurecimento e autonomia. A nós adultos cabe ter para eles ombro ou colo quando precisarem, sem estorvar quando buscam seus caminhos, eventualmente até controlando nossa angústia pelo destino deles.

Vale mencionar o que desejamos para eles: que sejam ricos, poderosos, belos e admirados, ou simplesmente felizes? Que conquistem a glória que nós ambicionamos, ou que sigam seu próprio caminho?

Nenhuma relação subsiste — a não ser doente — sem conflitos na busca dos espaços individuais. A família atual tem boas chances de transformação positiva. Não precisamos ficar juntos por preconceito, acomodação ou culpa, mas porque

nos faz bem, porque nos torna seres humanos melhores, capazes de ter — e dar — mais alegria.

Mesmo que nos separemos, ou porque filhos vivem suas vidas ou porque às vezes pais se separam (sem deixar de ser pai e mãe daqueles filhos), alguma forma de afeto pode persistir, e expandir-se como respeito e aceitação.

Assisti recentemente, com grande tristeza mas admiração ainda maior, pai e mãe, separados mas amigos, despedindo-se de uma filha muitíssimo amada, morta em plena juventude.

Sofriam uma perda inimaginável, que lembrava a todos nós, seus amigos, a nossa própria assustadora fragilidade. Nunca esquecerei a postura desses pais no sofrimento, os cuidados um com o outro, a inclusão de amigos e novos cônjuges no seu momento trágico, assim prestando uma homenagem ainda mais especial à filha que perdiam.

Seria comum essa transformação e multiplicação de afetos, na dor e na alegria, se em lugar de egoístas e confusos, fôssemos maduros e equilibrados.

Mas nesse caso, escritores, psiquiatras, antropólogos, sociólogos e tantos outros profissionais da alma humana ficariam privados de uma intrigante fonte de trabalho e reflexão.

4 | *Por sermos imperfeitos*

A perfeição seria o tédio, e desse, sim, eu poderia morrer, para bocejar até o final dos tempos contemplando a ordem celeste: anjos rechonchudos naquela disciplina, ninguém dando um escorregão, ninguém botando a língua pra São Pedro, nem o próprio solta um palavrãozinho ao bater o pé em uma nuvem mais escura, o raio lhe chamuscando o calcanhar?

Eu quando criança morria de medo dessa ordem impenetrável na qual não haveria lugar para mim.

Porque somos imperfeitos, podemos melhorar. Podemos aprender formas melhores de convívio e de amor. Podemos até mesmo superar adições, que são a

servidão do corpo e da alma.

Outro dia conheci um grupo de homens e mulheres, dos mais variados níveis culturais e sociais, que fizeram da imperfeição a sua razão de vitória. Das pedras que tiveram e têm de quebrar construíram seu caminho, alguns até seu castelo. Gente que se livrou — ou ainda luta para se libertar — da adição química, qualquer que seja, não importa se álcool ou outra droga.

Reúnem-se em grupos nos quais se exerce a humildade, a sinceridade, o respeito, e a fé em algo melhor: senti-me privilegiada podendo estar com eles, mais para aprender do que falar.

Nós, que não vivemos o drama da adição química, como somos ignorantes, preconceituosos, rápidos em condenar e superficiais no compreender. Com isso disfarçamos nossos próprios medos, em lugar de os enfrentar como fazem esses anônimos guerreiros.

Fingimos ser superiores, batendo grandes papos sobre dinheiro, futebol, sacanagem, política, ninguém levando porrada — como diria Fernando, o Pessoa. Não estamos nem aí. Botamos tapa-olhos para não enxergar o que se passa, vestimos máscaras para que a verdade não nos cuspa na cara, e nos defendemos do rumor que nos ameaça, botando fones de ouvido enquanto caminhamos na esteira para ficarmos em forma.

Mas temos medo e solidão; como país, presenciamos escândalos nunca antes vistos, temos nossa confiança duramente abalada. A violência é cotidiana, o narcotráfico nos ameaça, mais pessoas foram assassinadas por aqui do que nas guerras ao redor do mundo nos últimos anos. Andamos encolhidos dentro de casa.

Estão cada vez mais altos os muros do medo e do silêncio.

Não acho que antes fosse o paraíso, mas nunca vi tão escrachada corrupção e tão aberta impunidade.

A gente se lamenta, dá palpites e entrevistas, organiza seminários. Resultado? Parece que nenhum. Melhor não saber a quem a situação interessa, nem por que sugestões e explicações insólitas aparecem e desaparecem das páginas de jornal e telas de televisão.

Quando nada se pode fazer, optamos pela resignação. Mas sou da tribo (não tão pequena) dos que não se conformam. Não acredito em revolução, a não ser pessoal. Em algumas coisas sou antipaticamente individualista. Não sou boazinha, e quem julga meus livros bonzinhos está lendo com os óculos da sua própria burrice. Mas acho que quando o complicado não resolve pode-se tentar o mais simples. Às vezes ser simples é original.

Cada vez que, seja por trágica dependência, seja por aquilo que minha velha mãe chamava “fazer-se de interessante”, um de nós consome uma droga qualquer (mesmo o cigarrinho de maconha dividido com a turma) está botando no cano de uma arma a bala — perdida ou não — que vai matar uma criança, uma mãe de família, um trabalhador. Nosso filho, quem sabe.

É uma afirmação dura? É. A vida pode ser muito dura, e, pior que isso, cada um de nós é responsável.

Num jantar, há muitos anos, um conhecido desabafou, com grande culpa, que costumava fazer-se de pai amigão fumando maconha com os filhos quando adolescentes, para estar mais próximo deles. Um dos meninos sofreu gravíssimos problemas de adição pelo resto da vida.

O pai era culpado? Não creio. Nas tragédias familiares só há vítimas, embora alguns devam ser mais responsáveis do que outros. A vida não é tão simples, nem eu sou, de longe, moralista. Mas a gente brinca demais à beira do abismo.

Voltando ao começo deste artigo: os que me chamaram para falar, ouvir e aprender, renovaram minha convicção de que na questão da violência ligada ao narcotráfico, portanto ao uso de drogas, sermos os eternos queixosos que não fazem nada é outra forma de violência — perigosa porque sutil.

É colaborar com os que vão nos atingir no coração: diretamente com uma bala, ou com a morte praticamente anunciada de alguém que amamos.

5 | *Anjos montando porcos*

Não é original dizer que somos feras mal domesticadas: homens e mulheres das cavernas, com um mísero verniz que a qualquer contato estala, revelando couro e pêlos, dentes prontos para dilacerar.

O Velho, isto é, o próprio Freud, sabia disso ao estudar a criatura chamada alma humana, com suas paixões, sua morbidez e seus encantos, tudo brotando da sombra do inconsciente, com magia ou perversão.

Nos sonhos revelam-se algumas coisas. “Sonhos são espumas” escutei muitas vezes, no tempo em que avós sentenciosas previam chuva, vento, morte, nascimento, com uma sabedoria atávica tantas vezes confirmada que eu acabava

acreditando.

Pensei nisso lendo sobre as atrocidades cometidas contra prisioneiros em prisões locais ou internacionais. Não hão de ser piores do que as que se cometem contra os seqüestrados, estuprados e assassinados, nem mais cruéis que a secreta brutalidade exercida ali onde devíamos ter conforto e refúgio: a família, a casa.

O tema da violência familiar ocupa páginas de jornal, teses de psicologia, sites de internet. Minha alma se arrepia até a raiz de seus últimos cabelos: quem somos, quem nos habita, que monstro é esse, muito mais antigo do que a mais antiga memória de nosso inconsciente?

Que animal somos, muito mais feroz do que o mais tremendo habitante do período jurássico?

Mora em nós um ser das cavernas, controlado ou louco. Morava em mim quando, criança de cinco ou seis anos, eu puxava uma pobre minhoca pelas duas pontas (qual a cabeça, qual o rabo?) até ela rebentar soltando uma gosma amarelada. Prendia um pedaço ainda vivo no anzol de alfinete, e pescava ao lado de meu pai no lago no fundo de nossa propriedade.

Dali víamos os morros azuis ao redor da cidadezinha: neles moravam o unicórnio, as princesas, os anões, a Branca de Neve. Mas também Joãozinho e Maria abandonados pelo pai e a mãe porque havia pouca comida.

E assim começava o terror.

Há muita diferença entre a menina de seis anos rasgando minhocas para pôr no anzol e pescar lambaris, soldados torturando prisioneiros, não importa a nacionalidade, a bandeira, a ideologia, a religião, ou bandidos torturando mulheres e até crianças aqui perto de nós.

Mas alguma sombra nos habita, a todos.

O perverso atávico não se revela só num *serial-killer* mas no corrupto em todas as instâncias; no que trai o amigo por ambicionar seu cargo; na mulher que calunia por ressentimento; no político ou governante que é cúmplice ou agente de corrupção; em alguém querendo ver o circo pegar fogo.

Embora sejamos tantas vezes capazes do belo, até do extraordinário, algo espreita em nós, pronto para o salto, a mordida, o gosto de sangue na boca e o

brilho demente no olhar. Quer o sofrimento da vítima, aprecia seus gritos, goza com sua humilhação, inflama-se no próprio cinismo: é o monstruoso que precisamos, a cada hora de cada dia, ainda, domesticar.

Como se fará isso? Sendo, mais do que bichos ferozes, gente. O homem é um anjo montado num porco, disse Tomás de Aquino: de vez em quando essa precária situação desanda, e aí salve-se quem puder.

Salvemo-nos.

6 | *A República dos Rabos Presos*

Andamos falando demais, e mal; usamos frivolamente termos perigosos e abusamos das palavras de respeito; a chamada língua-mãe está demais rebaixada, e olha que nunca fui purista, pois sou apaixonada por palavras.

Exageramos nos clichês e nos rótulos, geralmente burros e pobres, embora às vezes necessários — como tantas coisas pobres e burras que é preciso suportar neste mundo.

Usar o termo “elites”, por exemplo, requer muito cuidado. É temerário empregá-lo como se falássemos de uma entidade abstrata, bicho-papão pra assustar — não criancinhas, mas os desavisados. Usamos a palavra sem sequer a definir direito. O conceito “elite” significa “o melhor, os melhores”, o que não

envolve necessariamente dinheiro nem sede de poder, muito menos arrogância, mas decência, por exemplo. Honradez, pudor e consciência, por exemplo. Boa educação e cortesia também, não vamos esquecer.

Nada disso é privilégio de ricos e poderosos.

O que deve nos assustar é o predomínio de um tipo de ralé: a da hipocrisia, da ambição e do cinismo, que passa por cima do cadáver — não da mãe, mas do povo e da pátria. Não somos tão bobos assim.

Falas delirantes, acusações falsas e auto-elogios pueris enganarão cada vez menos os mais pobres e menos informados. Eles começam a querer coisa melhor.

Paira no ar uma — espero que passageira — sensação de que tudo poderá se resolver nos velhos moldes do grande PIP, o Partido do Interesse Próprio. Estabelecem-se pactos dos quais nós comuns mortais em outros tempos nada saberíamos. Com parte da imprensa avisando, e alguns políticos honrados reclamando, ninguém mais vai poder dizer: eu não sabia.

E à medida que os crimes forem comprovados, que sejam varridos os elementos maus de todos os lados, eliminados de seus cargos os corruptos, os incompetentes, e os omissos — que são seus cúmplices.

A anunciada investigação de dinheiros mal ganhos, mal aplicados e malvistos, acabando com a tolerância com os malfeitores, não pode acabar numa ciranda geral, em que os enganadores dançam segurando o rabo do vizinho.

Ou afundaremos todos juntos num mar morno e de odor suspeito, de onde não se retorna fácil.

Se as conseqüências de tudo isso que vemos não forem tiradas, vamos naufragar, cúmplices do cinismo que vai recobrir esta boa terra — enquanto o povo trabalha com salários indecentes mas paga impostos, acredita em promessas mas morre nas filas, e nossos jovens deixam um país que não lhes dá estímulo, para eventualmente vegetar em terra estrangeira.

Não é hora de falar de esquerda, direita, centro, elite ou povão, termos caducos e mofados, mas da faxina moral e institucional sem a qual seremos meros sobreviventes: todos nós, os enganados e os enganadores, humilhados

habitantes da República dos Rabos Presos.

7 | *Baleias sim, mas eu prefiro gente*

Não sei se me comove (mas me inquieta) ver pessoas acorrendo, torcendo, chorando porque uma baleia está encalhada e ameaçada de morrer nas areias de qualquer lugar do mundo.

Sinto pena pelo sofrimento do bicho, mas sempre imagino se fariam tanto alarido caso houvesse em seu lugar um ser humano.

Lamento toda a ameaça a qualquer espécie em extinção, embora, olhando a história das espécies, me pareça natural que algumas desapareçam e outras surjam. Se cometo um pecado maior de ignorância, sou afinal apenas uma escritora.

Sei que não vão me achar muito simpática, mas eu não sou sempre

simpática. Aliás, se não gosto de grosseria nem de vulgaridade, também desconfio dos politicamente corretos. Todo fanatismo me assusta.

Não posso ver bicho sofrendo: sempre curti animais, fui criada com eles. Na casa onde nasci e cresci, em certo momento, na minha remota infância, tive até uma coruja, chamada, sabe Deus por quê, Sebastião: quase branca, aquele olho revirando. Fugiu da enorme gaiola especialmente construída para ela quando apareceu por ali com uma asa quebrada. Assim que ficou curada e conseguiu uma frestinha, escapou. Por muitos dias eu a procurei no topo das árvores, doída de saudade.

Na ilhota no mínimo lago no fundo do terreno, viveu a certa altura um casal de veadinhos, presente de um fazendeiro amigo de meu pai. (Os fanáticos vão considerar isso grande crueldade.) Um dos bichinhos também fugiu, o outro morreu pouco depois. Segundo o jardineiro, morreu de saudade do fujão: primeira visão infantil de um amor romeu-e-julieta.

Tive uma gata chamada Adelaide, nome da sofredora personagem de uma novela de rádio que fazia suspirar minha avó, e que meu irmão pequeno matou (a gata), nunca entendi como: uma das primeiras tragédias de que tive conhecimento.

De modo que animais fazem parte de minha história, com muitas aventuras, divertimento, e alguma emoção.

Mas vamos às baleias e golfinhos encalhados: pessoas torcem as mãos, chegam máquinas variadas para içar os bichos, aplicam-se lençóis molhados, abrem-se manchetes em jornais, televisões comentam tudo em horário nobre. O público, presente ou em casa, acompanha como se fosse alguém da família, e quando o fim chega, é lamentado quase com pêsames e oração.

Confesso que não consigo me comover da mesma forma: pouca sensibilidade? Não creiam, mesmo os que não me apreciam, não creiam nisso.

Não é que eu ache que sofrimento de animal não valha a pena, a solidariedade, o dinheiro. Mas eu preferia que tudo isso fosse gasto com eles *depois de não haver mais nenhuma criança sofrendo*, abandonada ou explorada, enfiando a cara no vidro de meu carro para pedir dinheiro, nenhum adolescente

morrendo drogado na calçada, uma família morando embaixo da ponte no inverno aqui do Sul.

Tenho certeza de que um mendigo morrendo na beira da praia causaria menos agitação do que uma baleia. Nenhum Greenpeace defensor de humanos se moveria, aliás bandido aqui tem mais defensores do que suas vítimas.

Não haveria manchete especial nem dinheiro graúdo para ele. Uma ambulância levaria várias horas para chegar, o corpo tapado por jornal, quem sabe uma vela acesa. Curiosidade, rostos virados, um sentimentozinho de culpa, possivelmente irritação: cadê as autoridades, ninguém toma providências?

Diante de um morto humano, ou um candidato a morto na calçada, a gente se protege com uma armadura emocional feito aquela, concreta, de Joana d'Arc, que acabou na fogueira porque, sendo santa, tinha de ser assada, furada, espetada, esfolada viva. Santas e bruxas eram no final mais ou menos a mesma coisa: a mesma ameaça à mediocridade e à acomodação, ninguém querendo mexer com suas certezas.

Que canseira, a repetição dos nossos padrões, séculos afora.

De modo que (perdão!) vejo sem um entusiasmo ardente as campanhas em favor dos animais — enquanto se deletarem tão facilmente os humanos.

8 | *Homem, mulher ou pessoa?*

O assunto “mulher” tem produzido entrevistas, livros, seminários, mas não parece se esgotar: como tudo que é humano, fundamenta-se no imprevisto e no inatingível.

Debatemos, brigamos e nos confundimos no terreno complexo do que é o “feminino”; queremos saber se existe, por exemplo, um desejo, uma psique, até uma literatura feminina. (Faz parte do folclore a meu respeito dizer que escrevo para mulheres, ou pior: para “mulheres maduras”. Quanta tolice.)

Por outro lado, não vejo maior curiosidade sobre uma literatura masculina. Nem vejo a questão masculino/feminino debatida no terreno das artes plásticas, da engenharia, da medicina. Não se discute, que eu saiba, uma engenharia

feminina, ou se arquitetas só podem desenhar casas ou interiores para mulheres.

Mulher produz trabalhos mais amenos e doces; homens, em contrapartida, seguem caminhos mais vigorosos e objetivos? Se ainda pensamos assim, mesmo de longe, está na hora de mudar, correndo-correndo.

É como ser humano que devo questionar o que faço, o que pretendo, que significado posso dar à minha vida. As particularidades biopsíquicas de cada gênero são uma complementação, não a essência. Dessa perspectiva, o tema semelhanças e diferenças entre os gêneros pode ser abordado com mais equilíbrio, relativa lucidez e até algum bom humor.

Escrevi em *O rio do meio,* irmão mais velho de *Perdas & ganhos,* que a solidão do homem tem a medida da solidão de sua mulher. Não se pode falar num, sem pensar no outro. As mudanças não se efetuam sobre o gênero feminino da raça humana, mas — inevitavelmente — sobre os dois. Ocorrem em toda a sociedade, aliás, onde tudo é interdependente.

Quanto às mulheres, tudo, menos ambicionar ser a mulher-maravilha: ela é inevitavelmente uma chata. Somos assolados pela propaganda dessa figura assustadora: um monte Everest de perfeições, linda e competente, sensual e grande profissional, independente mas disponível, romântica mas vigilante, devotada, abnegada, vitimal... Não parece alguém que a gente possa amar, com quem se possa dar risada, jogar conversa fora, namorar, aconchegar-se, fazer descobertas desafiadoras ou sofrer perdas dolorosas, caminhar pela vida, até, quem sabe, envelhecer — se esse ser perfeito envelhecesse, claro.

Depois de ter estudado a alma humana, com grande curiosidade em relação à feminina, Freud perguntou, já aos oitenta anos: “Afinal, o que quer uma mulher?” Não se perca esforço e tempo com demasiadas teorias procurando encontrar a resposta, pois, se existir, ela mudará de pessoa para pessoa, de cultura para cultura, às vezes de ano para ano.

Homem ou mulher, homossexual ou heterossexual, latino, europeu ou oriental, todos temos algumas ansiedades básicas que nos tornam irmãos: desejo de segurança e de comida. Depois disso, como franjas, como complementos que mudam de cultura a cultura, vêm desejo de afeto e sentido, de poder, de espaço,

tempo e dinheiro como disse Virginia Woolf em seu imperdível *Um teto todo seu*. Desejo de ter alguma importância, para alguém ao menos. Desejo de imortalidade — mas esse é um luxo.

Esses impulsos e desejos são diferentes em nuances e intensidade em homens e mulheres? Creio que sim. Porém viver é mais importante do que compreender, a realidade é mais plena do que a teoria, que deve ser perseguida com inteligência, mas sem redundar em aflição e tumulto vazio.

A discussão homem/mulher é válida para que nem um nem outro se sinta objeto ou possuidor, melhor ou pior, mandante ou servo. Nem haja desculpas para lamentação e vitimização do tipo “ah, eu te dei a minha juventude, eu me sacrifiquei”, da parte das mulheres; nem o velho “eu não te deixo faltar nada, ora bolas!” da parte dos homens — mas a gente cresça em companheirismo, respeito e afeto.

Porém só se conseguirmos nos pensar e avaliar primeiro como pessoas, poderemos nos enxergar como homem ou como mulher. Sem ambicionar nada de fixo, resolvido, indiscutível: seremos sempre, um para o outro e para nós mesmos, desafio e mistério, por isso mesmo sedução. Quando isso faltar, ficamos hostis, ou choramingamos, perdidos e solitários.

Voltando à indagação de Freud: não saber exatamente o que queremos, mas procurar, achar e perder, e continuar buscando, na mais saudável inquietação, é que torna a vida tão fascinante, e a faz valer a pena.

9 | *Por um pouco de limites*

Sempre que devo falar em educação lembro o que dizia um velho e experiente professor: “Se numa turma de trinta alunos faço um aprender a pensar, me dou por satisfeito.”

Não sou modelo de vida escolar. Não fui boa aluna. Passei a gostar de estudar quase na faculdade, em geral fui medíocre. Das coisas positivas que me marcaram naqueles tempos, uma foram limites sensatos, outra a autoridade bondosa. Nada a ver com autoritarismo, desrespeito ou controle abusivo.

Fui rebelde num tempo em que criança dormia cedo, nunca discordava dos pais, menina deixava seu quarto impecável, bordava com mãos de fada, e aprendia a ser uma moça tranqüila, obedecendo ao futuro marido com a mesma

graça com que obedecia aos adultos.

Eu não era nada disso: meu problema era a indisciplina. Coisas inocentes da perspectiva atual, como rir em aula, dificuldade em ficar quieta, achar graça onde ninguém via graça nenhuma, não gostar de cumprir deveres sem entender o seu sentido, e me entediar mortalmente na maioria das vezes. Sonhar olhando pela janela com vontade de estar em casa lendo debaixo das árvores ou aconchegada no meu quarto, ah aquela cama embutida em prateleiras.

Mesmo assim, havia algo de reconfortante em existir um tipo de ordem e algumas exigências, evitando que, montada na vassoura da fantasia e do precoce desejo de independência, eu sumisse no ar ou nas páginas de algum livro.

O colégio era severo: não cruel. Estudava-se muito. Aos 11 anos comecei a aprender latim, que me ajudaria a compreender melhor meu próprio idioma, entre outras coisas, e aos 12 decorávamos poemas em francês, alguns dos quais até hoje recordo (mal).

Em ciências exatas meu fracasso era espetacular. Meu bom professor de matemática, que me deu intermináveis séries de aulas particulares, lamentava-se com meu pai: “Essa menina não é burra, mas não aprende nada, só fica me olhando com olhar meio desamparado.”

Décadas depois, interrogada por jornalistas a respeito de meu desempenho escolar, minha mãe respondeu com bom humor e muito realismo: “Ah, ela era aluna nota vírgula.”

E explicou: eu estava sempre precisando de nota para ser aprovada em matemática e ciências, e — achava ela — por compaixão os professores me davam o décimo faltante. Eu precisava nota cinco, davam cinco vírgula um; precisava de três, vinha um três vírgula quatro. A vírgula me salvava da reprovação (segundo minha mãe).

Repetir o ano era o horror dos horrores. Para a meninada de hoje isso deve soar quase irreal. A gente recebia nota, sim, não conceitos vagos. Era reprovada, sim, com certa facilidade, o que significava um exame de segunda época no período das esperadas férias de verão, e uma enorme possibilidade de repetir o ano — máximo opróbrio.

Hoje, é preciso esforçar-se para conseguir uma reprovação. Repetir o ano? Quase impossível.

Muito de uma psicologia mal interpretada quis nos provar, pelos anos sessenta, que não dá para traumatizar crianças e jovens: têm de aprender brincando, também em casa nada de autoridade ou pressão. Esqueceu-se que a vida não é brincadeira, e o colégio — como a família — deveria preparar para ela. Transformou-se aliás a escola num reduto familiar: professoras são tias, e muitas vezes a bagunça é generalizada porque na família é assim.

Um pouco de ordem na infância e adolescência, em casa, na escola e na sociedade em geral, ajudaria a aliviar a perplexidade e angústia daquelas fases. Respeito deveria ser natural e geral, começando em casa — onde freqüentemente as crianças comandam o espetáculo.

O exemplo vem de cima, e nisso estamos mal. Corrupção e impunidade são o modelo que se nos oferece publicamente. Se pais pudessem instaurar uma ordem, amorosa mas firme, entendendo que limites ajudam a dar sentido às coisas, estariam sendo pais bem melhores do que sendo eternamente condescendentes.

Aliás, na família começaria o melhor currículo, a melhor ferramenta para a vida: enxergar, escutar e questionar. Nem calar a boca como antigamente, nem gritar ou bagunçar ou ofender: dialogar, comunicar-se com naturalidade com irmãos, pais e outros. Isso estimularia a melhor arma para enfrentar o tsunami de informações, das mais positivas às mais loucas, que enfrentamos todos os dias: discernimento.

O resto, meus caros, pode vir depois: apesar de todas as teorias, nomenclaturas, modernidades e instrumentação, é ornamento, é detalhe.

Pouco servirá para quem não aprendeu a analisar e argumentar, com mais chances de se orientar neste caótico e admirável mundo nosso.

10 | *Casacas para virar*

Não aprecio a política, pelo menos não do jeito como a exercemos: interesseira e no mínimo ambígua.

Fazem parte das ambigüidades o trânsito natural de políticos de um partido a outro, e as fusões tumultuadas e alianças incongruentes que armam entre si os partidos. Foi-se o caráter, foi-se a marca, a espinha dorsal murchou, a ética entrou em óbito.

Na minha adolescência tínhamos partidos que representavam a direita, o centro e a esquerda. As coisas eram claras, vestia-se a camiseta e morria-se por ela — ou com ela. Dizia-se de alguns políticos que eram velhas raposas, mas muitos eram honrados. Quem sabe então se fizesse uma política mais próxima

do seu sentido real: buscar o bem da comunidade.

Aqui e ali aparecem entre nós homens daquela estirpe, resistindo à bandalheira quase generalizada, mas podemos contá-los nos dedos.

Naquele tempo, do qual aliás não cultivo maior saudade porque saudosismo nostálgico não é do meu feitio, um parente meu mudou de partido, pois o novo lhe permitia algo com que ele há tempo sonhava em vão: financiar a construção de um hospital, único na sua cidade.

O fato era tão raro e causou tanta comoção, que, apesar desse bem para a comunidade, ele ficou no ostracismo pelo resto da vida, acusado até pelos beneficiados de algo gravíssimo naqueles idos: “Vira-casaca.”

Era a marca do opróbrio.

O termo perdeu a força porque viram-se casacas políticas o tempo todo aos ventos dos interesses pessoais e de ideologias confusas, com muito menos pudor do que se trocaria a roupa íntima num palco. Perdida entre ervas daninhas, a confiabilidade entra pelo ralo junto com tantos outros velhos conceitos que, de sólidos e eternos, passaram a pífios e passageiros.

Meu pai, advogado conhecido, resolveu, também naquela época, aceitar convites insistentes de seu partido para se candidatar a um cargo político. Sua campanha — isso eu lembro — baseava-se em não mentir, não enganar, não prometer impossíveis, não abusar da confiança do eleitor. Era um homem honrado, meu velho pai.

Naturalmente ele perdeu as eleições para alguém que era quase um crápula, todos sabiam disso, mas foi quem venceu.

Desde então não aprecio a nossa prática política, e a paisagem que agora diviso é de chorar. De um lado, despreparados que chegaram ao poder, espantados com tamanha sorte; de outro lado, corruptos delirantes de alegria por ali estarem. Esfregam as mãos: agora, sim! No meio de tudo isso, os despreparados-corruptos, dos quais nem sei o que dizer.

O povo brasileiro — eu, você, nós, eles — contempla sem grande esperança o que acontece no palco, sem saber dos suspeitos bastidores: do espetáculo, financiado pelo nosso bolso, temos apenas uma pálida noção.

Nós, espectadores e atingidos, sustentamos a farsa: impostos embutidos até nos alimentos e remédios, na água da nossa sede, no preço do seguro-saúde e da escola particular, pois se a coisa particular não anda boa, a pública há muito desandou. Projetos para salvá-la são abstrusos ou perigosos.

Senhores, acreditem: o que estamos vendo, e nos ofende, é, usando de um clichê, apenas a cabeça de uma montanha de gelo que, revelada e derretida, vai nos cobrir — não de água, mas de vergonha, se a conseguirmos ainda encontrar.

A gente podia mudar de partido, mas ainda que dê vontade de virar a casaca, não temos mais dessas elegantes vestes — que representavam linhas de conduta e ideais, ou, pelo menos, idéias — no atual cenário de caras-de-pau e bonezinhos marotos, confiabilidade de chinelo e honradez naufragando numa canoa furada.

11 | *"Música para camaleões"*

O título acima é de um livro de Truman Capote, escritor americano de quem traduzi uma comovente biografia.

O camaleão parece um pequeno lagarto, e tem a capacidade de mudar de cor conforme o ambiente em que está: casca de árvore, capim verde, pedra escura. Assim salva o couro, engana os outros, torna-se também ele um tranqüilo predador, e sobrevive às custas da sua natural hipocrisia.

O camaleão é representante fiel do Pinóquio, cuja história faz muita criança botar a mão no nariz pra ver se não é de madeira e não anda crescendo.

No país dos Pinóquios, onde a mentira se torna oficial e a sinceridade se esconde envergonhada, as pessoas devem tomar cuidado, ou haverá um incrível

duelo de narizes afiados e mortais. A maior parte dos outros animais da floresta — toupeiras meio cegas, burros bastante burros ou sapos covardes — assistem sem saber direito do que se trata. As pérfidas serpentes sabem direitinho o que acontece, mas, interrogadas, sibilam: Eu???

Coisa semelhante ocorre na República das Cebolas: camadas e mais camadas de falsidade e arrogância, no traçado de projetos incompreensíveis.

Eles não sabiam que a verdade seria mais simples: a gente adota a honestidade como postura habitual, e não precisa depois ficar desenrolando camadas de mentiras cada vez mais atrapalhadas que encobrem uma mentira primeira, a essencial. Negando a pergunta primeira: de onde veio, e para onde foi, a fortuna em bilhões que teria podido melhorar nossa saúde, segurança, educação e bem-estar? Da cultura nem falamos, pois se aquelas prioridades não estão bem, ela passa a ser um luxo.

Porém se a ética está morrendo e a honestidade passando de moda, ficou instaurada a República dos Bobos: seus habitantes somos nós, assistindo sem maior esperança, torcendo para que os que ainda lutam pela decência não acabem acusados, julgados e presos, sem *habeas corpus* de nenhum tribunal...

Boi de piranha é aquele que o boiadeiro lança no rio repleto de piranhas, para que, enquanto estas se divertem estraçalhando o pobre, os outros animais passem pelo vau.

Às vezes escolhem o boi errado; mas quando as coisas ficam muito complicadas, ninguém mais passa nas águas turvas.

O que impressiona é que alguns homens sabidamente honrados na terra das piranhas estão segurando aparências, enquanto o cerne é corroído por cupins que podem assumir os nomes mais variados, alimentados pela dinheirama da qual não se sabe (queremos mesmo saber?) origem e destino.

Pois até a lei (tomada ao pé da letra nem sempre é Lei com letra maiúscula...) eventualmente protege a quadrilha agora descoberta.

Se os contos de fadas acontecessem, haveria de chegar o fim da festa: a banda guardando seus instrumentos, os garçons limpando as mesas, as empregadas lavando a louça, os convidados regressando para o tédio de suas

vidas cotidianas, ninguém admitindo o motivo da passageira agitação: “Não foi nada, não foi nada, foi pura intriga!”

E nós haveríamos de procurar debaixo das mesas os restos do entusiasmo pelo que pensávamos seria uma grande mudança.

Assim como no fundo do inconsciente a gente escolhe para companheiro de vida quem julga merecer, o povo terá sempre os governos que pensa merecer — e os políticos que prestigia. E haverá quem fique assobiando (alguns até batendo palmas) o ritmo da ciranda dos camaleões morais.

Será a República dos Trouxas: tem gente que pensa que só merece isso, e gente que disso tira o maior proveito.

12 | *Honrar o pai*

Às vezes é inevitável nadar contra a correnteza, a não ser que a pusilanimidade já nos tenha feito naufragar; mas podemos usar a força das águas em nosso favor, para chegar a alguma praia.

Assim, a comercialização de datas como Natal, Dia das Mães e semelhantes, se por um lado irrita, de outro provoca gestos importantes e vitais, se forem sinceros.

Datas contaminadas pelo comércio e pela mídia, mesmo assim mexem com emoções complexas, por vezes dolorosas. “Detesto essas datas, só servem para vender e comprar, não significam nada”, afirma quem prefere ignorar toda a agitação.

Mas, já que está instalada, é possível usar dela com espírito positivo: prevenir-se de gastos extravagantes e manifestações constrangedoras porque falsas, e agir com naturalidade, sendo terno, sendo verdadeiro. Do contrário, se nada houver de bom, é melhor, sim, fingir que não existe aquela data, mas sobretudo que não existe a pessoa que poderia ser homenageada com ela.

Pai, mãe, professor, avó, família se for Natal: podemos amar, respeitar ao menos, ou deletar. É bastante simples: melhor ficar longe, em lugar de abraçar com desagrado, ou telefonar escondendo mágoas em frases convencionais. Ignorar é mais decente do que fingir.

Dia dos Pais: é mais complicado emocionalmente que o das Mães? Com a figura da mãe é fácil fazer onda: a santa, a sacrificada.

Com o pai, porém, com freqüência, a gente não sabe bem o que fazer, pois quem abre a passagem do homem para o mundo dos filhos é, feliz ou infelizmente, a mãe. E esta, embora tão festejada em sua data, nem sempre é amorosa, nem sempre está feliz, muitas vezes arrasta uma vida toda de frustração, erguendo barreiras invisíveis entre o pai-provedor e os filhos — por isso alienados da pessoa dele.

A eterna lamúria sobre o pai ausente começa a me cansar: tem de ficar ausente o infeliz, correndo feito louco atrás de trabalho e dinheiro para manter, às vezes, um nível inadequado de vida para sua família sempre insatisfeita. Por isso ele, que passa o dia fora, reclama dos gastos, conferindo o boletim meio distraído, chegando tarde e saindo tão cedo que mal o reconhecem nos fins de semana.

A mãe absorve o afeto e interesse dos filhos, e nem sempre tem a generosidade de explicar que o pai está ausente para prover melhor, que não participa de tudo porque viaja, trabalha, faz hora extra, tem mil reuniões ou está enfiado horas a fio num tráfego cruel.

Como cumpriram ou cumprem as mães esse papel de introduzir o homem na vida dos filhos, e abrir-lhe o espaço necessário — do qual meninos e meninas precisam para que sua visão do mundo seja mais completa?

Vivi o bastante para conhecer facetas do ser humano que nem o diabo

adivinharia. O anjo do lar muitas vezes porta-se como dona dos filhos, traindo (não se trai só na cama...) o que devia ser seu parceiro, não apenas mantenedor — deixado à margem da ternura e da alegria.

Sempre há quem se preste para desagregar quando deveria unir — esquecendo que é tão breve a vida.

Dia dos Pais pode parecer babaquice para marmanjos ou marmanjas, mas com certeza o velho espera alguma coisa. Porque velho pai ou pai moço é gente, e ainda que não espere presente, certamente espera o carinho, a me-mória, o esforço de superar alguma barreira: a da timidez, a dos mal-entendidos, ou a interferência mais perversa dos azares da vida.

Por isso mesmo, caso ainda exista amor, é bom reavivar os velhos laços. Usar dessa data malvista e malfalada, com qualquer coisa que dê a mensagem: você ainda é tão importante como quando eu tinha quatro anos e você levantava de noite pra me confortar de um pesadelo. Ou me apanhava na escola quando a mãe não podia. Ou me ensinou a jogar bola, me defendeu quando meu irmão maior me batia, me aconselhou no primeiro emprego ou no primeiro namoro, me levou ao pediatra, ao terapeuta, me ensinou a nadar, a pescar, a começar a viver.

Para honrar um pai na vida adulta, talvez seja preciso invocar a memória do tempo em que o passo dele no corredor nos salvava quando a gente era pequeno, e a noite muito escura.

13 | *Pena sem pena*

Descobrem uma rede de “estupradores de bebês”: preciso reler a notícia, que não se enquadra no meu contexto.

Uma rede, sim: cúmplices pegam os bebês, de até dois ou três anos, que são violentados, submetidos ao que chamam “humilhações horripilantes”. Tudo é filmado, e depois vendido pela internet ou sabe lá que meios.

Não creio que bebês sintam humilhação, mas profundo, excessivo, brutal terror e sofrimento. A humanidade inteira sofre neles, uma desordem selvagem se instaura no mundo.

Olho minhas netas e meu neto bem pequenos, e quero a pena de morte para quem os brutalizasse.

Aqui no Brasil acabam de flagrar um indivíduo recordista por estas paragens, em matéria de fotos obscenas com crianças.

O que desejar para ele?

Um jovem pediatra me relata sua angústia quando crianças de qualquer idade, em famílias de qualquer classe social (pois a perversão não tem classe), apresentam sinais de estarem sendo sexualmente abusadas.

Falhei nesse contexto, e me penitencio: pois me chamaram para gravar depoimentos sobre violência sexual e exploração de crianças, e, por desencontros alheios à minha vontade, não consegui cumprir o pedido. Mas leio sobre isso diariamente nos jornais, vejo na televisão, conheço histórias pavorosas sobre violência sexual na família, e não só onde reinam miséria e ignorância. Isso sem contar nos monstros que andam soltos por aí em nossas desprotegidas ruas.

Então quero a pena de morte.

Terroristas explodem mulheres, crianças, pais de família, estudantes, velhos. Se se explodem junto, problema deles. Mas as vítimas podiam ser meus amigos, meus familiares, e, mesmo se não forem, são meus irmãos nessa estranha e insana raça humana.

Para esses criminosos não adianta querer a pena de morte pois eles a aplicaram a si mesmos, certos da glória *a posteriori*...

Não sei que pena eu desejaria para os ídolos de pés de barro, os santos-de-pau-oco ou os caras-de-pau escrachados que se autodenominam salvadores da pátria, varões de Plutarco e porta-bandeiras da esperança dos injustiçados em geral.

A pena da humilhação pública? Me parece que alguns andam se divertindo em lugar de se penitenciar, na República do Cinismo.

A pena da perda de cargos, suspensão de direitos? Cadeia nem falo, porque entrariam por uma porta e sairiam pela outra. Do jeito que as coisas andam, duvido que a idéia os assuste.

Se houver resultado para as anunciadas investigações, talvez muitos saiam do país de mansinho, apenas mudando o endereço de suas trapaças.

Lembro uma de minhas avós, suspirando horrorizada ao ver o que julgava serem modernismos excessivos na minha adolescência: meninas de calças compridas. E dizia: “Graças a Deus eu já criei meus filhos.”

Não sei bem qual deveria ser agora a minha exclamação de horror. “Em que mundo vivem e vão crescer meus netos?” Ou, mais otimista “Vai ver, isso que hoje me choca é fantasia minha, não pode ser real.”

O mundo continua, a humanidade anda, nascemos e vivemos e morremos. Embora bastante trapalhona, essa humanidade não é de todo burra: acaba consertando até certo ponto, ou compensando, as bobajadas ou faltas mais graves que cometeu.

Tudo o que nos acontece nestes dias ainda tem conserto, ou será mais uma vez varrido para debaixo do tapete?

Seja como for, depois do que ocorre entre nós, começando nas autoridades e nas nossas crenças, com criminosos absolvidos e inocentes acusados, diante de um povo passivo, nunca mais seremos os mesmos: será bom, ou será uma pena?

14 | *Senhores das palavras*

Palavras podem impressionar mais do que fatos.

Descobri isso quando as pessoas discutiam lançando palavras como dardos sobre a mesa na sala de jantar. Nessa época meus olhos mal alcançavam o tampo da mesa, e o mundo dos adultos me parecia fascinante. O meu era demais limitado por horários (por que criança tinha de dormir tão cedo?), regras tediosas (por que não correr descalça na chuva, por que não botar os pés em cima do sofá, por quê, por quê...?), e a escola era um fardo: seria tão mais divertido ficar lendo debaixo das árvores no jardim de casa.

Mas em compensação na escola também se brincava com palavras: lá, como em casa, havia livros, e neles as palavras eram caramelos saborosos ou pedrinhas

coloridas que a gente colecionava, olhava contra a luz, revirava no céu da boca... às vezes cuspia na cara de alguém de propósito, para machucar.

Depois houve um tempo (hoje, não mais?) em que palavras eram cortadas por reticências na tela do cinema, enquanto sobre elas se representavam cenas que hoje são o pão nosso de qualquer criança com televisão em casa, mas então causavam constrangimento.

Palavras ofendem ou assustam mais do que a realidade — sempre achei isso muito divertido. Palavras servem para mal-entendidos que magoam anos mais tarde, quando alguém nos cobra:

“Você aquela vez disse que eu...”

“De jeito nenhum, eu jamais imaginei, nem de longe, dizer uma coisa dessas...”

“Mas você disse...”

“Nunca! Eu tenho certeza absoluta!”

Mas não tinha havido testemunhas, e a memória é enganosa. Seja como for, a dor tinha marcado a fogo.

“Agora não quero falar nisso”, dizemos. Mas a gente devia falar exatamente disso que nos assusta e nos afasta do outro. O silêncio quando devíamos falar, a palavra errada quando devíamos ter ficado quietos: instauram-se o drama da convivência e a dificuldade do amor.

Sou dos que optam pela palavra sempre que é possível. Olho no olho, às vezes mão na mão ou mão no ombro: vem cá, vamos conversar? Nem sempre é possível. Mas em geral é melhor do que o silêncio crispado e as palavras varridas embaixo do tapete.

Não falo do silêncio bom em que se compartilha ternura e entendimento. Falo do silêncio ressentido em que se acumula amargura e se distanciam como estranhos os que partilham da mesma sala, mesma cama, mesma vida. Em parte, porque nada foi dito quando tudo precisaria ser falado, até para que a gente pudesse se afastar com amizade e respeito quando ainda era tempo.

Falar é também a essência da terapia: pronunciando o nome das coisas que nos feriram, ou das que nos assustam mais, adquirimos sobre elas um mínimo

controle. O fantasma passa a ter nome e rosto, e começamos a lidar com ele. Talvez não sejamos ainda seus donos, mas ele já tem menos poder.

Há muitos estudos sobre os nomes atribuídos a Deus, ao Diabo, a enfermidades consideradas incuráveis ou altamente contagiosas. Eram, são, eufemismos: para que, não sendo pronunciadas, não nos atinjam também nem nos castiguem.

A palavra faz parte da nossa humana essência: com ela nos acercamos do outro, apaziguamos, ferimos e matamos. Com a palavra seduzimos o leitor num texto, numa palavra liquidamos: negócios e amores. Uma palavra confere o nome ao filho que nasce e ao navio que transportará vidas ou armas.

“Vá”, “Venha”, “Fique”, “Eu vou”, “Eu não sei, “Eu quero mas não posso”, “Eu não sou capaz”, “Sim, eu mereço”, são a marca das nossas escolhas, derrota diante do nosso medo ou vitória sobre nosso susto.

Viemos ao mundo para dar nomes às coisas, senhores delas ou enganados através delas quando mal usadas, servos de quem as manipula contra nós.

15 | *As paixões humanas*

Alguém me passou a historinha abaixo, aparentemente anônima, que emendei, remendei e enfeitei um pouco: agora é nossa.

Certo dia as Paixões Humanas se reuniram para brincar.

Depois que o Tédio bocejou três vezes porque a Indecisão não chegava a conclusão nenhuma e a Desconfiança estava tomando conta de todos, a Loucura propôs que brincassem de esconde-esconde. A Curiosidade quis saber todos os detalhes do jogo, e a Intriga começou a cochichar com os outros, dizendo que certamente alguém iria trapacear.

O Entusiasmo saltou de contentamento e convenceu a Dúvida e a Apatia, ainda sentadas num canto, a entrarem no jogo. A Verdade achou que isso de

esconder não estava com nada, a Arrogância fez cara de desdém, pois a idéia não tinha sido dela, e o Medo preferiu não se arriscar: “Ah, gente, vamos deixar tudo como está”, e como sempre perdeu a oportunidade de ser feliz.

A primeira a se esconder foi a Preguiça, deixando-se cair no chão atrás de uma pedra, ali mesmo onde estava. O Otimismo montou no arco-íris, e a Inveja se ocultou junto com a Hipocrisia, que sorrindo fingidamente atrás de uma árvore estava odiando tudo aquilo.

A Generosidade quase não conseguia se ocultar porque era grande e ainda queria abrigar meio mundo, a Timidez ficou paralisada pois já estava mais do que escondida em si mesma, a Sensualidade se estendeu ao sol num lugar bonito e secreto para saborear o que a vida lhe oferecia, porque não era nem boba nem fingida.

O Egoísmo achou um lugar perfeito, onde não cabia ninguém mais. A Mentira convidou a Inocência para mergulharem no fundo do oceano, onde a inocente acabou afogada, a Paixão meteu-se na cratera de um vulcão ativo, e o Esquecimento já nem sabia o que estavam fazendo ali.

Depois de contar até 99, a Loucura começou a procurar.

Achou um, achou outro, mas ao remexer num arbusto espesso ouviu um gemido: era o Amor, com os olhos furados pelos espinhos. A Loucura o tomou pelo braço e seguiu com ele, espalhando beleza pelo mundo.

Desde então o Amor é cego e a Loucura o acompanha: juntos fazem a vida valer a pena.

Mas isso não é coisa para os queixosos, os pusilânimes e os demais rígidos, ou aqueles para quem a felicidade é um bem proibido por deuses severos.

16 | *Violência: quem nos protegerá?*

A pergunta a que fomos obrigados a responder num plebiscito sobre venda de armas, vem muito malfeita, é capciosa: diz-se uma coisa mas se pretende outra.

Presta-se a enganos também, porque combinada com campanhas de entregar armas, trocar armas por brinquedos, por dinheiro, por sabe-se lá que mais.

E, possivelmente, é usada para desviar a atenção de fatos obscuros e mais do que suspeitos que começam a ser revelados — talvez para serem de novo escondidos assim que nos alienarmos um pouco mais.

O plebiscito sobre armas não quer saber se somos contra alguém ter arma em casa: quer que a gente diga se aprova ou não a venda ilegal de armas.

Uma leitura benevolente indicaria desinformação no ato e forma de realizar o

plebiscito. Uma leitura mais cuidadosa nos faz lembrar regimes ditatoriais — do nazismo ao comunismo — que tiraram o direito do cidadão de se defender, enquanto armavam polícias políticas e brigadas populares.

A grande perturbação do senso moral destes dias, resultante da contínua afronta a valores mínimos capazes de garantir a estabilidade social, pode ser um indício de tempos negros — à direita ou à esquerda.

Andar armado e reagir a um assalto é decretar a própria morte, neste país onde a violência impera, a droga predomina, a bandidagem nos comanda, e o mau exemplo que vem de cima é assustador.

Em lugar de apoiar esse confuso plebiscito, sou a favor do que não se faz: desarmar os bandidos, ser rigoroso com eles; reformular a segurança pública; reduzir o poder do narcotráfico; proibir a propaganda e compra fácil de bebida alcoólica, causadora de boa parte das mortes por arma de fogo e acidentes de trânsito fatais.

Também é preciso uma real vontade de acabar com a indecente corrupção entre nossas autoridades, desestímulo para o cidadão comum, sobretudo jovens; resolver o descaso com policiais mal pagos e mal preparados, além de mal armados para a sua dura tarefa, na qual arriscam e muitas vezes perdem a vida.

E não digam que não há dinheiro: o problema é o seu mau uso. E vale mais uma vez a pergunta: onde estão os bilhões desviados?

Alardeia-se o desenvolvimento do Brasil, porém no campo reinam o desespero e o medo; na saúde aplica-se pouquíssimo, todo dia jovens médicos ficam desempregados e multidões de doentes são desassistidos. Na educação, aplicou-se menos que o mínimo: escolas são fechadas — outras deveriam fechar por não oferecerem higiene e segurança mínimas, faltam professores e material ou condições físicas de funcionamento; as universidades estão decadentes, mas ainda, demagogicamente, multiplicam-se pelo país, sem qualquer infra-estrutura, às vezes até sem instalações básicas ou professores.

A falta de horizontes para jovens profissionais é preocupante: muitos deles têm sua adolescência prolongada, não por preguiça ou inépcia, mas porque não conseguem se afirmar no mercado de trabalho, mesmo com talento, preparo e

títulos.

Não é por nada que alguns começam a pensar: é realmente importante ter diploma, competência e honradez?

Fala-se em deflação, mas no meu bolso sobem as contas de luz, de telefone, de tudo o mais, sem falar no seguro-saúde — que tem de ser privado, pois o serviço de saúde público assassina doentes nas filas de espera.

Não quero que a gente propicie aos malfeitores mais essa facilidade: saber que, estimulados pelo poder público, pais de família, agricultores, fazendeiros, estudantes, comerciantes, taxistas, todos os que estão desprotegidos em suas casas ou precisam circular por nossas ruas e estradas perigosas, foram oficialmente desarmados.

Podem me crucificar, podem reclamar, mas se alguns direitos — saúde e educação, segurança e moradia, esclarecimento sobre gastos públicos e ética nas administrações — já andam restringidos, nesse resto de democracia imagino que a gente possa, ao menos, tentar se defender quando o Estado não nos protege, e votar do jeito mais inteligente, não pela cara do candidato, nem pela sigla, pois essas mudam a toda hora, mas para a gente se salvar.

17 | *Faxinando mitos*

Muitos enganos sofremos, muita escolha errada e muito desperdício de vida e de alegria, porque somos inibidos por mitos danosos.

Construímos em cima deles a nossa desgraça. Não se trata dos belos, grandiosos ou enigmáticos mitos da Antiguidade grega, mas dos mitinhos bobos que inventou nosso inconsciente medroso, sempre beirando precipícios com olhos míopes e passo hesitante.

Por exemplo, o mito da *santa mãe*, raiz de tanto sofrimento inútil, infantilizados que somos até morrer. Primeiro engano: nem toda mulher nasce para ser mãe, nem toda mãe é santa. Aliás, muitas são algozes.

Cuidem-se da mãe sacrificial, a que não dorme sem que os filhos marmanjos

voltem para casa vindo da farra; fujam da mãe que nunca pára, sempre arrumando, limpando, dobrando roupas, escarafunchando armários e bolsos alheios sob pretexto de limpar... controlando, perseguindo, como se fosse cuidar, não importa a idade das crias.

Essa mãe em qualquer hora do dia há de cobrar, com gestos, suspiros ou silêncios, cada migalhinha de gentileza. Eu, que me sacrifiquei por você, agora sou abandonada, esquecida? E, com exceções, em brigas ou disputas com o marido, mostrará sua pouca santidade usando dos filhos, crianças ou adultos, num bom exercício de vingança.

Assustador, o poder da figura materna, quando pende para o lado menos generoso que todos temos.

Liquidem com o mito do *bom velhinho:* nem todo velho é bom só por ser velho. Ao contrário, se não acumularmos bom-humor, autocrítica, certa generosidade e cultivo de afetos vários, seremos velhos rabugentos que afastam família e amigos. Nem sempre o velho ou velha está isolado porque os filhos não prestam ou a vida foi injusta. Muitas vezes tornam-se tão ressequidos de alma, tão ralos de emoções, tão pobres de generosidade e alegria, que espalham ao seu redor uma atmosfera gélida que espanta quem for se aproximar.

Temos ainda o mito do *homem forte:* naturalmente poderoso e competente, o eterno provedor que vive numa solidão fria, sem coragem de confessar seu desejo de companhia, escuta, colo ou abraço: pois esse varão é apenas um pobre mortal.

Possivelmente foi ele quem criou o mito da *rainha do lar*, para agüentar sua sorte: não é carinhosa, mas é uma santa; reclama de tudo, mas é uma santa; não me escuta, mas é uma santa...

Sinto muito, nem todas são. Eu até diria que, mais vezes do que sonhamos, somos umas chatas. Sempre reclamando, cobrando, controlando, não querendo intimidades, ocupadas em limpar, cozinhar, comandar, na crença vã de que boa mulher é a que mantém a casa limpa e a roupa arrumada... quando seria bem mais humano mostrar interesse, e ternura.

O mito de que a *juventude é a glória* demora a ruir, e deveria cair o quanto

antes; mas nossa sociedade fútil e nossa fútil cultura não permitem. Aqui e agora, vivemos o combate à ruga, à gordura, à vida real e ao tempo que tudo transforma: nem sempre para pior.

Por não ser burro, jovem também se deprime, se mata, adoece, sofre perdas, angustia-se com mercado de trabalho, exigências familiares, pressão social, incertezas da própria idade. A juventude — esquecemos isso — é transformação difícil, com horizontes nublados e paulatina queda de ilusões, descoberta de que os pais são falíveis e a sociedade às vezes corrupta, os governos nada éticos, a vida dura, ah sim.

Enfim, a lista seria longa, mas se a gente começar a desmitificar algumas dessas imagens internalizadas, começaremos a ser menos infelizes.

Ou, dizendo melhor: mais capazes de alegria com aquilo que temos e com o que podemos fazer — como gente de verdade numa vida real.

18 | *Mais sobre mitos*

Prosseguindo no tema “faxinando mitos”, não falo dos verdadeiros mitos, que preexistem na história da nossa psique, que a gente não cria mas descobre, que fazem parte do nosso inconsciente, emergem nos sonhos, nas análises, na busca de significados.

Falo desses que criamos, nós, a sociedade, a mídia, todos os que desejam manipular nossas mentes: têm a ver com fantasia, preconceito e medo, e hipocrisia.

Raramente servem para a nossa felicidade, pois eu acredito nela: como uma razoável harmonia consigo mesmo, com os outros, com a natureza e o mundo, apesar de tudo.

Um deles, o mito da indispensável *competência* — antes uma aflição tipicamente masculina, que hoje também atormenta mulheres para as quais a chamada liberação foi assunção de um monte de responsabilidades, e de algumas trapalhadas viris.

Está certo que este é um mundo altamente competitivo. É verdade que todos precisamos ganhar o pão nosso com o velho suor — ou o mais moderno estresse. Mas, com o passar do tempo, uma vez que depois dos quarenta anos é que as coisas e as cabeças começam a ficar interessantes, o mito da competência poderia ser substituído pelo desejo de sabedoria: ambicionar algo mais e melhor do que prestígio e dinheiro.

Sofremos perseguindo o mito do *ter de*: a gente *tem de* estar à frente, ainda que na fila do INSS. A gente *tem de* ser, como escrevi tantas vezes, belo, jovem, desejado, bom de cama (e de computador, é claro). A gente *tem de* aproveitar o mais que puder, explorar o outro sem piedade, ou bancar o forte e ajudar meio mundo, mas ninguém para escutar as nossas dores. Porque nem lhes damos chance: a gente *tem de* ao menos parecer onipotente.

A maioria das pessoas de classe média, na metade da vida, poderia correr menos e viver mais, tentando entender o mundo e curtir os afetos, a arte, a beleza, celebrando a vida com suas transformações.

Celebrando a vida como processo, aliás.

Publiquei um livro que chamei “infantil”, mas realmente é uma pequena fábula para qualquer idade. Uma metáfora: histórias de uma bruxa boa não muito plausível, contando as falhas, divertimentos e sustos de uma família mortal.

Preparo um *A volta da Bruxa Boa,* falando nas transformações que nos assustam e fazem crescer. Bruxinhas vão à escola e percebem que mudar nem sempre é perder; uma criança indaga por que não tem vovô, e lhe dizem que, como na natureza, também entre os humanos as coisas se transformam, persistindo de outras maneiras.

Os dois livros são, espero eu, um estímulo ao encantamento e à alegria, também possíveis numa casa. Mas difíceis, porque, mesmo adultos, nunca nos livraremos inteiramente dos *mitos castradores*.

Esses ligam-se *a culpa*, a excesso de sentimento de obrigação, a conceitos horrendos como “A quem ama, Deus faz sofrer”. Mas podemos melhorar, em muito, a nossa perspectiva e afrouxar nossas algemas. Porque crescemos até morrer, até o fim estamos nos transformando — embora em geral se pense que só nos deterioramos.

Caminhamos com os medos e incertezas soprando seu bafo em nosso calcanhar, por isso somos uns heróis no cotidiano e no transcendental — mesmo trôpegos e tímidos.

Apesar do desalento, há muita coisa boa a dizer. Em português, é claro, ou, como dizia meu amado Erico Verissimo, “falando outros idiomas com orgulho do meu bom sotaque brasileiro”. Sotaque na alma, porque alma tem lá suas manias, que são o sotaque do seu contexto humano e cultural, as tradições, coragem e fragilidades do seu povo. E a gente não *tem de* falar idiomas estrangeiros com perfeição, visitar todos os lugares interessantes do mundo, beber os melhores vinhos, ter os cartões de crédito mais valorizados, a mulher mais gostosa, o marido mais rico.

A gente só *teria de* ser mais simples e mais feliz. Mais atento, para escapar de velhos conceitos mofados que para ouvidos mais inocentes ainda soam como algo sofisticado.

A alma que aqui escreve, adoçada pelo tempo, nunca achou graça na inclinação dos pernósticos e inseguros, de querer aparentar mais do que isto que, com muita dificuldade, afinal conseguimos ser.

19 | *Transgressões positivas*

O medo do diferente é o nascedouro de nossos preconceitos: começa inconsciente, é atávico, demarca territórios injustos, promove o ódio, a humilhação, a morte, e muitas das guerras que devastam este nosso mundo estranho.

Mais que tudo, provoca isolamento e dor além do necessário.

Em uma recente palestra para empresários, homens e mulheres, só chegando lá — tendo o feio vício da distração — percebi que falaria enquanto eles almoçavam.

Como não costumo fazer isso, fiquei num vago mau humor.

Escritores habituaram-se a falar: é uma espécie de moda a gente ser

convocado para entrevistas ou palestras sobre os temas mais abstrusos: psicologia ou literatura, sexo, política, religião, o escambau. Porém a idéia de pessoas manejando talheres e copos, mastigando e quem sabe conversando enquanto eu falasse, me incomodou.

Não havia como voltar atrás: a culpa era da minha desatenção, de não haver entendido direito o convite.

Todos sentados, feitas as apresentações, dados os avisos, comecei a falar achando que meu desconforto ridículo estava evidente. O tema: Transgressões Positivas. Eu não podia cometer a primeira, levantar da cadeira e ir embora? Não podia. Ninguém tinha culpa da minha trapalhada. Agora era cumprir meu dever, e fazer isso com a mesma simpatia com que aquelas pessoas pareciam me olhar.

Transgressão positiva, comecei então, podia ser vencer o espírito de manada e a coerção da superficialidade que nos esmagam neste mundo nosso. Um pouco de frivolidade é necessária: que os deuses nos livrem de sermos solenes, de sermos politicamente corretos.

Mas de vez em quando pode-se usar a superfície onde em geral corremos, meio atarantados, como trampolim para uma reinvenção da nossa vida. O problema inicial é que estamos acorrentados a muitos deveres, sobretudo empresários cheios de responsabilidades com funcionários, operários, acionistas, e toda uma complexa engrenagem da qual eu, escritora, confessava ter apenas uma idéia difusa.

Porém, embora a gente faça de tudo para não notar, a morte está empoleirada em nosso ombro, espiando com seu inquietante olho de coruja: o que fazer com tal inquilina e com o tempo que ela ainda nos concede?

Talvez aproveitar o susto para pensar: primeira boa transgressão. Ou para cultivar melhor a ética, palavra que começa a se desgastar aqui entre nós.

Falamos muito em ética, porém mais vezes do que seria confessável escutamos a conversa de nossa mulher ou marido na extensão do telefone; falamos em justiça social, mas eventualmente pagamos o menor salário possível à nossa empregada e lhe servimos um prato feito; e por aí segui, num trote pouco amigável — em voz mansa.

De repente me dei conta de que alguns paravam de comer, mas não estavam ofendidos com minhas alusões. Pareciam compreender que eu me incluía em tudo aquilo: entre nós circulava aquela cumplicidade de iguais a que eu me habituara com leitores, mas não esperava de homens e mulheres de negócios.

Terminei vagamente intrigada, mas as palmas foram cálidas. Então um empresário já venerando pediu a palavra. Pensei, “esse vai me trucidar”, embora também eu não seja mais criança.

Ele me olhou direto e indagou, no silêncio atento que se abria:

“Quantas vezes a senhora acha que a gente pode amar na vida?”

Respondi, surpresa:

“Sempre que nos sentirmos demais sozinhos e a vida nos oferecer esse milagre, e a gente tiver as condições e a coragem de o concretizar.”

Agora as palmas foram não para mim, mas para ele, e para a vida que ali se expressava com tal dignidade.

Saí dessa experiência com mais um dos meus preconceitos de cara no chão. Numa dessas contradições animadoras, o que começou mal acabou bem — porque um homem se postou diante de todos com a tranqüilidade bem-humorada dos mais experientes, sem receio de enfrentar seus pares, de se mostrar vulnerável, de assumir sua real grandeza: a de ser uma pessoa.

Vi confirmada, mais uma vez, minha suspeita de que no fundo mais fundo, o que prevalece em todos nós, centro de nosso desejo e raiz de nossos temores, nossa glória e possibilidade de nossa danação, são os velhos e imutáveis sentimentos humanos.

20 | *Passagem*

Fim de ano: recuso-me a falar da virada de ano convencional, hora de festa ou de reflexão, quando a gente vai à missa mas odeia meio mundo, pede perdão mas faz maldade, abraça a família da qual preferia fugir, manda uísque pros colegas a quem detesta, e um presentão para o chefe que nos despreza.

Não falarei dos escravos do consumismo, que se endividam em dez prestações para dar presentes impossíveis a pessoas nem sempre amadas, ou cujo amor tem de ser comprado.

Não falarei do começo de ano amargo dos que dizem que pra eles essas datas não existem: espalham o negativismo de sua decepção com a raça humana, que na verdade não é tão grande coisa, portanto não se deveria esperar que fosse.

Falo de um começo de ano distante dos natais de religiosidade fingida, amor com hora marcada, presentes supérfluos ou adquiridos com sacrifício.

Falo de confraternização, abraço sincero, acolhimento da família sabendo que ali a gente é respeitado mesmo quando não é entendido.

Falo de uma tentativa real de recomeçar, até onde é possível: com um olhar um pouco diferente para pessoas a quem normalmente não temos tempo de abordar. Gente que nos interessa independente do status, grana, importância e possível utilidade.

Falo de uma entrada em um novo ano abrindo as portas e janelas da casa e da alma. Sem frescura, sem afetação, sem mau humor, sem pressão nem formalidade. Pensando que a gente poderia ser mais irmão, mais amigo, mais filho, mais pai ou mãe, mais humano.

Começar, não com planos mirabolantes que não se podem cumprir, mas inventando novos modos de querer bem, sobretudo a si mesmo. Sem isso não tem jeito de gostar dos outros de verdade. O bom é entrar num novo ano sem lamentações inoportunas, sobretudo sem acusar: o destino, o outro, o pai, o chefe, a vida.

Não falarei, nunca, de festas de passagem de ano tendo que encher a cara para agüentar o resultado infeliz de toda uma vida, o desamor dos parentes chatos, dos filhos idem, da mulher ou marido irônicos, da sogra carrancuda, do amigo interesseiro ou do prenúncio das contas que se acumularão porque a gente gastou o que não podia com coisas que não devia.

Algumas pessoas saem da manada e se propõem, a cada passagem de ano, refletir sobre sua vida mais vezes, não só numa data especial. Independente de crença, ideologia e vivências, às vezes uma data marcada pode nos empurrar para menos arrogância, menos futilidade, mais humanidade.

E já que é um novo ano, vai aí um presente meu, simplinho, que os tempos estão difíceis:

Deus,

eu faço parte do teu gado:
esse que confinas em sonho e paixão,
e às vezes em terrível liberdade.
Sou, como todos, marcada neste flanco
pelo susto da beleza, pelo terror da perda
e pela funda chaga dessa arte
em que pretendo segurar o mundo.
No fundo, Deus,
eu faço parte da manada
que corre para o impossível,
vasto povo desencontrado
a quem tanges, ignoras
ou contornas com teu olhar absorto.
Deus,
eu faço parte do teu gado
estranhamente humano,
marcado para correr amar morrer
querendo colo, explicação, perdão
e permanência.

21 | *Coleira nas crianças*

Sem maiores projetos, que os diários já me ocupam bastante; sem nenhuma receita, pois não sou cretina; sem otimismo falso, que não sou boba, e com alguma esperança, entrei no novo ano com uma experiência boa a mais na bagagem de minhas perdas e ganhos.

Reafirmei minha certeza de que não somos apenas invejosos e ressentidos. Nem sempre nos deleitamos na arrogância burra do preconceito e do julgamento, nem contaminamos e estragamos o ambiente físico e emocional em que vivemos, num impulso suicida. Não só entupimos o coração e os ouvidos, sem falar na mente, com barulho, sujeira, tumulto, segundo o lema “quanto pior, melhor; quanto mais feio, mais aplaudido; quanto mais agitado, mais nos seduz”.

Não: às vezes a gente é melhor que isso. Vejo famílias que se cuidam apesar das dissidências, e me animo. Sinto o afeto de amigos e leitores, e me emociono. Encontro raros casais que por uma vida inteira se admiram e acarinham, e penso que nem tudo foi perdido. Acompanho pessoas que em qualquer altura tentam se transformar, recomeçar, e fico mais otimista.

O bom e o belo existem, no torvelinho da violência física ou emocional, na poeirama das aflições mais variadas — para serem apreciados, cultivados. Por sua causa, diariamente a gente devia agradecer a Deus. Ou aos deuses, não importa.

Aqui e ali, uma pessoa descobre paraísos, e os incrementa, e preserva, e os entrega para nosso refúgio. Há gente que, em vez de destruir, constrói; em lugar de invejar, presenteia; em vez de envenenar, embeleza; em lugar de dilacerar, reúne e agrega. Esse é o verdadeiro ecologismo, e concordo inteiramente com o que escreveu um dia desses Ferreira Gullar: quem de verdade aprecia a natureza não é catastrofista. Para ele, respeitar e amar (plantas, animais, o outro e a si mesmo) só é legítimo quando natural e esperançoso.

Por falar nisso, conheci recentemente um diminuto paraíso natural: nem Caribe nem Bali, mas aqui neste nosso Brasil. Se puder, voltarei: ali a mata praticamente intacta nos bota no colo diante do mar tranqüilo. Conforto e aconchego substituem luxo e ostentação, existe gentileza, não assédio; alegria, não solenidade; bem-estar sem espalhafato.

A pequena enseada é um abraço; o cheiro de mato é um chamado, o mar convida a celebrar a vida numa intimidade com o mundo que a gente esqueceu na agitação cotidiana. Na areia colhem-se conchas que desapareceram das praias povoadas.

Andar por ali nos devolve, por instantes, a inocência primordial perdida no atropelo da civilização.

E tem mais: algumas pessoas conseguem criar atmosferas parecidas em sua própria casa, seu grupo de amigos ou colegas — e fazem isso simplesmente existindo. Não é preciso aprender decoração, técnicas orientais ou requintes ocidentais: tudo nasce da nossa filosofia de vida, se a tivermos. O que me faz

acreditar, como as crianças, que eventualmente o bem não é esmagado.

Afirmo aqui, como se fosse primeiro do ano, minha esperança de que a gente se humanize um pouco, num contraponto à brutalidade, à impunidade e à arrogância.

Por exemplo: a gente não leria nos jornais diários que mais uma criancinha foi devorada por um cão feroz cujo dono se descuidou criminosamente.

Quem sabe até a loucura se inverte, e criancinhas começam a devorar cães assassinos se não as botamos na coleira — e por que não?

22 | *Fênix*

Enjoei, cansei, perdi a graça: a gente podia ser original e abrir os armários dos esqueletos e das vergonhas, assumir seus erros, parar de agir como se isto aqui fosse o reino dos bobos.

O exercício do poder exige um sólido alicerce humano e cultural, humildade, realismo, experiência e visão de mundo — para poder pronunciar de boca limpa vocábulos como “ética”. As palavras se repetem, se desgastam e deformam como objetos usados demais, ou mal usados. Termos como “ética” ou “indignação”, como tudo que se malbarata, perdem o real valor.

O barco afunda: alguns ratos já foram lançados na água, outros se agarram com dentes, patinhas e longos rabos ao que sobrou. Adianta ranger os dentes,

vale a pena se expor, não estará esgotado o velho tema da renovação e confiabilidade?

Os sinceros curvam-se ao peso da omissão: podíamos ter ignorado tudo isso? Os honrados, revendo conceitos de uma vida inteira, se questionam dolorosamente; os cínicos usam da velha arrogância ou fingem nada saber, e os covardes se escondem atrás de desculpas escandalosas.

O Brasil geme nas dores do parto de (esperemos) uma democracia mais verdadeira, e uma vida pública mais limpa. Nesse grande trabalho, a turma dos panos quentes acorre solícita, porém band-aid não resolve dor tão grave.

Quando a ferida explodiu, eram tantos os males que quase não conseguimos respirar — nós que vivemos do suor do nosso trabalho, nós que pagamos as contas com dificuldade e os impostos com indignação, nós, quase paralisados por juros absurdos e estímulo pífio, nós que acreditamos neste país mas somos forçados a desacreditar de boa parte dos que o comandam.

Nós, desmoralizados pelas mentiras do bando que assinava sem ler, fazia reuniões sem ver, viajava sem saber, negociava o bem-estar do seu país, prevaricava sem se dar conta, e agora experimenta todas as máscaras disponíveis, enquanto aponta o dedo para os outros: “ele também fez xixi na calça, ele é pior que eu!”

Nas coxias, procura-se (ou procura-se ainda ocultar) o responsável: quem esteve por trás de tudo isso? Que pessoa, grupo, entidade, manejava os cordéis, enganava e intimidava todo mundo, e, covarde criminoso, não mostra o rosto? Quem assassinou tão meticulosamente a nossa confiança? Que surpresa malévola nos aguarda a cada dia?

O fio da meada se desenrola cada vez mais longo, mais complicado e sombrio, mesmo para quem gostaria de fechar os olhos e morrer negando a traição: “eu posso explicar... não é o que parece.” Não nos iludamos com alguns números da nossa economia nem com os sorrisos da elite do poder: estamos por baixo, estamos naufragando, e se não aproveitarmos essa ocasião para graves mudanças, seremos o subpovo de um subpaís, digno de piedade.

A desculpa geral foi, até há poucos dias, que este país é assim ou todos são,

as leis são assim, as condições são assim, isso se faz há muito tempo. O homem decente estava quase sendo acusado de incomodar, marchando contra o passo universal (ou nacional...).

Apesar da ameaça da descrença que me ronda, preciso esperar que ao fim e ao cabo a vergonha não tenha passado de moda inteiramente.

Talvez a verdade enfrentada de peito aberto nos devolva a confiança, e a nossa alma brasileira habite um país com narizes menos compridos, memórias menos lesadas, bandidagem menos homenageada e esperança ainda viva. Podem-se então estabelecer novas regras, e soprar novos ares, porque está na hora.

É possível que a esperança e o otimismo ainda tenham lugar por aqui, e o Brasil seja uma fênix que vai renascer mais limpa e mais forte desta fogueira das vergonhas: isso desejo, mas admito que sem grande ilusão.

23 | *Alegria ou aflição de espírito?*

Tão rígidos somos, que qualquer coisa que fuja ao nosso gosto pessoal, tantas vezes duvidoso, é posto no índex do nosso preconceito.

Cuidado: quem não tem mente aberta, não gosta nem entende de arte. Virginia, a Woolf, dizia que o verdadeiro artista e crítico deveria ter pelo menos "a mente andrógina"... e nós, com tanto medo de que alguém desconfie de que não somos cem por cento macho ou fêmea, cultos o suficiente, bastante intelectualizados.

Pobres inseguros metidos na armadura da arrogância, que só na juventude pode ter lá sua graça: depois, é de uma chatice monumental.

Por que não contemplar tudo, e depois escolher? Afinal, energia atômica

cura o câncer e mata tanto quanto um bom tsunami, menos do que um Hitler, que não era louco e sim mau.

A loucura geral se espalha em forma de burrice ou impertinência: fico a pensar em que eu escapo disso, em que sou cúmplice e participante. Eu sei, vou ficando implicante também.

Uma de minhas implicâncias é com a barulheira e a agitação. Sendo pouco original, os temas que abordo são invariavelmente os humanos, também nada originais: família, desencontro, desrespeito, ressentimento, pouca estima por si e pelo outro, baixaria, mistério, morte, desperdício de vida ou vidas que podiam crescer mas encolhem à sombra da mágoa e da futilidade.

E também nosso problema com quietude e silêncio: o barulho como acompanhamento permanente. Restaurante, do mais simples ao razoável (nos bem sofisticados ainda não é assim, mas aí o bolso chia), tem o som sempre aberto em todos os decibéis, ou pior: música ao vivo, supremo agrado ao cliente. Como pedir ao cantor, ao tecladista, ao saxofonista, que baixe um pouco o tom pra gente não só conversar em vez de gritar, mas ouvir o que ele toca?

Praia, agora, tem alto-falantes ou pequenos palcos onde alguém tenta animar os veranistas que de outro modo, em lugar de conversar, brincar e aproveitar a praia para curtir o mar e descansar, iam morrer de apatia. Num desses pequenos palcos escutei outro dia, olhando o mar de minha sacada, todo um desfile de cães: com “vestidinho de broderi e rendas”, com “calça de veludo devorê” (seja lá o que isso for). Acho que disseram “meias e sapatinhos”, mas não ousei espiar.

Festa infantil é comandada por recreacionistas, grande alívio quando os pequenos formam um mar de mini-tsunamis incontroláveis. Mas é possível que a vida de muitas dessas crianças seja dirigida por uma agenda movimentada e rigorosa: todos correndo como uma manada de bezerrinhos preparando seu futuro no rebanho adulto. Tempo de viver, de brincar à vontade, de inventar jogos ou simplesmente de ficar quieto sentindo o mundo... acabou-se?

Até sexo começa a ser dirigido — ternura, paixão, sensualidade boa trocadas por acrobacias, ordens, receitas. Em criança ouvi histórias sussurradas (que me

pareciam confusas) sobre recusar-se a cumprir o aborrecido “dever” (condenando os pobres maridos à infidelidade e à culpa). Sobre isso também escrevo há décadas. Hoje caímos no extremo oposto: o privado cada vez mais público, tudo posto em manchetes. Temos os manuais de prazer, de etiqueta, de ganhar dinheiro, de fazer sucesso e ser competente, verdadeiros manuais de vida.

Deve haver manuais de morrer: logo vou investigar qual a melhor posição, a hora do dia, e quem sabe a música ao vivo pra acompanhar a minha despedida deste mundo estranho e por isso fascinante, matéria viva de muitos futuros livros e cogitações.

24 | *Abaixo da margem inferior*

Devo avisar que detesto saudosismos do tipo “No meu tempo era tudo melhor”.

Quase sempre é engano: antigamente as coisas eram, em vários aspectos, bem piores. Não havia ar-condicionado nem penicilina nem avião nem computador nem discutir abertamente assuntos graves nem terapia pra endireitar a cabeça quando ela entorta demais.

A verdade era escondida debaixo do tapete, as relações humanas debaixo dos panos, e a sem-gracice devia ser bastante grande.

Não havia um milhão de coisas que facilitam, ampliam, iluminam — ou atormentam — nossa vida.

Também não havia tanta violência, concordo: ou antes, havia outro tipo e outra dose de violência. Guerra? Sim, ela ocorria mais ou menos constante, e bem cruel. Nas Cruzadas, a carnificina era, como a Inquisição, em nome de Deus. Queimavam-se as ditas bruxas na fogueira, junto com hereges, e judeus, e não sei quem mais... mas quem fritava naquele fogo eram inocentes pais e mães de família, eventualmente crianças. Relatos históricos são arrepiantes. O povo, aristocratas e povão, assistia animadíssimo. E na guerra não se apertava um botão lançando bomba: o inimigo era decapitado, estripado, cara a cara.

A média de idade das pessoas (falo das que viviam acima da miséria absoluta, mais absoluta que a nossa) era de vinte e poucos anos: morriam cedo, desdentadas, podres, malcheirosas. Tinha-se quinze filhos pra que sobrevivessem cinco no meio da imundície e ignorância.

Seja como for, não sou saudosista. Também acho esquisito falar em “no meu tempo”, porque nosso tempo deve ser sempre hoje. Somos tão despossuídos, tão fixados no mito da eterna juventude, que depois dos trinta nem o tempo é mais nosso, somos exilados da própria vida?

Mas algumas coisas atuais eu confesso contemplar com grande susto, e não me assusta apenas a atual falta de vergonha. Se, conforme alguns filósofos, a capacidade de espanto é essencial, estou bem, aliás. Porque, por mais que viva, cada dia descubro novidades: deliciosas ou assustadoras.

Entre essas está a queda de nível da nossa educação e cultura. Há muitos anos reduziram o tempo de estudo: havia cinco anos de primário, quatro de ginásio, mais três de segundo grau. Depois tiraram o latim, como se fosse inútil, o francês não quero nem saber a razão. Não sei se ainda aprendem inglês na escola, pra alegria dos cursos de idiomas, que substituem o que se aprendia antes no currículo habitual (conversação, claro, é outra coisa, aperfeiçoamento idem), assim como o pré-vestibular engorda tanto mais quanto pior a qualidade das escolas.

Agora leio que inglês fica dispensável pra quem quiser seguir a carreira diplomática. Não sei se essa é de rir ou de chorar. Provavelmente a decisão, como tantas outras, vai ser anulada quando alguém tiver um acesso de

iluminação mental. Eu acho inglês cada dia mais necessário, para o computador, a ciência, até a arte.

Não adianta dizer que só se deve ler em português, só beber coisa produzida nacionalmente, abaixo a Coca-Cola e o resto. Na sua santa burrice, ou suas péssimas intenções, os propagadores do nivelamento por baixo querem nos transformar em uma ilha de atraso em plena civilização — que talvez nem seja grande coisa, mas é o que temos.

Em lugar de nos isolarmos, bem que podíamos tentar nos integrar mais (atenção, não falo em subserviência ou imitação: falo em integração). Em vez de bancarmos os subdesenvolvidos fanáticos pela chamada cultura nativa, devíamos aprender mais com quem tem dois mil anos de tradição cultural, bibliotecas, arquitetura, arte, filosofia. E reconhecer o que têm de ruim, não secretamente aspirando a ele...

É preciso cuidar: ou em algum tempo, com mais algum esforço, estaremos morando em árvores, fazendo exercício no cipó e tomando banho de rio junto com os jacarés.

Ah, ia esquecendo: aí sim, inglês será tão dispensável quanto o português: teremos voltado a grunhir.

25 | *O feio vício*

Antigamente dizia-se que masturbação era o feio vício.

Eu lhes digo: a inveja é um vicio feiíssimo, secundado pelo ressentimento. Juntos preparam o caminho do inferno. Não aquele religioso, com diabos espetando o traseiro da gente, mas o do ridículo e da falta de respeito por si mesmo, pra começar.

Aliás, faz algum tempo ando implicante com as implicâncias que me assediam: alguém me telefona pra dizer que escolhi um membro de sua família, do qual jamais ouvi falar, pra esculachar em uma coluna; outro me disse que viu seu pai em um de meus primeiros romances, escrito quando o ofendido nem teria nascido.

Curtimos muito mal o sucesso alheio, a alegria alheia, o amor alheio.

Quando não gostamos de nossa própria vida, odiamos pensar que alguém esteja contente com a sua. Supervalorizamos o momento bom do outro, não para o curtirmos com ele, mas como se isso o tornasse maior ou melhor que nós, e o tratamos como réu: culpado de não fracassar, não ser vaiado, não ficar sozinho nem mofar na prateleira. A mim em geral me diverte um pouco observar essas coisas, mas às vezes me espanta.

Lygia Fagundes Telles, a quem aqui homenageio, que me incentivou a fazer ficção nos idos de setenta, já então reclamava do "olhar oblíquo da inveja vertendo sua lágrima verde de bílis".

Pois outro dia tive de escutar alguém amargo e bastante mal-educado, condenando os chamados "best sellers" e seus autores, na minha cara, quando por acaso um entre meus tantos livros "vende bem". Ao mesmo tempo tal pessoa injuriava os leitores que compram coisa tão ruim...

O que é um "best seller"? Entre nós era até pouco tempo o livro estrangeiro que vendia milhões, enquanto o autor brasileiro chupava o dedo. Hoje se rotula assim também o livro de autor brasileiro que não mofa nas prateleiras. E o termo vem com uma franja pejorativa...

Quero dizer que cansei. Nem por desinformação ou má vontade me perguntem se, depois de ser tachada de escritora "complicada", hermética e obscura por tantos anos, passei — para alguns menos elegantes — a "facilitar para me nivelar aos leitores". Se só vulgarização e baixo nível "vendem" uma obra, o Espírito Santo — pra quem nele acredita — teria descido de nível ao inspirar a Bíblia, certamente o livro que mais vende no mundo.

Somos realmente tão tolos?

Sempre há os que detestam autores cujo trabalho é mais amplamente reconhecido, seja por qualidade, sorte ou essa marca de imponderável que faz com que um livro "pegue" ou não. Sempre há os que acham defeito no empresário bem-sucedido ("deve ser corrupto"), no casal feliz ("mas com certeza ele a passa pra trás"), na mulher bonita ("Ah, mas eu soube que..."). A lista do ressentimento e da calúnia é longa.

Sinto lhes dizer, mas coisas boas acontecem, pessoas às vezes se amam de verdade, felicidade existe, famílias podem ser unidas, sucesso ocorre — e acreditem, não é caminho para o céu ou porta para qualquer academia — aliás, nenhuma me interessa.

De preferência, nem dêem tanta opinião, se não forem críticos, resenhistas, professores — e mesmo aí, aceitem seus limites. “Seu primeiro romance foi o melhor de todos”, me diz alguém. (Depois dele escrevi mais uns nove...). “Você devia escrever só romances, são muito melhores que seus ensaios e poemas”, opina outro, e alguém logo a seguir comenta: “Seus ensaios são mais interessantes, esqueça a ficção.” Um livro meu de poemas, que acaba de sair, comete o pecado de aparecer em listas de “mais vendidos”: já me divirto imaginando a reação das pessoas que vivem reclamando que “brasileiro não lê” mas criticam aqueles cujos livros vendem bem, e aqueles que os compram.

Ninguém mais ou menos sensato ou vagamente bem-educado perguntaria a Marguerite Yourcenar, se viva fosse e de repente vendesse bem um livro seu (*Adriano* certamente esteve em listas...): “Madame Yourcenar, a senhora agora se rebaixou para agradar aos leitores comuns, os ignorantes que compram best sellers?”

Então, não perguntem a nenhum escritor brasileiro “de sucesso”. Embora a gente bote a cara na janela ao escrever e publicar, sabendo que podemos levar xingamento ou agrado, somos igualmente dignos de respeito.

Mas há quem não consegue deixar o feio vício.

26 | *Esses meninos são nossos*

Um documentário sobre crianças no tráfico, visto em todo o país e certamente no exterior onde já não gozamos de grande conceito, foi de dilacerar o coração, que anda de sobressalto em sobressalto.

Os meninos e meninas que vivem e morrem no tráfico de nossas favelas, pelo país todo, *são nossos meninos*. Nada há para se discutir ou explicar. Promessas serão um insulto. O documentário — não ficção, mas dura realidade — é um tapa na nossa cara, esta cara-de-pau, cara de bunda, cara cínica ou alienada, cara de santo fingido, cara de uma omissão vergonhosa. Cara num riso alvar?

Assisti encolhida, e tantos dias depois ainda não consegui me sentir inteira.

Nunca mais serei a mesma, depois de testemunhar aquilo, e não sei de documentário mais importante neste mundo de Deus.

Aqueles meninos banguelas, aquelas meninas magrelas, aquelas vozes arrastadas de sono e droga, aqueles rostos ocultos de medo ou enfrentando impassíveis, aqueles olhares pedintes ou ferozes, mas muito mais pedintes... feriram como mil punhais qualquer pessoa que não estivesse demais embotada.

Espero que essa ferida seja para sempre. Desejo que nunca, nem um dia, a gente esqueça. Eu não quero esquecer, pois, sem usar drogas nem conviver com traficantes, indiretamente, como todo brasileiro, fui responsável pela vida e pela morte deles — porque todos, menos um, já morreram.

E não adianta depois vir dizer “ah, eu não tenho nada com isso, não uso droga, não pego arma contra eles, eu, fora!”

Nós os matamos, ah sim. Pela ação, ou pela omissão, por desviar o rosto, por não gritar, reclamar, agir.

Muito mais existe do que isso que foi mostrado.

Pior: muita gente poderosa de rabo solenemente preso vive daquela desgraça; muita cumplicidade perversa promove e mantém aquilo; tudo prolifera e floresce com muito arranjo sinistro — como sinistra disse um daqueles meninos que era a sua vida: “a vida da gente aqui é sinistra e louca”, ele disse com sua voz fraquinha.

Vou pensar todos os dias que continuam morrendo crianças iguais àquelas, que poderiam ser meus filhos, teus filhos, nossos filhos. Eram nossos, aqueles meninos e meninas, sonados, ferozes ou tristíssimos, que a gente tem vontade de botar no colo e confortar. Mas confortar com o quê? E aquela arma, e aquelas drogas, e aquela infelicidade, e aquela desesperança... fazer o quê?

Devolver-lhes o pai morto, entregar-lhes a mãe saudável e menos desesperada, com menos sepulturas de crianças mortas a visitar? Proporcionar-lhes escola, comida, casa, família, vida — tudo isso que para sempre lhes devemos e lhes foi roubado antes mesmo de serem concebidos?

Idealmente, romanticamente, se a gente colocasse nas favelas e morros do país inteiro uma infra-estrutura minimamente decente, policiamento honrado,

escolas em funcionamento, clínicas, locais de lazer e atendimento efetivos, antes acabando com a matança entre “bandidos” e “mocinhos”, alguma coisa iria melhorar.

Mas não há soluções à vista: só palavras e ímpetos de indignação, tudo cheirando a uma certa hipocrisia — e a flor murcha em velório.

“Quando eu morrer, vou descansar” — disse com uma simplicidade arrepiante um menino, tão pequeno que não podia ter mais de dez anos. Ele morreu, e morrerão muitos mais, porque nada de verdade, efetivamente, é feito, nada muda.

Todo aquele entre nós que usa drogas pra imitar, pra fazer parte, pra relaxar, pra fugir de problemas que não são tragédias, são apenas problemas, empurrou um pouco mais para a sua tristíssima e imerecida morte aqueles meninos e meninas, que eram nossos. Nós todos somos culpados de que eles tenham existido, sofrido, matado e morrido, sem qualquer possibilidade de vida, de esperança.

Desejo que essa ferida e essa vergonha nos dêem alguma idéia salvadora e nos levem a uma postura determinada, que gere ações efetivas, eficientes, reais. Não promessas, não seminários com sociólogos, religiosos, psicólogos e antropólogos, médicos e quem sabe policiais. Não entrevistas comovidas e comoventes em televisão e jornais — mas atitudes e ações.

Não acredito que elas aconteçam: deixamos que o problema se alastrasse demais, permitimos a guerra civil. Nos assustamos um pouco, aqui e ali interrompemos a dança insensata e nos emocionamos, mas... nada além disso. A ferida aberta pelo documentário e pela realidade continuará incomodando. Contra ela só há dois remédios: agir ou alienar-se mais.

Quero que ela nos machuque feito brasa ardente, até o fim das nossas miseráveis vidas.

27 | *Tão jovem, a morte*

Eventualmente alguma carnificina aqui perto ou em países distantes inclui crianças: modernos recursos anulam distâncias, com sua afiada lâmina dupla, e rostinhos mortos ou grandes olhos apavorados invadem nossa intimidade.

Temos de um lado o mundo à nossa disposição, cheio de belezas e horrores; de outro lado estamos nós expostos a tudo, vulneráveis como nunca antes ao encanto e à perversidade humana.

Aliás, desde aquele 11 de setembro, geograficamente também afastado mas sempre presente, parece que mudamos. Não nos satisfazem mais receitas fáceis de viver bem, ensinando a sermos felizes em 10 lições a preço módico. Estamos nos questionando, sempre que escrevo faço questionamentos.

Buscamos significados mais profundos, porque nos sentimos responsáveis: por nós, pelo outro, pelo mundo, pela vida.

Pela morte?

Pela morte às vezes também. Pelo que fazemos em relação a ela, ou diante dela.

Outro dia fui ao velório de um homem muito moço. Abracei a jovem viúva, e mais uma vez me dei conta do peso dessa palavra. Recordei a primeira vez que tive de escrever “estado civil: viúva”. Embora aquele fosse meu estado há semanas, senti um choque. Mesmo tantos anos depois, a sensação retorna: sou eu, isso aconteceu comigo?

Como todos ali, eu me sentia impotente para ajudar, a morte sendo o maior teste da impotência de todos os amores. Fugi do tumulto de emoções que enchiam o recinto e saí para o parque, onde os jazigos mal se distinguiam no gramado com árvores e pássaros, pensando no quanto palavras não adiantam nada, são nada, tudo é nada diante dessa realidade irreal: aquele a quem amamos, filho, bebê, amado, pai, mãe, irmão, amigo, que momentos atrás nos abraçou, falou conosco, esse ausentou-se. Seu cabelo, sua mão, seu olho atrás da pálpebra, são mero resquício, e em breve também nos serão tirados como lembranças.

Onde está a sua essência? Onde estaremos nós um dia, na mesma situação, quem sabe logo, ao sair daqui, em uma hora, um dia, um mês?

Por não saber a resposta, nos defendemos no cotidiano: trabalho, arte, filosofia, bebida ou outra droga, a frivolidade ou ideologia. Em tudo o que de legítimo fazemos, nos ocultamos.

Porém o olho mágico daquela que fatalmente virá nos espreita. Dificilmente estaremos preparados. Ninguém nem ao menos sabe nos dizer o que é estar “preparado”.

A rainha da nossa perplexidade, que torna o presente tão importante, o amor tão urgente, a bondade tão necessária, a ética tão essencial, a arte tão fundamental — ela, a Senhora Morte, devia, por inevitável, nos tornar muito melhores do que somos.

Muito mais prudentes. Muito mais audaciosos. Muito mais abertos para a vida, a alegria, a claridade, em lugar de tão enredados em nossas mesquinhas intrigas, nossas cotidianas reclamações, nossas minúsculas vinganças.

Porque só uma vida bem vivida, com decência e generosidade, prepara, ainda que sem muita garantia, isso que chamamos morte: que nos espreita na cama, no carro, no avião, na calçada, ou na mira de algum terrorista alucinado.

28 | *Rotular para descartar*

Um de meus assombros infantis: qual a verdade de cada pessoa, aquelas que me rodeavam numa casa geralmente alegre, as figuras cotidianas da família?

Eu descobrira que nem sempre dizia o que pensava: e os demais?

Uma de minhas perplexidades adultas: por que nos afastamos da verdade, se é que sabemos qual a nossa verdade? Por que tantos amores, amizades e até relações no trabalho começam com fervor e de repente — ou lenta e insidiosamente — se transformam em indiferença, irritação, até crueldade?

Ninguém se casa, tem filho, assume um trabalho ou começa uma amizade querendo que saia tudo errado. Quantas vezes, porém, depois de algum tempo trilhamos uma estrada de desencanto?

No mais trivial comentário, por que, em lugar de olhar para o outro, a gente tem tanta facilidade em rotular, discriminando, marcando a ferro e fogo o colega, amigo, vizinho, amado ou amada, até mesmo rival? Humilhamos até sem pensar: “Burro, arrogante, falso, preguiçoso, mentiroso, omisso, desleal, vulgar, gordo, magrela, baixinho, pigmeu, girafa, vesgo, gay.”

Parece que não convivemos com pessoas: convivemos com imagens rotuladas pela nossa nada generosa fantasia.

Pergunto a uma amiga pelo seu genro: “Aquele? Cada vez mais gordo!” Mas talvez eu quisesse saber se fazia a filha dela feliz.

E nossa amiga comum? “Irreconhecível, deve ter feito a milésima plástica!” Não me deixou saber se a mulher de quem falávamos se recuperara da viuvez ou de alguma doença, se estava deprimida ou superando algum trauma.

Acordamos com raiva de tudo e todos, pelo menos com um imenso desdém pelo que nos cerca. “Sujeito metido a besta, cidadezinha sem graça, curso fraco, professor ultrapassado, alunos medíocres, emprego de quinta, cantor desafinado, empresário falido, ou, na imprensa: “mulher, aposentado, idoso.”

Quem era, como se chamava, teve filhos, teve trabalho, vizinhos, amigos, sucessos, fracassos, de que morreu, como viveu? Detalhes pessoais vêm em letra miúda, quase ao acaso.

Não vemos gente ao nosso redor, vemos etiquetas. Difícil, assim, sentir-se acompanhado; difícil, desse jeito, amar e ser estimado. Vivemos como ilhotas sem viagens nem pontes, olhar rápido e superficial, o julgamento à mão como um lenço de papel.

Todos sozinhos, isolados em nossas gavetas conceituais nada positivas. Não admira que a gente sinta medo; solidão; raiva mesmo que imprecisa, nem sabemos do quê ou de quem; susto; desespero; pressa em criticar para não ser criticado.

Atacamos antes que nos ataquem, como se o outro fosse uma ameaça, não possibilidade de encontro e descoberta, e até alegria.

Não precisávamos ser anjos, mas um pouco mais humanos, isso sim.

29 | *Macho & fêmea*

Não há palestra em que não me façam perguntas sobre a “liberdade” da mulher atual: que é pseudoliberdade, pois trouxe responsabilidades e conflitos antes nem imaginados.

Por que raramente perguntam sobre aspectos e mudanças no universo masculino?

O interessante é ver que nada ocorre com essa entidade meio abstrata, “a mulher”, que não provoque alterações nessa outra entidade abstrata, “o homem”. “A senhora acha que os homens estão assustados com essa nova mulher?”, perguntam invariavelmente, e hão de se desagradar da resposta: “Os mais bobos estão assustados, os mais inteligentes estão interessados.”

O conflito é existencial e atávico, vem das cavernas: quando o macho precisava depositar sua semente no maior número possível de fêmeas jovens e saudáveis, e a fêmea devia tratar bem o seu grandalhão para que ele executasse a contento sua tarefa em favor da espécie.

Além disso, a dama peluda precisava cuidar das crias na caverna... pela mesma razão.

Não creio que naqueles tempos meio toscos se pensasse em papéis, guerra de sexos, que se cultivassem preconceitos ou se realizassem debates no interessantíssimo terreno do masculino/feminino — aquele onde ninguém se entende, mas para sempre se busca.

Entre as mulheres, nota-se o mal disfarçado, apesar de alguns protestos, medo de solidão. Como donzelas medievais, no fundo das atuais guerreiras, empresárias, políticas, doutoras e outras, viceja a ilusão de que, com amante, namorado, marido, teremos resolvido o drama ontológico: o que somos, quanto valemos, o que significa esta vida?

Numa relação positiva, a vida partilhada se torna muito mais rica; numa relação de dependência excessiva, submissão ou tirania, seja de que parte for, seremos solitários e escravos.

A solução do conflito não reside nas teorias nem nas disputas de poder, mas no afeto que implica respeito, superando paradoxos naturais, e lançando pontes entre contrários às vezes hostis.

Voltando ao tema das datas marcadas para lembrar, homenagear ou amar melhor, penso que o Dia da Mulher deve ser igualmente o do homem.

Isso vai ocorrer quando tivermos consciência de que o homem terá ganhos até maiores do que os dela na medida em que a considerar, mais que igual pela jurisprudência, uma parceira respeitada e admirada, assim como, espera-se, ela por sua vez o admira e o respeita.

Cada dia de convívio será uma ocasião de vencer, juntos, seus limites individuais, as convenções e os preconceitos, superando velhos e tolos medos. Assim poderão ser mais vezes cúmplices, como amantes amigos.

Para isso é preciso civilizar um pouco mais os peludos habitantes das

cavernas que ainda vivem em nós, para quem pouco existia além de caçar, comer e matar: nossos atuais conflitos lhes pareceriam brincadeira de crianças.

E se eles já conheciam o riso, contemplando o nosso dilema “masculino e feminino” haveriam de balançar a cabeça e dar boas risadas neandertalescas: “Nossa! Como são primitivos esses civilizados...”

30 | *Mistério ou realidade?*

Gosto de pensar que o tempo não existe a não ser como convenção para demarcar nossas atividades, com efeitos na geografia do nosso corpo.

Eventualmente ele deixa rastros também em nossa alma: que se expande, fica mais generosa. Ou encolhe na amargura e no ressentimento.

Depende de escolha nossa, mas também da genética psíquica com que somos marcados ao nascer, além da influência da família, campo de treinamento como seres humanos do qual nos vem capacidade de ternura e confiança, ou suspeita e autodestruição.

Com a realidade não é muito diferente: em que medida ela existe ou é uma espécie de alucinação? Não estaremos sonhando isso que consideramos real,

para despertar na morte e descobrir que tudo foi um sonho?

Mas afinal eu sou mesmo uma inventora de histórias; recentemente, de algumas para uma criança: nelas eu era uma bruxa boa disfarçada de avó, escrevendo no computador mas escondendo atrás dos livros potes com pós mágicos para vencer as bruxas más, moradoras de um buraco no meio-fio ali na esquina.

Claro que imediatamente perguntaram: “Você agora faz livro pra crianças?” Não sei. Não escrevi “livro para crianças”, não sou uma autora de literatura infantil, e, mesmo que haja uma continuação, o livro das bruxas é um episódio na minha carreira.

“Bruxa existe, fada existe, bicho fala?”, me perguntava a criança que recheou minhas invenções com suas maravilhosas fantasias, como perguntar se à noite estrela-do-mar acende no fundo das águas.

“Existe, claro”, respondi. “Para quem acredita, tudo isso existe.”

Depende, pensei comigo mesma, de nossa capacidade de tocar o mistério para além das limitações do nosso pensamento adulto, com sua pretensa lucidez e seu melancólico ceticismo.

Se acredito que somos transcendentais, se fora de uma religião institucionalizada tenho do mundo e do ser humano uma visão do misterioso e do sagrado que os caracterizam — por que não existiriam criaturas miraculosas, e quem me garante que de vez em quando dois mais dois não é algo diferente do tedioso quatro?

Pesquisadores geniais começam a abrir frestas de conhecimento pelas quais se entrevêem coisas que antes os levariam à fogueira... das bruxas medievais. Quantas dimensões temos no universo? Uma quarta foi aventada, e quem sabe outras mais.

O tempo é um fluir ou uma série infinita de recortes, entre os quais transita, inexplicavelmente (por enquanto), a nossa inteligência, na ilusão da temporalidade?

Comecei a querer entender o mundo quando ainda nem comia à mesa dos adultos, intrigada com mistérios como o vento de chuva que vinha como um

grande animal resfolegante sobre as árvores do jardim.

Eu sempre quis compreender: porque não entendo, escrevo. Como jamais entenderei, até o fim da vida tentarei expressar em palavras, linhas e entrelinhas, essa inquietação.

Bruxas existem, fadas existem, a vida depois da aparente morte existe, os encontros humanos são destinados: algo secreto maneja os laços que se atam e desatam em ódios e amores, família, amizades, até encontros breves.

Por que não?

Nada é impossível no processo no qual estamos incluídos como as árvores na floresta e as conchas na areia: transformação, não deterioração; soma, não redução; milagre cotidiano, não crueldade implacável.

Se conseguíssemos enxergar, seríamos mais abertos e ousados. Daríamos mais importância ao crescimento, não à castração; ao respeito, não à vingança. À busca de felicidade ou harmonia, não à caça de poder e dinheiro.

Teríamos consciência de que a vida nos lançou fora do casulo do não-saber para exercermos generosidade e liberdade, até sermos de novo encerrados (ou expandidos?) nisso que chamamos morte.

Ao menos por algum precioso instante de libertação, devíamos poder ser crianças que acreditam que à noite, quando todos dormem, alguma Bruxa Boa voa sobre os telhados em sua vassoura, feliz porque os que ama dormem protegidos, ao menos neste instante.

31 | *Pecado mais-do-que-capital*

Em uma escola de uma capital brasileira, alguns pais reclamaram com a direção: não queriam seus filhos estudando lado a lado com dois meninos estrangeiros, de um país que consideravam "atrasado e fanático".

A direção, a meu ver pecando por compactuar com a intolerância, agravada pelo fato de envolver crianças, pediu aos pais que decidissem: alguém tinha de sair, tinha de tirar seus filhos. Resolvessem isso entre si.

Os pais dos dois menininhos estrangeiros, pressionados de um lado e desamparados de outro, tiraram os filhos da escola.

Diga-se de passagem que o pai era executivo de uma empresa, com vários diplomas importantes, e um currículo invejável; a mãe, professora universitária.

Mesmo que fossem pessoas simples, um operário e uma doméstica, sua honra seria a mesma, seus direitos iguais.

•

Num restaurante de classe média, pessoas torcem o nariz e pagam a conta antecipadamente, sem concluir a refeição, porque na mesa ao lado sentou-se um casal de cor, com dois filhos adolescentes. Ninguém comentou ou reclamou que se tratava de um criminoso racismo, não comprovável mas evidente. A mocinha pôs-se a chorar e pediu para irem embora também. A família comemorava ali o décimo quarto aniversário dela.

•

Um filho decide largar os estudos superiores e pegar um emprego bastante bom, em uma empresa decente. O salário não era alto, mas a situação lhe convinha, ele preferia experiência a diploma, e isso estava lhe sendo oferecido.

O pai decidiu não falar mais com ele, negou-lhe qualquer ajuda monetária, e só não o expulsou de casa devido aos apelos da mãe. Porém, deixava claro, em todas as ocasiões possíveis, que o filho era “sua grande decepção”.

•

Um marido pede a separação depois de alguns anos bons e muitos ruins, o que estava evidente até para os amigos. A mulher, que certamente também não estava feliz (a não ser que fosse muito boba ou esperasse muito pouco da vida), primeiro recusou, depois sofreu, se hu-milhou, se deprimiu, caiu de cama, mas

por fim teve de cair na realidade.

Passara a vida devotando-se aos outros, marido e filhas no caso, sem tempo ou energia para si mesma: desinteressada de si, quem sabe por isso desinteressante?

Surpreendentemente — ou não —, as duas filhas moças tomaram partido do pai, como se de repente a mãe, que delas cuidara por mais de vinte anos, se tivesse transformado em alguém desprezível.

Nenhuma das duas lhe perguntou, uma vez sequer, das suas dores; até a acusavam de não ter conseguido agradar melhor ao marido. Parecia-lhes natural tratar sem o menor respeito aquela que as tinha criado, amado, educado e orientado naqueles anos todos.

Nisso foram aliás secundadas pelos avós, que partilhavam a opinião delas sobre sua própria filha: incompetente para manter o casamento com um homem "tão bom, que não deixava faltar nada em casa"... o que mais ela queria?

Os casos se multiplicam, são muito mais variados e cruéis do que estes, existem em meu bairro, em seu bairro, em nossa cidade, em nosso país, neste às vezes melancólico planeta.

Nossa postura diante do inesperado raramente é de abertura e escuta. Não somos generosos, mas infantilizados e egoístas. Queremos todos os privilégios para nós, a liberdade, a esperança: para o outro, mesmo se antes era muito próximo, queremos a imobilidade. Cassamos, sem indagar, seus direitos humanos mais básicos, e nem ao menos procuramos saber onde está, como está, para onde vai.

O desrespeito, que não consta no índex das religiões mais castradoras, é com certeza um feio pecado capital — do qual, se nos examinarmos bem, poucos escaparão.

32 | *O privilégio de ser humano*

Antes que alguém reclame: não entendo de cinema, não sou cinéfila, não sei citar diretores nem produtores, freqüento cinemas como qualquer simples mortal.

Há filmes que a crítica malha e me agradam, há filmes que a crítica dita sofisticada endeusa, e me entediam. Às vezes, concordamos, os entendidos e eu.

Dois filmes mexeram comigo de maneira especial, e deles quero falar aqui, eu, comum espectadora.

O primeiro foi *Closer,* que de *Mais perto* resolveram traduzir como *Perto Demais*. Tinham-me falado do filme de várias maneiras, dizendo que era sobretudo um filme sobre o amor.

Muitas mulheres dizendo que ele mostrava mais uma vez que “homem não presta, são todos infantis e boçais” (*sic*); outras, que revelava a diferença abissal entre masculino e feminino — isso me interessou, pois escrevo um ensaio incluindo o fascinante tema.

Achei que os homens em sua maioria não tinham apreciado muito, mas vai entender a alma masculina.

Seja como for, assistimos sem esperar nem grande decepção nem maior entusiasmo. Ao sair nos perguntamos: Sobre o que, resumidamente, você acha que falou esse filme?

Fomos mais ou menos unânimes: *Closer* trata de desencontro e solidão. De incomunicabilidade. De futilidade, de não-entrega. O que menos se aborda ali é amor.

Nada vi de diferenças marcantes entre masculino e feminino: ao contrário, todo mundo está com alguém, mas de olho no outro, e tanto faz qual o sexo de quem, saboreando um, espreita o vizinho.

Closer retrata entre muitos um aspecto marcante do nosso tempo: a superficialidade e o hedonismo crasso com que tantas vezes nos desperdiçamos.

Menina de Ouro, o outro filme, me desagradaria de saída: detesto violência, sobretudo física, e nunca entendi como se pode ferir e deixar-se ferir enquanto outros seres humanos em torno torcem como se fossem todos, no ringue e fora dele, animais.

Por outro lado, o tema da eutanásia é difícil, duro, e a algumas pessoas toca muito de perto: por exemplo, a quem eventualmente assistiu, ano após ano, à deterioração mental e física de uma pessoa amada, indizível sofrimento.

Bom para provocar os falsos moralistas no mundo inteiro, bom para abalar os rígidos e bom para fazer dançar um pouco os intolerantes donos da verdade.

Mas Eastwood disse numa entrevista que não quis fazer um filme sobre boxe nem sobre eutanásia. Fez um filme sobre a precariedade da vida, e sobre os sentimentos humanos. Gostei disso, gostei muito.

Para quem escreve sobre eles e sobre família em especial, o filme provocou um mar de reflexões. O treinador, sentindo-se culpado, bate anos a fio à porta de

uma filha rancorosa que lhe devolvia pontualmente as cartas. E encontrou na jovem boxeadora alguém que o soube valorizar, que precisava dele, e que lhe deu tudo o que a sua filha de sangue negava.

Laços de sangue nem sempre são laços de afeto: cruel, mas real.

Para a moça, solitária e desamada, o velho treinador, fingidamente frio e crítico, foi a família que ela não teve, ou melhor: tinha, mas antes nem existisse, pois era fria, aproveitadora, ridicularizando seus esforços e ignorando seus sentimentos. Mocinha e treinador tinham estado jogando pérolas a porcos: a vida lhes deu uma chance de escolher algo mais, na arguta e comovida visão de Clint Eastwood, que eu tinha começado a perceber em *As pontes de Madison*.

A passagem do tempo foi extremamente favorável a esse ator já envelhecido. Os obcecados pela beleza física e pela eterna juventude dirão que está enrugado, feioso, torto até, mas — que ator. E que diretor. Que abrangência de talentos: até da trilha musical ele cuida, com brilho.

Grande filme sobre dois grandes personagens aparentemente fracassados, mas poderosos na sua capacidade de dar e aceitar amor.

Boa sugestão: transforme-se o desperdício em generosa troca.

33 | *O gato comeu*

Ando colecionando informações sobre coisas importantes que algum gato comeu, deixando um vazio cheio de dúvidas: porque certamente um gato voraz e sombrio tirou da bandeja dos acontecimentos que poderiam melhorar o país (e a nossa vida) algumas guloseimas éticas e morais, deixando em seu lugar interrogações sem resposta:

Cadê o ânimo inicial de quando começaram a ser desmascaradas as falcatruas em governo e política, e a gente acreditava que as coisas finalmente iam ser postas em seus lugares e poderiam mudar?

Cadê fonte e destino especificados da fortuna — e que fortuna — manobrada por um tesoureiro de partido, cadê o nome da pessoa que lhe deu autoridade para

administrar tanta e tão suspeita grana, e continuar sem punição real?

Cadê o responsável, singular ou plural, pelo dinheiro ainda maior que rola nas mãos de um publicitário, calculado em bilhões que poderiam comprar escolas, construir ou melhorar hospitais, salvar milhares de vida, tornar menos miserável este país?

Cadê a prometida deposição dos cargos, a prisão, a punição superexemplar dos mais que culpados (os que se conseguiu encontrar) dessa lambança toda, que seria de rir se não fosse trágica?

Cadê aquele que ministrou elixir de esquecimento a autoridades que não podiam se eximir de saber tudinho?

Cadê o impedimento de quem nega às CPIs informações valiosíssimas, faz sumir documentos, promove atrasos inexplicáveis e provoca insuportáveis confusões — para que tudo apareça, menos a verdade?

Cadê o apoio ao esforço dos membros de CPIs que ainda acreditam em justiça e ainda insistem em descobrir as manobras, procurar os criminosos, enfrentar as barras, que não devem estar sendo muito leves?

Cadê a decência de quem, instalado em entidades vetustas e tribunais imaculados, age para que não se perceba que os corruptos estão sendo favorecidos, não a justiça nem a verdade?

Cadê a fábrica de caras-de-pau que preservam (só para os bobos ou ladinos) as aparências de que as coisas funcionam, tudo engrenado, lubrificado e com os parafusos apertados como nunca antes, as autoridades de nada sabendo neste país delirante?

Cadê o nome de quem nos roubou a certeza de que enfim a casa seria faxinada, sem medo daquilo que mostra rabo e patas nas frestas desse imenso barraco em que se transformou o país?

Cadê a vergonha e a coragem, devoradas por esse monstruoso gato que agora lambe os bigodes e olha com risinho sarcástico o mapa do Brasil político, onde corremos feito ratos acovardados ou pouco inteligentes?

Constantes descobertas novas, provas que os cínicos dizem ignorar e os mal-intencionados desprezam, ainda espocam aqui e ali, fazendo com que a gente

não desista de todo.

Mas mesmo que aqui dentro as coisas cheirem mal, vamos deixar de lado tanta pergunta, ou seremos os empata-alegrias, os chatos de galocha.

Sejamos uns simpáticos otimistas. Lá fora o Brasil mostra o que, na sua baixa autoavaliação, pensa que é só o que sabe: futebol. As eleições vão explorar a nossa credulidade e embotar a nossa mente.

Poucos vão continuar reclamando.

Estamos em pleno futuro: viva o Carnaval que ajuda a esquecer, viva o futebol que vai renovar nosso entusiasmo pela mãe-pátria, e viva, não esqueçam, o gato que comeu nossas preocupações, bebeu nossa passageira ira, e hoje se diverte com nossa covarde acomodação e nossa tão fraca memória.

34 | *Versões e inversões: filhos agressivos*

Fizeram-me outro dia a pergunta muito freqüente: “por que hoje os adolescentes são tão agressivos, e as crianças tão malcomportadas?”

Todo relacionamento humano é uma trama complicada de questões, com poucas respostas sensatas. A matemática falha nesse território singular: dois mais dois pode ser quatro, mas pode ser quatro e meio...

Tento, porém, uma resposta simples: “Porque nós deixamos.”

Está havendo uma generalizada inversão de valores e troca de papéis, que nos confundem. Por exemplo, as que ocorrem entre público e privado: vivemos uma ânsia de expor o que pensamos haver de menos lisonjeiro em nós mesmos ou em qualquer outro. Destacar-se positiva ou negativamente é botar a cara na

janela, tornar-se cabide dos fantasmas alheios: verdade mais contundente do que imaginam os que nunca se debruçaram em nenhum parapeito.

Quando pequena, numa cidade do interior, era engraçado no fim da tarde, no sobrado de meus avós, subir numa banqueta, e, cotovelos apoiados em almofadas, ficar olhando pela janela o que se passava na rua. Até que descobri que eu é que estava sendo olhada: eu me expunha, eu, tímida e assustada, era personagem, não platéia. E a janela perdeu a graça.

Outras inversões? Essa tão atual, entre quem manda e quem obedece (temos medo dessas duas palavras?), quem aponta e quem escolhe, quem orienta e quem se interessa. Autoridades são cada vez mais objeto de descrença e suspeita, e por vezes merecem isso; pais andam encolhidos ou aflitos, os filhos demais mandões e malcriados, a petulância e a grossura estão na onda do dia.

O problema da autoridade em crise não é do vizinho, não acontece no exterior, não é confortavelmente longínquo: é nosso.

Se nos desestabiliza, a nós adultos, e nos isola desses de quem estamos ainda cuidando, é porque, atordoados pelo excesso de informações confusas, desaprendemos de dizer *não*. Nem distinguimos quando se devia dizer *sim*.

Estamos tão desorientados quanto esses que têm vinte, trinta anos menos do que nós. Instalou-se mais uma inversão, e essa pode ser bem dolorosa: pais temendo os filhos, crianças comandando adultos, professores sem autoridade, alunos sem limites.

Muitas vezes crianças são excessivamente malcriadas e adolescentes agressivos demais porque têm medo.

Testar a autoridade adulta, bater pé, faz parte de crescer e saudavelmente buscar seu lugar no mundo. Mas não ter limites é assustador. Ser superprotegido fragiliza. O mundo é informe quando se está começando a caminhar por ele: quem poderia sugerir formas, apontar caminhos, discutir questões, escutar e dialogar, anda inseguro como os mais jovenzinhos.

Teorias mal explicadas, mal digeridas e pessimamente aplicadas geraram a fuga da responsabilidade e o receio de desagradar (todos temos de ser bonzinhos).

Alia-se a isso o conformismo: “hoje em dia é assim mesmo”. Ser responsável, exercer autoridade é cansativo, é tedioso, dá trabalho, causa insônia. Queremos ser amiguinhos, mas os filhos precisam de pais. E, intuindo nossa aflição, esperneiam, agridem, se agridem — porque têm medo, mais do que esses que os deviam confortar.

Ter filho é ser responsável; ensinar numa escola é ser responsável; ser governo e ser autoridade é uma responsabilidade assustadora; estar vivo é grave responsabilidade: o que estamos fazendo dessa nossa vida?

Ao menos um pequeno facho de segurança e orientação a gente tem de colocar nas mãos das crianças e jovens, para que, quando precisarem, possam se voltar para nós — antes de se voltarem contra nós.

35 | *A feira das bondades*

Um fio de esperança: algumas centenas dos falsos colonos que criminosamente invadiram e devastaram propriedades privadas no Rio Grande do Sul estão sendo indiciados.

Será para valer, ou mero espetáculo? Pão e circo para distrair os bobos de outras realidades, “bondades” para com esses que aviltam e atrasam nosso país há tanto tempo, invadindo o campo e os edifícios públicos, sob o olhar complacente ou companheiro das autoridades?

Espero que seja real, com resultados reais, que seja tratado com enorme rigor e levado às últimas conseqüências, em vez de naufragar no mar de maus odores que nos ameaça. Mas que — essa seria uma “inclusão” necessária — atinja os

que continuam cometendo crimes pelo resto do país e se alegram com a manutenção desse estado de coisas. Aí poderemos começar a respirar melhor. Pois de momento, estamos acuados.

Minha amiga anda com uma criança pela mão, numa rua movimentada de uma não muito grande cidade. Um adolescente a aborda, agressivo, pedindo dinheiro. Olhos injetados, meio descoordenado, ele está evidentemente sob efeito de drogas.

Ela se mantém calma, diz que não tem. Ele levanta a mão, arranha o rosto dela e se vai — tranqüilo como um deputado que acabasse de ser vergonhosamente absolvido de culpas óbvias.

Saiu-se bem, a minha amiga. Foi só um arranhão: podia ter sido um tiro ou uma navalhada.

Fiquei pensando nos motivos pessoais e sociais que levam tantos meninos e meninas a cometer crimes nas nossas ruas e a destruir suas vidas. Seminários, estudos, palestras tentam diagnósticos e remédios: pouco resultado.

De uma coisa não se duvide: se dependesse do modelo de algumas de nossas figuras públicas, a maioria dos jovens não teria estímulo para ser honesta, trabalhar duro, agüentar horários, disciplina e patrão, ajudar sua família, ter vida digna e ser uma presença positiva na comunidade.

Para que todo dia, ao chegar em casa e fechar a porta, a gente não tivesse de pensar: “Hoje tive sorte. Não fui assassinado, roubado, estuprado nesta guerra civil que nos assola.”

A certa altura da vida achamos que nada mais nos espanta. Pois eu me espantei: no meio dessa generalizada loucura, baixaram um pacote de benefícios para aposentados, parte de um programa maior, que chamaram... “pacote das bondades”.

Não pude acreditar. Quem teria batizado a pobre criança sob tão lamentável inspiração? Mas era verdade.

Um governo nunca age por “bondade”: tem *obrigação* de desempenhar otimamente seu papel de cuidar, administrar, ser exemplo de dignidade, dar oportunidades ao cidadão, do mais simples ao mais privilegiado: são eles que lhe

pagam salário e garantem seus cargos.

É dever de todo governo liberar de impostos os medicamentos, mais onerados do que automóveis. É seu dever investir na manutenção e melhoria de escolas e universidades, e cuidar de que seu nível seja elevadíssimo; é seu dever eliminar as filas humilhantes ou assassinas do INSS; é seu dever combater de verdade o narcotráfico; é seu dever promover a paz nas cidades e no campo, assegurando aos que ali vivem e trabalham o necessário apoio para que se sintam dignos e protegidos.

É altíssimo dever de quem conseguiu qualquer posto num governo, fazer de seu grupo de colaboradores e seus representantes figuras honradas.

Se algum nome devesse ter o tal pacote, haveria de ser: “cumprimento das graves obrigações do governo.” Entre elas, exercer autoridade, impor ordem e respeito, e cuidar de nós, todos nós.

Pena que, como em todo processo de crescimento, a gente precise passar por tantas e tamanhas decepções — como quem escolheu o amante infiel, o amigo desleal, o lado pior da estrada, para, só depois, enxergar outras possibilidades: às vezes, tarde demais.

36 | *Caio F. (como ele gostava)*

Não preciso falar do escritor tocado de genialidade que gostava de assinar "Caio F.": falo do amado amigo, quase um irmão mais novo.

Era estranha, aquela amizade nossa... ou deverei dizer "é", no presente?

Caio Fernando Abreu nasceu um dia depois de mim, exatamente dez anos mais tarde. Eu era casada com um ilustre professor universitário e pesquisador, tranqüila mãe de 3 filhos vivendo com grande simplicidade e escrevendo seus livros.

Caio, alma inquieta e cintilante, era um andarilho misto de príncipe e alternativo. Ouvi falar dele muitas vezes antes de o conhecer. Um velho crítico severo e erudito tinha me dito:

“Escritor não nasce pronto, mas esse rapaz é uma exceção: aos 20 anos de idade produz um texto onde nada há para melhorar.”

Acabei conhecendo Caio pessoalmente em minha casa em Porto Alegre, onde me visitou quando aceitei a sugestão de um amigo comum, diretor de teatro: “Quero levar seu romance *Reunião de família* ao palco, e só há uma pessoa capaz de adaptar esse livro: Caio Fernando.”

Alguma coisa em pessoas tão incongruentes como Caio e eu transcendeu todas as diferenças, e imediatamente nos tratamos como irmãos. Demos muitas risadas, falamos coisas loucas e profundas e engraçadas, nos comovemos às lágrimas, e naturalmente dei minha autorização. A adaptação de Caio foi magnífica, a peça, montada, foi um sucesso, e a partir dali acho que passei a entender melhor meus personagens, com seus labirintos e dramas existenciais, agora vistos em carne e osso.

Nossa amizade estava decretada. Mesmo em cidades ou países distantes, ficamos em contato. Carta, telefonema ou raro encontro, era simples continuação de um diálogo nunca interrompido. De São Paulo ou Amsterdã, ele me escrevia, com assiduidade ou em longos intervalos.

Algumas vezes relatava suas lutas e dificuldades, momentos bons ou pobreza e solidão. Em outras ocasiões, com um pouco daquele seu humor tão peculiar, escrevia: “Ando casto e em paz. Rego minhas plantas, escrevo cartas, faço poemas. Pareço uma recatada velha dama inglesa. ”

De mim, dizia com muita graça:

“A Lya, com aqueles cândidos olhos azuis e jeito de mãezona, não tem idéia do que escreve, tanto mistério e dor. Aquilo deve ser tudo psicografado.”

Na madrugada em que perdi alguém muito querido, Caio acordou à mesma hora, em outra cidade, pensando intensamente em mim, preocupado sem saber a razão. Só horas depois teve notícias pela imprensa. Semanas mais tarde me mandou um postal, dizendo que nem sabia por que motivo o escolhera, mas ia mesmo assim: “Escolhi entre outros na minha gaveta por pura intuição, achei que você ia gostar.”

No cartão em tons sépia, via-se o que poderia ser a fotografia de um dos

lugares e objetos especiais daquela pessoa. Caio nunca estivera lá, nunca tinha visto nada daquilo.

Não estranhei, nem indaguei: a gente era assim, Caio era assim.

Quando ele adoeceu, li seu artigo revelando sua condição, num dos mais admiráveis testemunhos de humanidade e coragem que conheci neste mundo hipócrita. Perto do seu fim, tivemos duas experiências de amizade destinada. Numa delas, jantávamos juntos, num restaurante discreto perto da casa dele, já retornado a Porto Alegre. Caio de repente segurou minha mão por algum tempo, depois disse: “Eu sempre vivi como quem quer se matar. Agora que sei que vou morrer... como eu amo a vida!”

Nada melodramático, nenhuma autopiedade: apenas dolorida constatação.

Quando ele já estava definitivamente no hospital, quase não recebendo visitas, eu tinha notícias constantes através de amigos chegados. Um dia ele quis me falar, então telefonei. A voz de Caio era inconfundível. Falamos algumas banalidades, depois ele perguntou, direto: “Lya, o que você acha que vai acontecer comigo quando eu me libertar deste corpo?”

Seria indigno dizer algo falsamente consolador a alguém como Caio: nem ele nem nossa amizade nem o momento mereciam isso.

Respondi aquilo em que acredito: “Acho que, livre desse corpo, você vai ser pura intuição, e enxergar num deslumbramento tudo isso que passamos a vida procurando entender, e sobre o que escrevemos tanto.”

Ele fez um silêncio breve e voltou à carga, num misto de angústia e carinhosa provocação: “E se não for assim?”

Assumi o mesmo tom: “Ah, meu querido, se não for assim, nós dois vamos virar uns diabos bem perversos e vir fazer toda sorte de malandragens neste mundo!”

Sua risada soou no fio do telefone, clara e forte como nos tempos de saúde. Foi nosso último contato: ele morreu dias depois.

Mas está comigo, como outros seres amados que se foram sem realmente partir — porque eu acredito assim.

37 | *Tirem as crianças da sala*

Ama-me como sou, diz o filme de Tizuka Yamazaki, que é uma boa lição sobre o amor.

O pedido é difícil: não sei se é justo dizer “Eu sou assim”, “Se me ama você tem de me aceitar”, ou “As coisas são como são”, “não adianta espernear porque nada muda mesmo”.

Na vida pessoal (e na pública) essas frases são perigosas, amor incondicional é perigoso.

Melhor dizer: estou num momento ruim, tenho manias e defeitos como todos, mas quero melhorar, tenha paciência comigo. Ou: não é simples, mas com honestidade quero cuidar de você.

Tenho a impressão de que algumas autoridades querem nos fazer pensar que este país nos pede: me deixem ser como sou, meu jeito é esse mesmo, não é desonestidade nem corrupção, as coisas são assim, e em todo mundo é mais ou menos isso.

Mentira, ignorância ou falsa noção de utopia?

Neste Brasil em que se encontra uma utopia em cada esquina, uma para cada gosto — marxismo terceiro-mundista, cristianismo revolucionário, todas as formas de messianismo, nacionalismo desenvolvimentista, e por aí vai —, uma boa dose de realismo faria bem.

Como amar melhor esta terra nossa em tamanha crise? Como amaríamos um parceiro desvalido, um filho difícil, um pai doente, uma mãe neurótica. Certamente não compactuando e dando de ombros: “O Brasil é assim mesmo” — como diante de um menino que faz xixi sem levantar a tampa do vaso.

Se a nossa tendência humana é de luto e lamentação por chateações eventuais, estaremos nos queixando demais por coisa menor... ou vivemos realmente uma tragédia moral nacional?

Receio que sim, mais ainda na medida em que o tempo passa e nada se resolve. O hábito de varrer problemas para debaixo dos tapetes nunca foi tão freneticamente cultivado, depois de um entusiasmo inicial pela descoberta de vilania e promessa de justiça.

Aos poucos tudo vai ficando tedioso, quando não absurdo: essa farsa acontece em algum país distante, não aqui. Aqui não pode ser verdade.

Mas é aqui, é real, é na nossa vida concreta, é no nosso bolso e na nossa honra que acontece.

Ainda nos iludimos achando que as coisas vão acabar bem; que não é tão ruim quanto parece; que ninguém consegue nadar contra a correnteza, e o melhor é cada um tratar da sua vida; que tudo é mentira e intriga; que os caixas 2 (ou 3 ou 4) são mais do que normais; que a arbitrariedade faz parte da política em qualquer parte.

Sinto muito dizer que nada disso “faz parte” nem é natural. Se fizer parte, que seja rapidamente castigado e removido como insetos daninhos: para que a

gente não acabe também vestindo máscaras de cinismo ou de alienação e continue em frente.

Como pouco podemos fazer a não ser uma revisão dos valores pessoais — para que a indignidade não nos contamine — e usar bem o voto para que essa baixaria não se perpetue, deixo aqui a minha sugestão: amemos do jeito que dá, em cada ocasião, a cada pessoa ou coisa, ou a este país — sem desistir de honradez e verdade, ou de uma limpeza profunda já.

Ah, e por favor: sempre que nas televisões de todo o país se estiverem interrogando culpados protegidos por liminares, que não precisam responder ou sorriem cinicamente; quando se absolverem réus confessos, homenageando a indecência e desmoralizando ainda mais a chamada ética, façam como fariam se aparecesse na televisão um filme pornográfico: tirem as crianças da sala.

38 | *Sobre a amizade*

"Que qualidade primeira a gente deve esperar de alguém com quem pretende um relacionamento?", perguntou o jovem jornalista, e respondi: "Aquela que se esperaria no melhor amigo."

O resto, é claro, seriam os ingredientes da paixão, que vão além da amizade. Mas a base estaria ali: na confiança, na alegria de estar junto, no respeito, na admiração. Em não poder imaginar a vida sem aquela pessoa.

Pode ser um bom critério. Não digo de escolha — pois amor é instinto e intuição —, mas uma dessas opções mais profundas, arcaicas, que a gente faz até sem saber, para crescer ou para se destruir.

Eu não quereria como parceiro de vida quem não pudesse querer como

amigo. E amigos fazem parte de meus alicerces emocionais: são um dos ganhos que a passagem do tempo me concedeu.

Falo daquela pessoa para quem posso telefonar não importa onde ela esteja, nem a hora do dia ou da madrugada, e dizer: “Estou mal, preciso de você.” E ele ou ela estará comigo, pegando um carro, um avião, correndo alguns quarteirões a pé, ou simplesmente ficando ao telefone o tempo necessário para que eu me recupere, me reencontre, me reaprume, não me mate, seja lá o que for.

Mais reservada do que expansiva num primeiro momento, mais para tímida, tive sempre muitos conhecidos e poucas — mas reais — amizades de verdade, dessas que formam, com a família, o chão sobre o qual a gente sabe que pode caminhar.

Sem elas, eu provavelmente nem estaria aqui.

Falo daquelas amizades para as quais eu sou apenas eu, uma pessoa com manias e brincadeiras, eventuais tristezas, erros e acertos, os anos de chumbo e uma generosa parte de ganhos nesta vida.

Para eles não sou escritora, muito menos conhecida de público algum: sou gente. Com uma dessas amizades posso fazer graça ou fazer fiasco, chorar, eventualmente dizer palavrão quando me irrito ou quando esmago o dedo na porta. (Ou sempre que me der vontade, aliás.)

A amizade é um meio-amor, sem algumas das vantagens dele mas sem o ônus do ciúme — o que é, cá entre nós, uma bela vantagem.

Ser amigo é rir junto, é dar o ombro pra chorar, é poder criticar (com carinho, por favor), é poder apresentar namorado ou namorada, é poder aparecer de chinelo de dedo ou roupão, é poder até brigar e voltar um minuto depois, sem ter de dar explicação alguma.

Amiga é aquela a quem se pode ligar quando a gente está com febre e não quer sair pra pegar as crianças na chuva: a amiga vai e pega junto com as dela, ou até se nem tem criança naquele colégio.

Amigo é aquele a quem a gente recorre quando se angustia demais, e ele chega confortando, chamando de “minha gatona” mesmo que a gente esteja um trapo.

Amigo, amiga, é um dom incrível, isso eu soube desde cedo, e não viveria sem eles.

Conheci uma senhora que se vangloriava de não precisar de amigos: “Tenho meu marido e meus filhos, e isso me basta.”

O marido morreu, os filhos seguiram suas vidas, e ela ficou solitária e injuriada com isso, como se o destino tivesse lhe pregado uma peça. Mais de uma vez queixou-se, e nunca tive coragem de lhe dizer, àquela altura, que a vida é uma construção, também a vida afetiva. E que amigos não nascem do nada como frutos do acaso: são cultivados com... amizade. Sem esforço, sem adubos especiais, sem método nem aflição: crescendo como crescem as árvores e as crianças quando não lhes falta nem luz nem espaço nem afeto.

Quando em certo período o destino havia aparentemente tirado debaixo de mim todos os tapetes e perdi o prumo, o rumo, o sentido de tudo, foram amigos, amigas — e meus filhos, jovens adultos já revelados amigos — que seguraram as pontas.

E eram pontas ásperas aquelas.

Agüentei, persisti, e continuei amando a vida, as pessoas e a mim mesma (como meu amado amigo Erico Verissimo, “eu me amo mas não me admiro”) o suficiente para não ficar amarga. Pois além de acreditar no mistério de tudo o que nos acontece, eu tinha aqueles amigos.

Com eles, sem grandes conversas nem palavras explícitas, aprendi solidariedade, simplicidade, honestidade e carinho.

Sem razão especial nem data marcada, estou homenageando aqueles, aquelas, que têm estado comigo seja como for, para o que der e vier, mesmo quando estou cansada, estou burra, estou irritada ou desatinada — pois às vezes eu sou tudo isso, ah sim.

E o bom mesmo é que na amizade, se verdadeira, a gente não precisa se sacrificar, nem compreender, nem perdoar, nem fazer malabarismos sexuais, nem inventar desculpas, nem esconder rugas ou tristezas. A gente pode *simplesmente ser*: que alívio, neste mundo complicado e desanimador, deslumbrante e terrível, fantástico e cansativo.

Pois o verdadeiro amigo é confiável e estimulante, engraçado e grave, às vezes irritante; pode se afastar, mas sabemos que retorna; ele nos agüenta e nos chama, nos dá impulso e abrigo, e nos faz ser melhores: como o verdadeiro amor.

39 | *Para onde vamos, feito cegos?*

Em uma mesa-redonda sobre a situação da mulher, comentamos o filme *Mulheres do Brasil* e celebramos progressos na questão feminina — isto é, na questão humana — e mencionamos também o quanto ainda há por fazer.

Era um momento bom, era um momento fraterno. Nisso me chegou a assustadora notícia, vinda do meu estado, o Rio Grande do Sul: uma verdadeira horda de mulheres ditas campesinas sem-terra, de lenço e máscara na cara, instigadas por alguns homens, entre eles alguns estrangeiros, invadiu mais um importante centro de pesquisa que trabalhava pelo crescimento deste pobre país.

Por esses dias, também se invadiu ali mais uma propriedade privada e produtiva. Como de costume, quando os pseudocolonos a desocuparam, restou

uma terra devastada: sujeira por toda parte, frases ameaçadoras nas paredes, trincheiras cheias de pontiagudas estacas de bambu disfarçadas por ramos e folhas para receber quem viesse refazer a ordem e a decência. Foram abandonadas por ali montanhas de sacos de víveres, feijão, arroz, farinha — e um número incalculável de garrafas vazias de aguardente.

Se eu e minhas amigas invadíssemos a casa de nosso vizinho, ali nos instalando por dias ou semanas, sujando, estragando e aviltando; se entrássemos num shopping, quebrando vitrinas e objetos, seríamos imediatamente presas, e quem nos orientou estaria na cadeia.

As chamadas camponesas arrasaram o que puderam encontrar naquele local de estudo e trabalho. Empurraram com suas barrigas o Brasil um bocado mais para trás. A má informação, a ignorância e a lavagem cerebral explicam em parte essa insanidade. Se menos ignorantes, entenderiam que seu gesto significou mais atraso, mais sofrimento na cidade e no campo, menos emprego, menos dinheiro, menos saúde e educação, menos horizontes.

Depois, foram filmadas e gravadas admitindo tudo, risonhas, sem a menor consciência de que não apenas cometeram um crime e prejudicaram definitivamente o governo federal e o partido a que seu movimento sempre esteve intimamente ligado: mais uma vez aviltaram a figura do verdadeiro colono, que, em lugar de optar pela ilegalidade, vive de seu trabalho honrado.

Mesmo assim, foram publicamente elogiadas por seu líder — também ainda solto enquanto escrevo —, que as considerou corajosas promotoras de um ato que devia servir de aviso à nação. Que eu saiba, não há ninguém preso.

Uma das malfeitoras proclamou, alto e bom som: “No começo deu um medinho, mas quando a gente começou a destruir tudo... foi muito lindo!”

Os nazistas também acharam lindo queimar em fogueiras livros de Thomas Mann, Hermann Hesse e centenas de outros grandes escritores e intelectuais, nos tempos de Hitler.

Acharam lindo estourar cabecinhas de bebês nos muros, espirrando miolos em cima de suas mães... foi lindo ver e ouvir a agonia de milhares de pessoas inocentes nas câmaras de gás, e depois aspirar o cheiro de seus corpos

queimados nos fornos crematórios.

Os traficantes devem achar lindo matar lentamente os viciados, e diretamente os policiais ou cidadãos pacíficos, incluindo crianças.

Cuidado: se autoridades deixarem impunes esses crimes recorrentes nas cidades e no campo — como tanta coisa grave que por aqui é absolvida ou considerada normal —, em breve nossas casas e nossos edifícios, nossas escolas, hospitais, creches e fábricas serão invadidos e arrasados. Pessoas honradas serão arrancadas de suas propriedades urbanas ou rurais; trabalhadores honestos serão maltratados; famílias serão humilhadas, lares e locais de trabalho serão destruídos entre gritos de ódio, enquanto nós permaneceremos alheados ou inertes.

Cuidado: ou logo, além de mais miseráveis do que já somos, país que menos cresceu no último ano (perdendo apenas para o Haiti), seremos um país sem lei, cambaleando em direção à desobediência civil generalizada.

O governo do Rio Grande do Sul esboçou uma primeira reação, fazendo ver que ainda existe alguma autoridade para nos proteger. Há que ter esperança de que não tenha sido apenas um gesto inicial. O Ministério Público, sempre última esperança do cidadão, começa a tomar providências. Se não forem imediatas e muito eficazes, em breve estaremos vivendo uma derrocada da ordem e da democracia.

Ou esses falsos colonos são manobrados por mandantes nacionais ou estrangeiros muito poderosos, ou, enquanto assistimos a tudo pacatamente, eles próprios, na ferocidade dos paus e das foices, já inspiram medo demais.

40 | *"O menino é pai do homem"*

A frase do poeta inglês Wordsworth serviu como título para uma crônica de Machado de Assis, e agora eu a "roubo" ao comentar o peso da infância em nossa vida adulta: pois nascemos da criança nascida de nossa mãe.

Nossa primeira raiz, a mais funda, vem do garoto alegre correndo com seus amigos ou maltratado numa família doente; está na menina que se sentia amada ou na que foi brutalizada.

Somos filhos daquelas crianças. Somos frutos do clima que havia em nossas casas: crescemos com o adubo do afeto, do bom humor e do respeito, e definhamos no veneno da excessiva exigência, ou da aridez — mesmo que houvesse brinquedos caros pelo quarto.

Nosso comportamento adulto é marcado, mas não fatalmente determinado, pela infância. Ela deixou rastros, como sulcos num rosto ou num campo lavrado, em nossa memória consciente e, mais grave, naquela inconsciente — para serem decifrados e superados, e a gente se tornar mais livre e melhor.

As eternas lamentações sobre o pai ausente, a mãe controladora, poucos amigos ou irmãos indiferentes, nos impedem de abrir janelas para a vida, e dificultam inventar outros jeitos de construir a nossa própria família quando adultos. Pois nos construímos até morrer.

Também até o fim guerreamos com aquelas arcaicas realidades ou fantasmas: anistiar uma infância difícil é trabalho de guerreiros, e guerrear é parte do destino humano.

Neste mundo em mudanças rápidas e complicadas, a família, a que nos foi legada sem escolha nossa, e a que criamos para nós (felicidade ou desastre), volta a ter grande importância.

Essa ênfase no conceito "família" como ponto de apoio e construção numa sociedade fragmentada se dá quando ela mesma sofre grandes transformações: os casamentos já não são para sempre (com exceções felizes ou sofridas). Crianças aprendem a lidar com novos sentimentos em relacionamentos novos: a namorada do pai, o companheiro da mãe, os meios-irmãos. Filhos têm muito mais liberdade: os pais, por medo ou desconhecimento, menos autoridade; quebraram-se padrões de comportamento que duravam décadas ou séculos, e ainda não se cristalizaram novos. Talvez nem se cristalizem mais, nessa cultura do efêmero que é a nossa.

Mas continuamos filhos das crianças que fomos. Escrevendo *Mar de dentro*, memórias de minha infância, entendi que para conhecer minha obra é preciso procurar ali: pois a menina que eu era é mãe da mulher que sou.

"Qual seu conceito de família, de que a senhora fala tanto" é uma pergunta freqüente. Repito que é aquele grupo de pessoas — às vezes uma pessoa só — da qual eu sei que, mesmo se em dado momento não me entendem, nem me aprovam, ainda assim me amam e me respeitam.

Bonito mas difícil? Difícil.

Pois, ou nos ensinaram que filhos eram objeto nosso, nossa total responsabilidade — coisa assustadora —, ou que chegavam ao acaso às nossas mãos, numa relação impossível, pois não os devemos pegar com força para não maltratar, e danem-se limites e autoridade.

No meio de conceitos tão opostos, pode haver uma postura equilibrada, até onde se equilibram relacionamentos humanos. Filhos são pessoas: precisam crescer, amparados e cuidados pelo nosso amor — não podados pela nossa insegurança.

Se a vida é um desafio (por isso tão interessante), construir uma família pode ser — mais do que contratempo e contrariedade — fonte de crescimento e sabedoria.

Não se pode prever em que dose teremos tudo isso: depende da sorte, e depende de nós. Como agricultores, há que pôr mãos à obra: às vezes no barro, lidando com produtos tóxicos (ah, a alma intoxicada...), esperando a chuva que não vem, combatendo a seca que mata e a peste que estrangula.

Mas quando a planta espia da terra escura e começa a crescer com folhinhas no vento e caule forte, tudo passa a ter outro sentido, sobretudo a nossa existência.

A criança que fomos continua nos parindo pela vida afora, como nós parimos, com amor e dor e encantamento, cada dia e cada noite, a esses filhos nossos — e a nós mesmos neles.

41 | *Na República dos Alucinados*

No país das frases infelizes, querem nos fazer ver que nós é que somos culpados pelo atraso, pela corrupção, pela desesperança, porque nos faltam realismo e espírito patriótico.

Começo a pensar que vivemos em grave estado alucinatório.

O que vivo no meu cotidiano é pura alucinação.

Sofro de boba que sou. Estou alucinando que minhas empregadas, seus familiares, os porteiros de meu edifício, os motoristas de táxi que uso, o pessoal da quitanda, do supermercado, do ônibus, vários conhecidos meus, madrugam, sim senhor, nas filas assassinas do INSS porque de outro jeito jamais seriam atendidos.

Tudo é fruto de pressa e ansiedade de velhos e doentes. Que deveriam, aliás, recorrer ao atendimento via internet, uma vez que todos, ricos e pobres, dispomos de computador. Paira no país, em alguns redutos, um espírito de dúvida e baixo astral? A culpa é nossa, da nossa pouca saúde mental: os horrores que vemos e vivenciamos são fantasia de pessimistas de carteirinha.

Eventualmente, quando tudo anda tão bem, temos ainda por cima a desfaçatez de morrer na fila de espera — que deselegância!

Da mesma forma, teimamos em inventar maldades contra autoridades e figuras de destaque. É político, metemos o pau. É autoridade, baixamos a lenha. Tem cargo importante, jogamos lama na sua honradez. O que importa que altas autoridades tenham mais aumento de salário, e nosso governo fale em tirar dos inativos — isto é, dos velhos, doentes, viúvas e mais precisados — direitos adquiridos sobre aposentadorias e pensões?

Pouco do que está sendo provado no terreno da corrupção foi, até aqui, inteiramente investigado: uma barreira miraculosa baixada do alto se intrometeu e ameaça fechar o caminho? Mentira.

Morreu a investigação, panos quentes recobrem tudo, tapetes voadores chegam depressa e ocultam evidências? Pura invenção.

Bocas são caladas por receio, ou lhes colocam uma mordaça de dólares, de euros, de bondades variadas, caras cínicas sorriem das tribunas e nos fazem sentir uns idiotas? Tudo calúnia.

Nós, os eternos insatisfeitos, os reclamões, devíamos nos orgulhar de nossas proezas: além de campeões do mundo em futebol, somos líderes na desigualdade econômica, na repetência escolar no ensino básico (nisso perdemos até para o Haiti...) e na decadência do ensino superior, nas menores taxas de crescimento econômico e nos juros ao consumidor.

Há setores da sociedade que insistem, maldosamente, em que somos campeões na bandidagem escancarada e impune, no caixa 2 inclusive nos processos eleitorais, campeões na sonegação fiscal, recordistas nos acidentes nas estradas e centros urbanos, em infecções hospitalares e filas de INSS, no poderio do crime organizado, na delinqüência juvenil, e outras maravilhas.

Mais mentira.

Pois de acordo com as autoridades, estamos ensinando ao mundo uma série de coisas: redução da pobreza, eliminação das desigualdades e rigor com a corrupção (sobretudo entre figuras de destaque).

Negar que as estradas estão ótimas, não ver que o ensino público está pra lá de bom, que a segurança é quase a ideal, inventar que o narcotráfico controla nossas vidas e a bandidagem nos comanda, montar a farsa de assaltos, imaginar — que doidos! — que temos uma cultura medíocre e um ensino decadente, é intriga da oposição.

Somos uns pessimistas, somos uns chatos.

Nosso negativismo atravanca o progresso. É nossa culpa, se as pesquisas honestas indicam que as coisas pioraram tanto que perdemos para o Haiti também quando se trata de crescimento.

Tudo invenção. Tudo inveja.

Para que uma oposição unida e coerente? Para que investigar mensalão e outros? Para que punições, se tudo foi miragem?

Nada de ser derrotista, espalhando medo ou indignação.

O agronegócio floresce, e os agricultores (verdadeiros, não os pseudo que continuam fazendo estripulias) organizam manifestações e, desesperados, queimam tratores, apenas porque não têm nada melhor para fazer. Que voltem para a enxada, ou vão plantar batatas. Ou junto com os desocupados urbanos, entrem para o MST.

Vamos ser sinceros e sensatos: estamos no país das quase-maravilhas. Acho bom a gente começar a enxergar direito, a escutar melhor ainda, a aplaudir, a se entusiasmar.

O país vai de vento em popa, inauguram-se diariamente grandes obras (a maioria invisíveis), o futuro nos aguarda, fervilhante e rico! Divulguem isso!

Sobretudo, lembrem que definhar em corredores de hospital, morrer em filas de espera nos postos de saúde, como passar fome porque a aposentadoria e a pensão diminuem dia a dia, são pura falta de patriotismo.

42 | *Uma trégua para a alegria*

Meu Deus, como andamos chatos, dei-me conta outro dia.

Eu mesma, por natureza otimista e amando tanto a vida, não paro de reclamar.

Muitas vezes teríamos razão: os impostos, o custo de vida, o desemprego, a violência, a prolongada adolescência dos filhos, a súbita falsidade de alguém em quem confiávamos tanto... a velhice complicada dos pais, a pouca autoridade das autoridades, a nossa própria indecisão.

Pensei que uma das coisas que anda ficando rara é a alegria, e comentei isso. Alguém arqueou uma sobrancelha entediada:

"Alegria? A palavra está até com cheiro de mofo, tanta coisa grave

acontecendo, tanta indignidade, e você fala em alegria?”

Pois comecei a me entusiasmar com a idéia, e provocativamente fui contando nos dedos uma porção de motivos que vários no grupo teriam para se alegrar: a lareira crepitava na noite fria, uma amizade generosa circulava entre nós, três bebês dormiam ali perto, na sala ao lado ouviam-se risadas, e apesar de sermos mais ou menos calejados pelas perdas da vida, tínhamos os nossos ganhos em experiência, amores, conhecimento, esperança.

Nenhum de nós tinha desistido da jornada.

Nenhum de nós era um malfeitor ou um espertalhão, ao contrário: a gente estava na luta, tentando ser decente, tentando superar seus próprios limites.

Havia marcas da passagem do tempo em todos os nossos rostos: ninguém se fizera deformar pelo fanatismo da juventude eterna, mas todos se gostavam o suficiente para não se deixarem cair feito um trapo velho.

Olhei em torno e gostei de nós: ali se viam rostos interessantes marcados por dor e por alegria, bocas que haviam dado muita risada e pronunciado amorosas palavras, mas também chorado, dizendo coisas duras ou ternuras difíceis, ocultando queixas que deveriam ter sido lançadas.

Mãos que haviam acalmado bebês, conduzido crianças, confortado adolescentes, cuidado de velhos doentes, fechado pálpebras, dirigido automóveis, segurado ombros, vencido ondas, tapado a cara em pranto solitário — quantas vezes?

Éramos tão humanos, tão desvalidos e tão guerreiros, o pequeno grupo de amigos diante de uma lareira na noite fria, como centenas, milhares de outros, homens, mulheres, crianças, entre os mistérios do nascer e do morrer.

Repeti a minha pequena heresia:

“Eu acho que uma das coisas que anda faltando, junto com decência e mais esperança, é a alegria. A gente se diverte pouco. Andamos com pouco bom humor.”

Erico Verissimo, velho amigo amado, uma de minhas mais duras perdas, me disse quando eu era muito jovem: “Lya, em certos momentos o que nos salva nem é o amor, é o humor.”

Lembro disso, aliás, muitas vezes. Uma boa risada sem ironia ou sarcasmo ou um sorriso afetuoso salvam muitos momentos em que a gente só tem uma saída: rir de si mesmo, de sua própria falta de jeito. Quando inexistem explicações, palavras se tornam supérfluas e gestos demasiados, riso e sorriso podem ajudar.

Apesar da crise de autoridade em governo, família e escola, apesar da pobreza, insegurança e tantos horrores, pode nos confortar a idéia vagamente divertida de que o ser humano é trapalhão, às vezes é pérfido e mau — mas não inteiramente burro.

Afinal, a humanidade corrige aqui e ali seus desacertos: produz, além da violência, uma obra de arte; em meio à vilania, um gesto de inocência, e em plena desesperança um momento de beleza — que, segundo o poeta, é uma alegria que dura para sempre.

43 | *Alguém sabe*

Abro o jornal, e meu café da manhã é acrescido da foto de um menino bem pequeno no colo de sua mãe, que o flagela até tirar sangue (era muito sangue), por fanatismo religioso: a criança olha o fotógrafo como se me olhasse a mim, eu do outro lado do mundo sem saber o que dizer.

Onde estava Deus a essa hora? É uma pergunta, não minha. Resposta, não minha: onde estávamos nós? A crueldade com os indefesos me traz a questão de Deus, dos deuses, alguém por aí no vasto universo que dissesse qual o sentido, não só da vida, mas da dor.

O que têm a ver com isso, com essa foto e toda a miséria humana, Deus ou os deuses? Têm a ver porque, impotentes e incapazes, imaginamos que ao menos

eles entendam do assunto pois manejam lá uns secretos cordéis... e isso nos tranqüilizaria. Ao menos alguém entenderia do riscado.

Jovenzinha, estudando por poucos anos em um colégio de freiras, aprendi um ditado segundo o qual nesta vida vemos o avesso do bordado, os nós, os fios tortos: depois da morte veremos o desenho em todo o seu esplendor. Isso me tranqüilizou, me parecia sábio e bonito.

Depois, fui aprendendo a não jogar a responsabilidade de tudo em divindade alguma, embora espero que existam e estejam do meu lado.

O fascinante da vida é possivelmente isso de não entender, é essa raiz de mistério, a redoma atônita que nos cerca: encosto o ouvido no peito do amado, tateio a casca de uma velha árvore, respiro o orvalho na manhã fria, abraço as crianças que sobem no meu colo, e sei que algum sentido tudo isso há de ter.

No belo e no bom, é fácil sonhar: a vida nos dá alguns privilégios, e devemos fazer dela, na medida do possível, uma celebração. Mas, e os que se arrastam em longas tragédias, submetidos a crueldades que nem imagino, os sem esperança, sem dignidade, sem ter em quem confiar?

Aí culpamos os deuses funestos, o azar, os governos, as outras pessoas, ou nos culpabilizamos a nós mesmos.

Possivelmente procurar sentido seja também uma futilidade: melhor entregar-se ao fluxo do rio que corre sem que a gente conheça seu início e seu fim. Melhor tentar respirar no mesmo ritmo que engloba gentes, plantas, bichos, nuvens, o nevoeiro que neste instante transforma a paisagem de minha janela em um cenário de contos de fadas com bruxas, duendes, crianças abandonadas no mato, príncipes salvando belas-adormecidas. Melhor desistir de montar o quebra-cabeça e apenas jogar com os pedacinhos dessa realidade.

Existir como contemplar ou exercer alguma arte, escrever, dançar, cantar, fazer música ou esculpir ou fazer filhos, e criar cidades consciente disso que fica além dos significados: é o sagrado, onde tudo se reduz ao essencial, nem som, nem traço, nem cor. Ali onde tudo começa e termina mas a gente também não sabe por quê.

Volto para a realidade sobre minha mesa, e leio que por aí se decapitam

pessoas como se palitam os dentes, povos se aniquilam por loucura religiosa ou pelo desvario de seus governantes; rouba-se dos velhos, dos doentes, das crianças. Alguém quer poder a qualquer preço; alguém quer se vingar a qualquer custo; alguém roda em seu carrão blindado, seja em que parte do mundo for, e o dinheiro que desviou poderia ter salvado a vida de milhares de pessoas.

Não andamos muito conscientes, muito decentes, muito sensatos.

Não que as coisas tenham sido tão melhores nos tempos em que na filosófica Atenas, coração da Grécia, mulheres eram bichos sem alma, escravos cuidavam das casas e atendiam aos prazeres dos donos, e se guerreava decepando braços, pernas, narizes, como quem hoje vai ao campinho bater bola com amigos.

Nem devem ter sido tão mais poéticas as condições na Idade Média, em que eu seria no mínimo candidata a uma fogueira, não a das vaidades ou invejas, mas a concreta mesmo, e meus filhos teriam morrido nas Cruzadas.

Haverá realmente mais violência hoje, mais injustiça hoje?

Tenho minhas dúvidas. Pode ser que tudo esteja apenas agrandado pelos meios de comunicação, infestando minha mesa de café da manhã: bem feito pra mim, que em lugar de abrir jornal e tevê deveria estar ouvindo música ou olhando a paisagem, juntando forças para daqui a pouco enfrentar o trânsito, a violência, a descrença e a dúvida.

Nem posso questionar meu modo de vida, pois não tenho inclinação para o agreste e o rural, nem para a alienação. De modo que volto para a foto do bebê de uns dois anos sendo flagelado pela mãe, sangue correndo, olhos grandes fixados em mim, aqui tão longe e tão impotente.

Talvez estejamos todos enlouquecendo. Talvez não haja mesmo explicação. Possivelmente o sentido de tudo é isso mesmo que vemos, lemos, vivemos. E a graça e a glória sejam manter um olhar limpo de amargura e isento de ódio, tentando ser o que se pode ser: de preferência não colaborando na devastação geral.

O bom de não sabermos as coisas é existir alguém que sabe.

O bom de existir alguém que sabe é não sabermos quem ele é.

PS: Não dá pra ser otimista todo dia.

44 | *Quanto merecemos*

Um psicanalista me disse um dia: “Minha profissão ajuda as pessoas a manterem a cabeça à tona d’água. Milagres, ninguém faz.”

Nessa tona das águas da vida por cima da qual nossa cabeça espia — se não naufragamos de vez —, somos assediados pela idéia de que o ser humano é um animal que deu errado.

A maioria das pessoas que conheço, se fizesse uma ainda que breve terapia, haveria de viver melhor. Os problemas continuariam ali, mas a gente aprenderia a lidar com eles.

Sem querer fazer uma interpretação barata ou subir além do chinelo, mas como qualquer pessoa que tenha em sua hora lido Freud e companhias, penso

nas rasteiras que o inconsciente nos passa.

Uma delas: o quanto nos atrapalhamos por achar que merecemos pouco.

Eu acho que merecemos muito. Nascemos para ser bem mais felizes do que somos — mas nossa cultura, nossa sociedade, nossa família não nos contaram essa história direito. Fomos onerados com contos de ogros sobre culpa, dívida, deveres e... mais culpa.

Somos demais rígidos, ou controlados: somos pouco naturais.

Nas armadilhas do inconsciente, que é onde nosso pé derrapa, lemos um letreiro pérfido: Eu não mereço ser feliz. Quem sou eu para estar bem, ter saúde, ter alguma segurança e alegria? Não mereço afetos razoavelmente seguros, menos dissabores. Não mereço nova chance. Nada disso. Não nos ensinaram que "Deus faz sofrer a quem ama"?

Portanto, se algo começa a ir muito bem, possivelmente daremos um jeito de que desmorone.

Vivemos o efeito de muita raiva acumulada, muitos mal-entendidos nunca explicados, mágoas infantis, obrigações excessivas e imaginárias. Somos ofuscados pelo ideal da mãe santa, da esposa imaculada e do marido poderoso, dos filhos mais-que-perfeitos, do patrão infalível e do governo confiável. Sofremos ao peso do quanto "devemos" a todas essas entidades, inventadas: por trás delas existe apenas gente, tão frágil quanto nós.

Velhos fantasmas nos questionam, mão na cintura, sobrancelha irada:

"Ué, você está quase se livrando das drogas, está quase conquistando a pessoa amada, está quase equilibrando sua relação com a família, está quase obtendo sucesso, vive com alguma tranqüilidade financeira... será que você merece? Veja lá!"

Ouvindo isso, assustados réus, num ato nada falho damos um jeito de nos boicotar — coisa que aliás fazemos demais nesta curta vida.

Escolhemos a droga em lugar da saúde; nos fechamos para os afetos em lugar de lhes abrir espaço; corremos em busca de mais dinheiro do que precisaríamos; se vamos bem em uma atividade, queremos trocar; se uma relação floresce, viramos críticos mordazes ou traímos o outro, dando um jeito

de podar carinho, confiança ou sensualidade.

No obscuro território do inconsciente — que a psicanálise nos ensinaria a arejar —, ainda nos consideramos meninos e meninas malcomportados que merecem castigo.

Quem sabe precisamos de conserto: se encontrarmos uma oficina de almas boa, barata, perto de casa — ah, e que não seja desonesta demais.

45 | *Incômodo e belo*

Tenho falado muito em minha vida, tenho escrito demais.

Eu, que amo as palavras, hoje quero silêncio. Hoje fico nos espaços brancos e nas entrelinhas. Estou como ausente, embora siga tudo o que acontece e saiba que me lêem neste momento.

Ausente-presente, como tantas vezes tantas pessoas em todo tipo de relacionamento.

Nas histórias que relato ou invento, hoje não me interessam tanto as tramas e as personagens: somos sombras em quartos, ou jardins, caindo de escadas, naufragando como rostos ou ratos.

A mim seduzem silêncios tanto quanto palavras. O formato de uma boca

melancólica, o olho revelando vontade de morrer ou de matar, ódio ou hipocrisia, ah, o estrábico olhar dos mentirosos.

A mim, me interessa o que normalmente ninguém valoriza: escrevo tateando o avesso das coisas, de onde nos vem o medo, que impulsiona tanto quanto o desejo.

Nas relações amorosas, sou fascinada pelo lapso mínimo em que os olhares se desencontram, e a palavra quase pronunciada se recolhe por covardia.

O caminho do desencontro é ladrilhado de silêncios quando se devia falar, e de palavras quando o melhor teria sido calar: mas a gente não sabia.

(Se sabia, foi covarde.)

Nem sempre acerto o tom, nem sempre encontro as palavras, eventualmente magôo a quem amo e agrado a quem devia censurar.

Palavras são animais esquivos, ninguém as domestica, ninguém consegue fugir ao seu poder. (Nem sabemos o poder que elas têm e concedem.)

Povos são iludidos com palavras grandiosas cujo alicerce era areia; nações entram em decadência porque seguiram ilusões, ou porque os que podiam ter feito alguma coisa preferiram o conforto de não interferir.

Pessoas, famílias inteiras, sofrem pela palavra certa que não veio quando era esperada, ou chegou e não tinha conteúdo.

Palavras são a ferramenta com que nasci, recurso que o destino colocou ao meu dispor.

Mas não encontro a palavra certa nem o silêncio adequado neste momento, nesta folha de papel, avaliando a importância de falar ou de calar. Reflexões valem, cheias do desejo de que a gente não seja descartável, nossa história não se anule, e a covardia não impeça a verdade.

Que os pensamentos bons, as idéias saudáveis e a necessária audácia nos ajudem a sair do silêncio da pusilanimidade, e nos levem a dar, individualmente e em conjunto, um grande grito transformador:

Assim a gente não quer mais!

46 | *A conquista da velhice*

Uma das melhores frases que escutei sobre velhice e envelhecer, porque realista e bem-humorada, foi: “Velhice? Eu acho ótima, porque a alternativa seria a morte!”

Não é em geral o que se escuta. Mesmo velhos que têm boa saúde e poderiam estar curtindo alguma coisa, costumam se lamentar em lugar de viver. E, acreditem, sempre há o que fazer, aprender, renovar. Vai-se, é verdade, parte da energia, mas a lucidez, não necessariamente, e se a perdermos não saberemos: a natureza pode ser misericordiosa.

Para quando a inevitável velhice chegar, tomei como meu modelo, talvez inatingível, minha comadre, madrinha de um de meus filhos, minha amada

amiga Mafalda Verissimo, viúva de Erico e mãe de Luis Fernando. Sei que ainda hoje, esteja onde estiver, ela sabe de mim, e me cuida. Se pudesse me aconselharia como costumava, e haveríamos de dar juntas boas risadas.

Essa velha dama que, como minha mãe, morreu aos noventa anos, detestaria ser lembrada com tristeza. Uma de suas marcas era o bom humor, que nessa idade, mais do que em todas, é essencial: divertidos eram seus olhos muito azuis revelando o interesse múltiplo e alerta, aberto o coração.

A gente não a visitava para lhe fazer companhia (sua casa abrigava família e muitos amigos), mas porque nós precisávamos dela, ela nos alimentava com seu interesse, nos animava com sua vitalidade. Lia todos os jornais, entusiasmava-se com novidades, e as que não aprovava lá muito eram comentadas, também, com seu jeito divertido.

Mafalda sempre me fez refletir sobre a velhice que escolhemos ter, para além das inevitáveis transformações que de preferência não escolheríamos. Com ela entendi melhor que velhos não são isolados porque os filhos não prestam ou os amigos morreram, mas também porque se tornaram chatos demais: reclamando, querendo controlar, chantageando e cobrando.

A gerontocracia pode ser cruel: é urgente rebelar-se contra ela, se queremos conviver com os velhos. E se queremos ser um dia velhos com quem os outros gostem de estar, é bom evitá-la a qualquer custo.

Velhos, como todos nós, podem ser vítimas de seu próprio preconceito — além da rejeição generalizada a tudo que não for jovem e fulgurante. É comum encontrar alguém que, bem antes da velhice, já não diz duas frases sem acrescentar em tom lastimoso “na minha idade”.

Por que não encarar o tempo como transformação da beleza enérgica da juventude na serena beleza da velhice?

Hão de arquear as sobrancelhas, mas eu lhes digo que, se hoje me divirto mais do que aos trinta anos, espero aos oitenta achar ainda mais graça de muitas coisas que, décadas atrás, me fariam arrancar os cabelos em desespero.

Se alguém na velhice é realmente só, sem ninguém, nem vizinho, nem conhecido, nem parente, nem mesmo o quitandeiro da esquina com quem falar,

me perdoem: a não ser que uma tragédia tenha devastado sua vida sem deixar pedra sobre pedra, possivelmente faltou cultivar interesses e afetos, em vez de esperar por eles como obrigação alheia.

Sinto muito: se o velho sempre bonzinho é um mito, o velho simpático, aberto e otimista pode ser uma realidade. Quando comentei isso, alguém retrucou: “Mas todos morreram, não tenho ninguém da minha idade para conversar.”

É bem possível e até provável, mas você nunca fez amizades com gente mais jovem? Nunca se abriu para o que há de estimulante no outro tempo da vida? Nunca se renovou, nunca se abrandou?

Quem não tiver obsessão pela juventude perdida, pode se interessar pela imensa variedade de assuntos que todo dia entram em nossas casas pelos jornais, pela televisão e — por que não? — pelo computador. E não me venham com “na minha idade”.

Os grupos da chamada “terceira idade” podem ser divertidos, estimular amizades, fazer sentir que a gente não é a única, nem vítima do destino cruel... mas, por favor, não botem as velhinhas a dançar com vestido de bailarina saltitando com balões nas mãos ou a fazer teatro infantil, não as maquiem em excesso, não as tornem caricaturas.

A velhice, que hoje tarda bem mais do que décadas atrás, pode ser bela na sua beleza peculiar; alegre na sua alegria boa; alerta na medida de seus interesses, procurada e apreciada enquanto não for amarga.

Enfim, que sejamos, todos e todas, Mafaldas Verissimo, a que até o fim nos amou, nos apoiou, nos divertiu, nos escutou, aquela a quem procurávamos pelo nosso próprio bem, e que deixou uma saudade boa, não um vazio de sombra.

E assim, amiga, enfim te homenageei.

47 | *Nós, os índios*

Não é especificamente sobre os índios que escrevo, os aniquilados, arrasados, maltratados e abandonados apesar de algumas fanfarronices oficiais: falo de nós, os que os invadimos, multiplicando nossa fortuna e a desgraça deles, e agora os usamos para reforçar nosso lamentável conceito de "exóticos" no exterior.

Quando lá estamos, sempre a velha surpresa: como se sabe pouco sobre nós. Como *nos exportamos mal* (e em geral nos *portamos mal*).

De nós sabem e querem o chamado *estranho* quando não *o esquisito, o pitoresco*.

Um livro de uma brasileira que não fale de carnaval, favela, floresta e bichos parece um insulto. "Escritora brasileira?", disseram-me certa vez. "Mas no

Brasil existem editoras?”

Ou: “Livro muito bem escrito, mas não parece brasileiro, não tem mato, índios...”

Culpa nossa, que alimentamos a ignorância de europeus e americanos a nosso respeito.

Nem todo mundo pensa assim, claro, tem gente mais informada, mais antenada. Mas ainda ocorre. Como, agora mesmo, em Paris, aonde fui chamada a trabalho. A cidade inspira cada vez o conceito clichê, mas real: um charme.

Vida difícil, vida extraordinariamente cara mesmo para parisienses: em qualquer bistrô simples, um café e um chá, sem acompanhamento, somam 8 euros. Pensar em reais nos paralisaria, então fingimos que euros são nossa realidade e raspamos o fundo da bolsa.

Entre outras coisas, na Europa — onde eu não quereria morar, pois, apesar do nome e da cara, sou brasileira de carteirinha — sente-se a presença magnífica da cultura e da história. A dois passos de tudo, para qualquer lado, as melhores exposições de arte. Ou simplesmente passeios a pé à margem do Sena, por jardins que nesta época do ano, primavera plena, são indescritíveis. Bem-cuidados, muitos cercados e quase todos proibindo cães mesmo com coleira.

Por que achamos que nos trópicos é que estão as flores mais bonitas?

Algumas entrevistas, muita gentileza (o mito do francês, sobretudo parisiense, arrogante e seco caiu por terra. Turismo é necessário e bem-vindo em toda parte). Na minha editora francesa, confiro de novo como no Brasil, o grande trabalho feito por mulheres profissionais em relação ao livro e à cultura, e o esforço por difundir no exterior um Brasil mais culto.

No entanto, invariavelmente os jornalistas fazem algumas perguntas que seriam engraçadas se não fossem tristes: se há animais selvagens nas ruas de São Paulo, como sou loura sendo brasileira, se aqui existe alguma boa universidade, e... qual a influência do índio em minha literatura.

Levo um tempo para pensar na resposta, o interlocutor intrigado. Tenho de ser honesta, sempre o caminho mais fácil: a maioria imensa dos brasileiros nunca viu um índio. Restaram poucos, dizimados por doenças, pobreza, bebida e

abandono. Existem meritórias campanhas para que sejam protegidos, preservados ou integrados, mas muito há por fazer. Devemos nos envergonhar disso.

Num belo palácio parisiense, vejo uma exposição sobre os índios brasileiros: levaram-se alguns para lá, houve danças e pajelanças. Novamente os europeus se deliciam com o que pensam ser o “brasileiro”.

Nossa literatura urbana quase não se contempla por lá. Nossa realidade industrial, cultural, universitária, sociológica, aparentemente pouco interessa, ou porque é desconhecida, ou porque não nos levam a sério. O europeu ainda quer, de nós, o curioso: índios, floresta virgem, onças e de novo índios. Que tédio.

Culpa nossa, que exportamos demais caipirinha, mulatas, carnaval, favela e futebol, índios: tudo ótimo, desde que não seja mostrado como tudo.

Por outro lado, embora mais abertos às coisas de fora do que eles, pouco sabemos dos europeus. Por exemplo, como seus verdadeiros artistas viviam em grande simplicidade, ainda que fosse num castelo como o de Picasso em Vauvenargues, junto de Aix-en-Provence, onde comemos num boteco do outro lado da rua, atendidos pelo casal que servia ao pintor e sua mulher Jaqueline. Picasso sentava-se à mesa como qualquer um, ia até à cozinha, espiava o que havia de bom, falava com todos, era igual entre iguais.

A mesma impressão nos ficou andando pelas trilhas de Cézanne, que era de família rica, e visitando seu comovente ateliê. Uma austeridade raiando a pobreza: o que lhe interessava não eram vernissages, badalações e notícias de jornal, nem mesmo a boa vida, mas a sua arte, silenciosa e solitária.

O verdadeiro artista não precisa de “status”: ele tem mais o que fazer.

Segundo uma ridícula mas perigosa cartilha do politicamente correto que andou sendo anunciada aqui no Brasil, estou usando uma porção de palavras “malditas” e conceitos inaceitáveis.

Isso me alegra: tentar não entrar na manada dos intelectualmente dominados ou politicamente manipulados foi coisa que já meu velho pai ensinava — e vivia.

48 | *Álcool & Cia.*

Vão me chamar de intolerante e intrometida em assuntos que não são os meus; enganam-se nas duas coisas: escrever esta coluna não é fundamentalmente para falar de amenidades, como gostariam os que não querem se incomodar, embora se queixem.

Aliás, hoje me queixo eu: da propaganda de bebida alcoólica, feita até mesmo por atletas famosos.

Para a maioria, o álcool é coisa natural, perfeitamente controlada, faz parte de celebrações familiares e solenidades públicas.

Para muitos, porém, envolve a dramática doença do alcoolismo, ou altera momentaneamente o comportamento, às vezes de maneira drástica, deixando o

que bebeu exposto ao ridículo ou a coisas bem mais graves.

Vejo diariamente anunciado na televisão que para ser feliz, ser despreocupado, estar na onda, para ter parceria, para conseguir turma, para ser gostosão (gostosona), para apreciar o esporte ou a vida, para ter prestígio, devemos beber.

Se já não se faz propaganda de fumo, que nem a todos causa doenças e morte, por que pensar que álcool seja mais inofensivo do que nicotina, e ainda alardear seu uso?

Temos direito de beber o que queremos, quanto desejamos, desde que não se perturbe o outro: suportar um bêbado é extraordinariamente chato. Uma pessoa habitualmente educada e bondosa, quando alcoolizada pode causar constrangimento, importunar ou agredir. Faz coisas que, sóbria, jamais se permitiria, e nem sempre é engraçado perder o controle e se desinibir. Sem falar em acidentes e outras violências inesperadas.

Fora do círculo dos que bebem eventualmente, sem problemas — no qual me incluo —, há uma multidão para quem o álcool atende a uma necessidade compulsiva de escapar do sofrimento, do estresse, da insegurança ou solidão. Para eles, não se trata de alívio passageiro, mas de porta para a adição, também de drogas mais pesadas.

Segundo as propagandas, bebendo ficamos mais animados, mais interessantes, mais divertidos, bebendo nos enturmamos, fazemos conquistas, ficamos espertos.

Numa delas, um marido entediadíssimo olha a mulher fazendo compras no supermercado, possivelmente para a família. De repente, ouve algo que lhe lembra bebida: então salta e enche no maior entusiasmo um carrinho com latas e garrafas. Sentido implícito: família e cotidiano são chatos, com bebida tudo fica bem mais divertido.

Outra: pessoas que mal se cumprimentavam com um rápido abraço, depois de beber cumprimentam-se passando a mão na bunda umas das outras. Recado mentiroso subliminar: bêbados ficamos mais ousados, mais interessantes.

Atletas famosos, sobretudo em tempos de competições importantes como

Olimpíadas ou Copas, poderiam ganhar dinheiro extra (se são importantes a ponto de serem contratados para propagandas, nem precisam dele) em divulgações mais positivas do que álcool. Uma visita prolongada a uma clínica de recuperação de drogados (incluindo os alcoólatras) talvez os fizesse desistir.

Apesar da lei (isto é Brasil, não esqueçam) adolescentes e quase crianças compram bebida sem maior problema. Ela é fácil de adquirir mesmo em lojas de conveniência, a qualquer hora do dia ou da noite, junto com um refrigerante e um sanduíche. Adolescentes são mais influenciáveis à propaganda.

Outro dia, caminhando cedo pela manhã em meu bairro, encontrei jovens saindo com várias garrafas de bebida da loja de conveniência (aberta 24 horas) em um posto de gasolina. Entravam em seus carros, arrancavam, voltavam, saíam outra vez, insultavam-se, riam, jogavam garrafas uns nos outros ou nos carros que passavam. De repente, um deles soltou um foguete praticamente dentro do posto de gasolina.

Tudo acabou sem nenhum acidente mais sério. Digamos que foi uma brincadeira de gente imatura. Porém a tragédia espreitava, como tantas vezes em que brincamos com o perigo real.

Nunca dei muita importância a nada disso até que anos atrás visitei várias vezes uma importante clínica de recuperação de drogados (incluindo alcoólatras) acompanhando amigos cujo filho ali recebia tratamento. Assisti a reuniões de médicos com familiares. Os dramas eram de cortar o coração, e boa parte deles não tinha fim. Repetiam-se ano após ano, até mês a mês, os processos de alta e de retorno à clínica, numa corrida autodestrutiva em que nem amor, nem dinheiro, nem cuidados, impediam a destruição dos neurônios, da beleza, da juventude, da família e do futuro.

Haverá quem diga que estou sendo severa, até moralista. Enganam-se. Divertimento e prazer são essenciais numa vida boa, uma vida saudável, uma vida feliz. Nada pior do que alguém eternamente contido. Mas entre diversão e perigo às vezes o caminho é muito curto.

Responsáveis pelos jovens, por exemplo, seriam os pais: onde andam, e a que hora, o que sabem de seus filhos, como encaram a facilidade com que se

compram e consomem drogas e bebida?

Não desconheço a importância e valor da propaganda em nossa cultura, como veículo de informação, de orientação, abertura de horizontes e estímulo ao progresso.

Por isso mesmo, nesta fase de deslimite e perplexidade, quem sabe a gente reavalia nossa negligência em uma questão que para uns é banal, mas para outros pode acionar, sem que a gente queira ou espere, os gatilhos bem lubrificados da tragédia e da morte.

49 | *Mãe ignorância*

A ignorância e a desinformação são mães de boa parte de nossos males, por isso quero ambas em grau zero neste meu país.

Abrindo espaço para uma faxina atrasada em nossa vida pública, a imprensa tem tido um papel essencial: diminuir a desinformação e corrigir a má informação, coisas bem diferentes, aliás.

A corrupção está sendo desvendada, os culpados aparecem em jornais e tevês. Se nada mudar, será por nossa culpa: nós, que escolhemos tão mal nossos representantes, ou que permitimos que nos humilhem com uma farsa monumental, nós que não queremos nos incomodar nem falar desses assuntos pouco divertidos, seremos culpados.

Seremos em parte responsáveis se tudo acabar em pequenas punições para os criminosos menores, e palmas para os grandes envolvidos.

Desta vez, graças à imprensa, nenhum de nós pode dizer “eu não sabia”. Os problemas que apenas a gente adivinhava saltam na nossa cara feito monstrinhos de filme de ficção científica.

Estamos lendo, estamos ouvindo, estamos nos informando?

Não há nada de divertido em ser, como disse alguém, um país de rabos presos: políticos dançando feito macacos, segurando um o rabo do outro... A idéia seria de rir se não fosse de chorar.

Somos passageiros de uma nau cujos pilotos, se nada sabiam das rachaduras no casco, eram gravemente alienados, portanto incompetentes. Se sabiam e não tomaram providências, não mandaram investigar a fundo nem prestaram contas ao povo que os elegeu, são inegavelmente cúmplices.

O que fazem ainda ativos no chamado cenário nacional?

Para não nos atolarmos num esquerdismo radical e ultrapassado, nem na anarquia e desgoverno, é preciso que o conceito de ética e honra volte a ter sentido, e a gente não precise ter vergonha de ser brasileiro.

Ética é decência.

Prefiro essa palavra, pois a outra está quase caduca. Perdeu-se, a pobre, e temos de reencontrá-la e revalorizá-la urgentemente.

O Brasil não é uma abstração ou um mapa: são quase duzentos milhões de pessoas batalhando no seu duro cotidiano, que não merecem ficar à mercê de nenhum desmando ou esperteza oficializados.

Mais que fome zero, ou junto com ela, quero ignorância zero, desinformação zero, e nada de informações falseadas. Quero fome zero no conhecimento e na possibilidade de escolha. Quero o trabalho que promove a auto-estima, a educação que nos ilumina, a saúde que nos dá força para empurrar este país e nossa vida individual para a frente.

Quero microrrevolução, cada um tentando respeitar e ser respeitado, a começar na família.

Quero uma escola que não seja uma espécie de pseudofamília ou um lugar

de diversão, como se estudar fosse a beirada desinteressante ou fútil da vida, da qual crianças e jovens devem ser poupados.

Nós, que a tudo assistimos, temos chance de acordar do torpor que infantiliza. A gente pode usar essa crise para mudar: nossas dores de agora deviam ser dores de crescimento, não de naufrágio.

Podemos trocar de mãe: da ignorância que nos torna massa de manobra, para a lucidez que ajuda a fazer escolhas bem mais dignas: a gente merece.

50 | *Quem ama, cuida*

Somos uma geração perplexa, somos uma geração insegura, somos uma geração aflita — mas, como tudo tem seu lado bom, somos uma geração questionadora.

O que existe por aí não nos satisfaz. Sofremos com a falta de uma espinha dorsal mais firme que nos sustente, com a desmoralização generalizada que contamina velhos e jovens, com uma baixa auto-estima e descaso que, penso eu, transpareceram em nossa equipe de futebol na Copa do Mundo.

Algum remédio deve ser buscado na realidade, sem desprezar a força da imaginação e a raiz das tradições — até no trato com as crianças.

Uma duradoura influência em minha vida, meu trabalho e arte, foram os

contos de fadas: antiquíssimas histórias populares revistas e divulgadas por Andersen e pelos Irmãos Grimm, para povoar e enriquecer alma de milhões de crianças — e adultos.

Esses relatos, plenos de fantasia, falam de realidades e mitos arcaicos que transcendem linguagem, raça e geografia, e nos revelam.

Nessa literatura infantil reúnem-se dois elementos que me apaixonam: o belo e o sinistro. Ela abre, através da imaginação, olhos e medos para a vida real, tecida de momentos bons e ameaças sinistras, experiências divertidas e outras dolorosas — também na infância.

Na realidade, nem sempre os fortes vencem e os frágeis são anulados: a força da inteligência de pessoas, grupos, ou povos ditos “fracos”, inúmeras vezes derrota a brutalidade dos “fortes” menos iluminados. Porém o mal existe, a perversão existe, atualmente a impunidade reina neste país nosso, confundindo critérios que antes nos orientavam. Cabe à família, à escola, e a qualquer pessoa bem intencionada, reinstaurar alguns fundamentos de vida e instaurar novos.

Não vejo isso em certa — não generalizada — tendência para uma educação imbecilizante de nossas crianças, segundo a qual só se deve aprender brincando, a escola passou a ser quase um pátio tumultuado, e a falta de respeito reproduz o que acontece tanto em casa quanto em alguns altos escalões do país.

Essa mesma corrente de pensamento quer mutilar histórias infantis arcaicas como a do Chapeuzinho Vermelho: agora o Lobo acaba amigo da Vovó... e nada de devorar a velha, nada de abrir a barriga da fera e retirá-la outra vez. Tudo numa boa, todos na mais santa paz, tudo de brincadeirinha — como não é assim a vida.

Modificam-se textos de cantigas como “Atirei o pau no gato”, transformando-a em um ridículo “Não atire o pau no gato” e outras bobajadas, porque o gato é bonzinho e nós devemos ser idem, no mais detestável politicamente correto que já vi.

O mundo não é assim. Coisas más e assustadoras acontecem, por isso nossas crianças e jovens devem ser preparados para a realidade. Não com pessimismo ou cinismo, mas com a força de um otimismo lúcido.

Medo faz parte de existir, e de pensar. Não precisa ser terror da violência doméstica, física ou verbal, ou da violência nas ruas — mas o medo natural e saudável que nos faz cautelosos, pois nem todo mundo é bonzinho, adultos e mesmo crianças podem ser maus, nem todos os líderes são modelos de dignidade. Uma dose de realismo no trato com crianças ajudará a lhes dar o necessário discernimento, habilidade para perceber o positivo e o negativo, e escolher melhor.

Temos muitos adolescentes infantilizados pelo excesso de proteção paterna ou pela sua omissão, na gravíssima crise de autoridade que nos assola; temos jovens adultos incapazes porque quase nada lhes foi exigido, nem na escola, nem em casa. Talvez tenha lhes faltado a essencial atenção e interesse dos pais, na onda de “tudo numa boa”.

Dar a volta por cima significará mudar algumas posturas e opções, exigir mais de nós mesmos e de nossos filhos, de professores e alunos, dos governos, das instituições. Ou vamos transformar as novas gerações em fracotes despreparados, vítimas fáceis das armadilhas que espreitam de todos os lados, no meio do honrado e do amoroso — que também existem e precisam se multiplicar.

Não prego desconfiança básica, mas uma perspectiva menos alienada: duendes de pesadelo aparecem em nosso cotidiano. Nem todos os amigos, vizinhos, parentes, professores ou autoridades nos amam e nos protegem. Nem todos são boas pessoas, nem todos são preparados para sua função, nem todos são saudáveis.

Para construir de forma mais positiva nossa vida, é preciso, repito, dispor da melhor das armas, que temos de conquistar sozinhos, duramente, quando não a recebemos em casa nem na escola: *discernimento*. Capacidade de analisar, argumentar, e escolher para nosso bem — o que nem sempre significa comodidade ou sucesso fácil.

Quem ama, cuida: de si mesmo, da família, da comunidade, do país — pode ser difícil, mas é de uma assustadora simplicidade, e não vejo outro caminho.

51 | *O meu boné*

Cansada de viagens, palestras e entrevistas, notícias ruins e realidades péssimas, tiro férias, boto na cabeça um boné de esperança e declaro trégua para mim mesma: o Brasil está ótimo, a situação da saúde pública quase perfeita, vergonha na cara cobrindo todas as caras, espertalhões punidos, lei rigorosa para todos, e esperança nos animando.

Alguém propõe que a bagunça, a roubalheira e a insegurança são culpa da "sociedade branca", a sociedade "rica".

Logo vão acusar a sociedade preta e pobre. Ou quem sabe os índios, ou quem sabe os agricultores — não os assaltantes do MST, mas os produtores de alimento, tão humilhados. Obrigados a movimentos e protestos no país inteiro, a

fim de chamar atenção para o seu desespero.

Aliás, se pudesse eu mesma me sentaria sobre um trator daqueles, em inútil desespero porque o governo acha que um bonezinho gaiato é mais divertido do que escutar quem produz nosso alimento.

Pra que alimento, pra que aliás comer? Pra que estudar? Pra que ser honesto e se sacrificar? Por que saber origem e destino dos escândalos que se tornaram nossa rotina?

Uma amiga questiona que pareço estar chorando por um paraíso perdido, e indaga: Que paraíso?

Não. Eu choro pelo melancólico espetáculo de agora, que nunca se viu igual neste país. Choro pela violência não controlada, talvez até manobrada. A bandidagem nos comanda, os direitos humanos não se preocupam com meu amigo assaltado, minha amiga ameaçada, meu vizinho seqüestrado: preocupam-se com os seqüestradores, os assaltantes, os assassinos. Estão bem vestidos, bem alimentados, distraem-se como convém, são respeitados?

Lembro a posse do presidente da Itália, que acompanhei dias atrás pela televisão: a compostura de um estadista honrado de 81 anos, famoso advogado, inspirando respeito e homenagens (sóbrias, nenhuma pompa, nenhum espalhafato) até dos adversários políticos.

Faço de conta que isso aconteceu no meu país, a gente sentindo no peito o velho orgulho de crianças quando no pátio da escola hasteavam a bandeira e a gente cantava o hino.

Faço de conta que meu país é o terraço de meu apartamento: nem novo, nem luxuoso, mas aconchegante, com uma vista de chorar de tão bonita. Brinquei com meus netos pequenos um dia, dizendo que comprei aquela paisagem, e o menorzinho olhou, olhou, e perguntou entusiasmado:

“E por onde a gente desce pra brincar?”

Pois hoje estou tão sonhadora quanto aquele menino, e tão otimista quanto as autoridades que dizem que estamos ótimos, apenas somos uns ingratos, pois se algo vai mal por acaso, é culpa de quem veio antes. Aqui, agora, não se sabe de nada, não se explica nada.

Nem de onde vieram e para onde foram os bilhões roubados, que poderiam ter tornado realidade o que eu agora sonho. Faço de conta que tudo é farra, assim ignoro que a cidade se debate na insegurança, o estado na pobreza, o país na esculhambação geral, e nós na desesperança.

Ou melhor: esperança a gente tem. Porque em alguns meses vamos todos empunhar a nossa melhor arma, e com ela fazer a verdadeira revolução: sem sangue, sem morte, sem violência. A revolução pelo voto. Mas para isso temos de ser esclarecidos, informados, não resignados nem acomodados.

Neste devaneio breve — durante o qual vislumbramos autoridades com autoridade, políticos dignos, cidades seguras, campos produtivos e em paz, filhos em escolas de alto nível e universidades bem aparelhadas, narcotráfico e PCC controlados, ninguém invadindo e destruindo com ódio salas do Congresso —, viajei para o país do sonho, e botei na cabeça o meu boné. Não o do MST, mas o do otimismo.

Agora, vamos desembarcar do sonho e encarar os fatos e as perguntas reais.

Que fatos?

Que perguntas?

Não sei se quero saber as respostas.

Talvez eu precise é do boné de mais coragem.

52 | *A morte da velha dama*

Há poucos dias perdi minha velha mãe: uma dama de noventa anos, há mais de uma década envolta no véu de uma enfermidade que a despojava de memória, beleza e graça.

Contemplar impotente enquanto ela se afastava de mim e da realidade, foi a um tempo fascinante e infinitamente triste.

Embora eu tivesse me defendido, nos anos em que já não me reconhecia, dizendo que minha mãe tinha morrido, que ali havia apenas uma velha dama a quem me coubera cuidar, era tudo mentira. Ergui essa barreira para levar a vida em frente com a ave sombria daquela dor pousada em meu ombro.

Visitar o que sobrara de minha mãe era mais suplício do que encontro, pois a

cada dia estava mais mudada: por fim, nada lhe significavam meu rosto, meu nome ou minha voz. Quando me via, se chegava a focar os olhos, enxergava outros rostos, mais reais do que eu na sua ilha.

Era minha mãe e não era, vivia e não vivia, na clausura da memória adormecida.

Mas eu, a cada visita, esperava o impossível: que ainda uma vez o seu olhar me enxergasse, e por um momento ela voltasse a amar em mim a sua filha. Pois diante dessa figura estranha, poderosa, arquetípica, primordial, da que nos pariu, todos estacamos à espera de reconhecimento, abrigo e colo.

Agora morreu, e lembro dela sobretudo no rumor de uns passos enérgicos, na voz me chamando no jardim, nas suas rosas que punha em vasos na sala, com nomes secretos e um perfume igual ao dela.

Legou-me o amor à vida, e algo do perfil, uma semelhança assustadora em um jeito de virar a cabeça e rir. Não herdei sua beleza: essa ficou nos retratos, muitos dos quais rasgou quando a noite da enfermidade a consumia.

Ao morrer, numa véspera de Natal, talvez tenha dado, a si e a nós que sofríamos com ela, o presente da sua libertação.

Depois dos rituais de despedida, breves como convinha à sua discrição e a seus noventa anos, senti-me atropelada por um trator. Pois nessas horas todas as vãs filosofias se calam diante da memória: infância e adolescência, nossos conflitos e cumplicidades, a maturidade quando comecei a entendê-la mais.

A contagem nefasta das vezes em que não a visitei, em que não tive paciência, em que não fui a filha que podia ter sido, embora tenha feito o melhor que podia.

Diante de certas doenças, a gente pode quase nada.

Mas o auto-retrato é inevitável, como a autopiedade e um tom meio patético: nunca mais serei pensada como filha. E começo a indagar mais uma vez quem sou.

Do pai herdei a retidão e certa melancolia: o olhar sobre o que vem atrás do espelho. Da mãe, o otimismo e a alegria. Seu riso inesperado que ainda ecoa nos corredores de uma casa transformada.

Da remota linhagem deve ter vindo o novelo de fios que tramam alma e imagem, ninguém sabe de quando nem de onde; mais os trabalhos e a dor, a fantasia, a obstinada procura, alguma sorte, muita esperança na bagagem, que me construíram. Falhas e desacertos, sempre a renovação difícil. Dissabores fazem parte: maior foi a celebração da vida. Eu não me perdoaria nem ressentimento nem amargura.

Entre o começo e a morte, miragens: não há muito de mim na personagem que imagina quem me lê e inventa, e pendura nessa imaginação, como num cabide, seus próprios fantasmas. Mas uma coisa eu sei: nunca fui tão filha como na orfandade.

A esta altura da vida, sempre em crescimento, com as lutas pessoais, glórias e derrotas — fênix da própria existência como todos somos —, me punge a súbita consciência de que nunca mais, nem diante de uma velhinha que já não me reconhece, poderei dizer: *Mãe*.

53 | *Onde somos reis*

Quando eu terminar a organização deste volume, estará à minha espera, entre outros projetos, um interrompido ensaio sobre o silêncio: o silêncio entre as pessoas e as gerações, eterno conflito; a zona interdita, de incompreensão, entre masculino e feminino; e tantos mais.

É um drama permanente, tentar descobrir quando falar ou calar, por que ficar quieto quando uma palavra teria sido a salvação, mas a gente não sabia; falar quando um silêncio daria tempo e espaço para que o outro pudesse se abrir.

Na família, nem sempre escutamos nossos filhos para sentir como estão: é o silêncio da omissão quando devíamos estar presentes. Difícil saber qual o momento de interferir, orientar e exigir (por que temos tanta dificuldade de

exigir coisas dos filhos?), e quando é melhor apenas observar para que o outro se desenvolva.

Entre masculino e feminino estende-se uma região de incomunicabilidade, fonte de desencontros e sofrimento, mas também de superação e descobertas. Desperdiçamos momentos bons porque nos entregamos à negatividade; não vemos a boca do beijo, porque tememos a mordida. Nem percebemos direito nosso próprio rosto no espelho, assim escolhemos coisas que nos desconstroem.

Escrevo sobre o silêncio dos que se matam lentamente na droga e outros modos de destruição: com quem dialogam nesse caminho, que voz escutarão, que os leva à irrealidade?

Nossas esperanças e impulsos positivos, assim como as adições e obsessões, são vozes que podem ser libertárias ou fatais.

Pensei nisso especificamente vendo o filme *Capote*, e relendo uma biografia desse autor americano, que traduzi há muito tempo. Brilhante, talentoso, superou uma infância de desamor e abandono, para se tornar o querido dos ricos e importantes na sociedade. Chegando ao cume do sucesso, como acontece com tantos, não suportou: não tinha nascido para ser feliz. Então começou a se destruir: correu atrás das vozes mais sombrias.

Começando aquele meu ensaio, muito pensei no terrível silêncio da sociedade em relação a crimes que, direta ou indiretamente, matam crianças em nossas favelas e morros, enquanto nós descansamos, comemos, trabalhamos, amamos, damos risada.

Reflito nas mortes porque nossos serviços de saúde são insuficientes, mal geridos, mal providos, e nas habitações dos mais pobres faltam as instalações essenciais... mortes porque não temos segurança no trânsito, nas ruas, em casa.

Escrevendo sobre surdez e mordaça, falarei também de visão e cegueira: porque, além de surdos ou de ouvidos tortos, eventualmente somos cegos.

O filósofo inglês contemporâneo John Gray, autor de *Cachorros de palha*, diz que a humanidade não nasceu para isso que tanto busca: conquistar e possuir.... mas para *aprender a enxergar*.

Talvez não haja outra saída para as loucuras humanas, a não ser olhar o outro

com mais respeito. Alguém disse que o mais importante entre as pessoas não é a tolerância, que implica certa superioridade de parte de quem “tolera”, mas o respeito, que vem do conhecimento.

Olhar, ouvir, conhecer e reagir: algo bem diferente da hipocrisia dos que têm voz, têm influência, poder e posições importantes, mas ignoram a humilhação geral a que somos submetidos; fingem não ver inocentes sendo caluniados, e culpados sendo absolvidos; nos insultam dizendo que estamos quase perfeitos em setores onde enxergamos ruína e decadência.

Se não somos surdos nem cegos, tendo ouvido e enxergado, será preciso falar: cada um do seu jeito, como pode ou consegue. Não precisa ser numa coluna de revista, num palanque, numa página de jornal: pode ser em casa, na sala de aula, na esquina da rua, no ônibus.

Ou no recinto da nossa maior força, ali onde podemos de verdade mudar o que deve ser mudado, fazer calar a mentira, amordaçar o cinismo e podar a irresponsabilidade: a urna do voto secreto, minúsculo espaço onde cada um de nós é rei.

54 | *Podemos ser Picasso*

Visitando uma exposição de obras de Picasso, aqui mesmo no Brasil, pensei: a gente é uma multidão de picassinhos latentes, apenas tolos demais para nos darmos conta disso, prisioneiros da nossa cotidiana mediocridade.

Todos podemos ser Picasso.

Talvez não picassos-artistas, mas picassos da vida: entre outras maravilhas desse homem, além dos seus naturais defeitos, para ele a vida era um dom precioso que não podia ser desperdiçado.

Saí de lá com essa idéia: por que não sermos todos Picassos de nós mesmos?

A vida é uma mesa posta: alimento sem sal, tudo *light*, ou alimento com as mais raras especiarias; ali pratos enfeitados (alguns, demais), aqui outros com

cara de nada; uns aparentemente insossos, mas vai experimentar e são delícia completa; outros parecendo delícias, mas vai mexer, são veneno.

Haverá lugares vazios, pratos sem nada, cadeiras de perna quebrada: tudo isso faz parte. Se olharmos bem, com lugar para cada um de nós, que nem sempre ocupamos como poderíamos.

Todos somos capazes de exercer a arte da vida e da construção de nós mesmos. Cada um de nós tem sua parcela de dons: ensinar, contemplar, cozinhar, criar filhos para a vida, mexer em engrenagens, construir estradas, organizar uma comunidade, escrever textos, pintar, dançar, fazer música. Limpar uma casa ou uma rua, cuidar de velhos doentes, abrir barrigas, curar corpos e almas.

Ou simplesmente sonhar para que outros sonhem junto, não é isso boa parte do que fazem os artistas — o sal da terra, como os loucos?

Não tenho talento para a pintura, mas um dia desses, estressada, resolvi fazer aquarela. Logo aquarela, que é tão difícil?

Era o que eu queria, que fazer? Tive aulas com uma amiga pintora, mas quando ouvi as explicações e abri os livros que ela me emprestou, decidi que a esta altura da vida não quero mais aprender teoria nenhuma. Ao contrário, ando empenhada em desaprender uma porção delas.

Fiz umas aquarelas ruins, desobedecendo propositadamente às instruções mais elementares. Porém os títulos das pequenas obras-de-não-arte eram bem bonitos: “Flores espantadas ao sol”, “Olho azul aguardando o amanhecer”, “Ascensão perplexa”.

Decidi que meu território continua sendo o das palavras, e desisti de pintar.

Mas, de brincadeira, combinei com minha amiga que um dia faríamos uma exposição (ela, a curadora) em que minhas poucas aquarelas ficariam voltadas para a parede, aparecendo só os títulos escritos no verso, e se chamaria: “Versos de aquarelas.”

A experiência serviu para boas risadas: grande terapia.

Voltando a Picasso: ele não teve vida fácil. Enfrentou conflitos pessoais e mundiais, soube ser sério, soube ser doido, soube ser humano, soube ser brincalhão, soube ser igual aos mais simples.

Criou obras incríveis, cometeu erros como todo mundo, foi amigo, apaixonou-se e fez filhos mesmo numa idade que para a maioria de nós, os acovardados, é a morte antecipada pelo preconceito ou pela acomodação.

Picasso não se aposentou da existência, como em geral fazemos aos cinqüenta anos, aos sessenta ou pouco depois, se é que não nascemos aposentados. Vestimos o pijama ainda que metafórico, arrastamos as pantufas pelo corredor da vida, para nos sentarmos na cadeira de balanço da amargura, abraçados à almofada das eternas lamentações, ah como fomos injustiçados, como nada deu certo, quanto nos sacrificamos.

Podíamos imaginar que, ainda, ou pela primeira vez, é possível tomar nas mãos as rédeas da nossa sorte e criar: se não quadros maravilhosos, pelo menos a nossa própria vida — enquanto pulsar alguma inquietação em nós.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Sumário

Capa
Rosto
Créditos
Dedicatória
Sumário
Abertura
Cavalo-marinho
1 | Em outras palavras
2 | Nossas muitas fomes
3 | Família: conflito e transformação
4 | Por sermos imperfeitos
5 | Anjos montando porcos
6 | A República dos Rabos Presos
7 | Baleias sim, mas eu prefiro gente
8 | Homem, mulher ou pessoa?
9 | Por um pouco de limites
10 | Casacas para virar
11 | "Música para camaleões"
12 | Honrar o pai
13 | Pena sem pena
14 | Senhores das palavras
15 | As paixões humanas
16 | Violência: quem nos protegerá?
17 | Faxinando mitos
18 | Mais sobre mitos
19 | Transgressões positivas
20 | Passagem
21 | Coleira nas crianças
22 | Fênix
23 | Alegria ou aflição de espírito?
24 | Abaixo da margem inferior
25 | O feio vício
26 | Esses meninos são nossos
27 | Tão jovem, a morte

28 | Rotular para descartar
29 | Macho & fêmea
30 | Mistério ou realidade?
31 | Pecado mais-do-que-capital
32 | O privilégio de ser humano
33 | O gato comeu
34 | Versões e inversões: filhos agressivos
35 | A feira das bondades
36 | Caio F. (como ele gostava)
37 | Tirem as crianças da sala
38 | Sobre a amizade
39 | Para onde vamos, feito cegos?
40 | "O menino é pai do homem"
41 | Na República dos Alucinados
42 | Uma trégua para a alegria
43 | Alguém sabe
44 | Quanto merecemos
45 | Incômodo e belo
46 | A conquista da velhice
47 | Nós, os índios
48 | Álcool & Cia.
49 | Mãe ignorância
50 | Quem ama, cuida
51 | O meu boné
52 | A morte da velha dama
53 | Onde somos reis
54 | Podemos ser Picasso
Colofão